

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
CAMPUS CENTRAL – UNIDADE UNIVERSITÁRIA ANÁPOLIS DE CIÊNCIAS
SOCIOECONÔMICAS E HUMANAS – NELSON DE ABREU JÚNIOR
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO INTERDISCIPLINAR EM EDUCAÇÃO,
LINGUAGEM E TECNOLOGIAS

JENIFFER GONÇALVES DO Ó

**O LETRAMENTO FEMINISTA NA EDUCAÇÃO LINGUÍSTICA CRÍTICA:
UMA EXPERIÊNCIA COM PROFESSORAS/ES DE LÍNGUAS EM FORMAÇÃO**

ANÁPOLIS-GO

2024

JENIFFER GONÇALVES DO Ó

**O LETRAMENTO FEMINISTA NA EDUCAÇÃO LINGUÍSTICA CRÍTICA: UMA
EXPERIÊNCIA COM PROFESSORAS/ES DE LÍNGUAS EM FORMAÇÃO**

Dissertação apresentada para Exame de Defesa junto ao Programa de Pós-Graduação *Strictu Sensu* em Educação, Linguagem e Tecnologias da Universidade Estadual de Goiás como requisito parcial para obtenção do título de Mestra.

Área de concentração: Processos Educativos, Linguagem e Tecnologias.

Linha de Pesquisa: Linguagem e Práticas Sociais.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Viviane Pires Viana Silvestre.

ANÁPOLIS-GO

2024

JENIFFER GONÇALVES DO Ó

**O LETRAMENTO FEMINISTA NA EDUCAÇÃO LINGUÍSTICA CRÍTICA:
UMA EXPERIÊNCIA COM PROFESSORAS/ES DE LÍNGUAS EM FORMAÇÃO**

Aprovada em: ___/___/___.

Esta dissertação foi considerada aprovada para a obtenção do título de Mestra em Educação, Linguagem e Tecnologias pela seguinte Banca Examinadora.

Banca Examinadora

Prof^ª. Dr^ª. Viviane Pires Viana Silvestre – PPGIELT/UEG
(Orientadora)

Prof^ª. Dr^ª. Paula Graciano Pereira – IFG
(Examinadora Externa)

Prof^ª. Dr^ª. Barbra do Rosário Sabota Silva – PPGIELT/UEG
(Examinadora Interna)

AGRADECIMENTOS

À Manuella, minha filha. Ela, que durante seis anos consecutivos me escuta falar que preciso estudar e escrever. Sempre tão compreensiva. Prometo que a partir de agora a mamãe vai escrever - um pouco - menos e aproveitar mais com você.

À Dra. Viviane Silvestre. Minha querida amada professora/orientadora Vivi. Se este trabalho hoje existe, foi por todo o acolhimento, orientação e compreensão que tive da sua parte.

À Dra. Barbra Sabota, que desde a graduação aceitou me acompanhar com uma arguição empática, trazendo um ponto de vista crítico, engajado e criativo. Você e Vivi são, para mim, a personificação da educação linguística crítica.

Ao Paulo Passos, que me mostrou que recomeços são possíveis e que amar pode ser leve e prazeroso. Concluir essa dissertação ao seu lado é o respiro que eu tanto precisava.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, pela bolsa de mestrado que subsidiou minha permanência no programa.

Aos meus amigos e minhas amigas da UEG e do PPGIELT: Clebson, Gabriel, Eloísa, Priscylla, Ana Luísa, Vivian e Louise.

Aos/às participantes desta pesquisa, por toda confiança em mim depositada.

A todas as feministas aqui citadas, que ao trilharem um longo caminho contribuíram para que pesquisas como essa existam.

Meus mais sinceros agradecimentos ao Laboratório de Mídias Interativas (LIM) do PPGIELT por ter acreditado no potencial do minicurso e viabilizado toda a sua operação.

[...] viver é um rasgar-se e remendar-se (Rosa, 1979, p. 76).

Compartilhar pensamentos e práticas feministas sustenta o movimento feminista. O conhecimento sobre o feminismo é para todo mundo. (hooks, 2020, p. 48).

RESUMO

GONÇALVES DO Ó, Jeniffer. **O letramento feminista na educação linguística crítica: uma experiência com professoras/es de línguas em formação**. 2024. 107 f. Dissertação (Mestrado em Educação, Linguagem e Tecnologias) – Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias. Unidade Universitária Anápolis de Ciências Socioeconômicas e Humanas - Nelson de Abreu Júnior, Universidade Estadual de Goiás – UEG, Anápolis-GO, 2024.

Objetivei conceber o letramento feminista como ferramenta para um trabalho crítico na formação de professoras/es de línguas. Através da oferta de um minicurso com essa temática, mediado por mim, também busquei compreender os sentidos construídos pelos/as participantes sobre a experiência de uma formação docente feminista e as possibilidades de educação linguística a partir dos letramentos feministas emergidas. Como justificativa apresento reflexões acerca da importância de uma educação feminista para um ensino de línguas crítico, possibilitando uma formação unida a justiça social. A problemática da pesquisa investigou a incursão de cinco licenciandas/os em Letras de diferentes Instituições de Ensino Superior do Brasil. Como embasamento teórico, foram utilizadas as obras de Jordão (2013), Monte Mór (2013), Duboc (2014), Freire (2005), Silvestre (2017, 2018), Sabota (2018), Sardinha (2018), Hooks (2017), Cadilhe (2020) e Souza (2011), que abordam a educação em conjunto com os letramentos críticos para o desenvolvimento do pensamento e das ações críticas das/os alunas/os. A categoria do feminismo foi explorada com base nas obras de Hooks (2017, 2020), Vergés (2020), Collins e Bilge (2021) e González (2020), bem como de outras autoras que contribuíram para o movimento e defenderam a necessidade de uma educação feminista para todos. Para tanto, utilizo variadas fontes de materiais empíricos para compreender os sentidos construídos pelas/os participantes durante sua incursão no minicurso, sendo: uma narrativa inicial; os discursos compartilhados nos encontros síncronos; as curadorias colaborativas postadas nos Padlets e a narrativa final. A análise do material empírico possibilitou observar que o trabalho realizado no minicurso possibilitou a construção de uma formação docente feminista. Além disso, a pesquisa ressalta a necessidade de espaços de formação acadêmica que busquem incentivar o desenvolvimento de uma práxis feminista.

Palavras-chave: Letramento Feminista. Educação Linguística Crítica. Formação de professoras/es.

ABSTRACT

I set out to explore feminist literacy as a powerful tool for fostering critical thinking in language teacher education. Through the creation and facilitation of a short course on this topic, I aimed not only to share knowledge but also to understand how participants perceived and interpreted their experience of feminist teacher education. Additionally, I sought to uncover the possibilities for language teaching informed by the feminist literacies that emerged during the process. This work is rooted in the belief that feminist education is essential for promoting critical, socially just approaches to teaching. The study focused on the journey of five undergraduate students from Language programs across different Brazilian universities. To support this exploration, I drew on theoretical insights from Jordão (2013), Monte Mór (2013), Duboc (2014), Freire (2005), Silvestre (2017, 2018), Sabota (2018), Sardinha (2018), Hooks (2017), Cadilhe (2020), and Souza (2011), who connect education and critical literacies to the development of reflective thinking and transformative actions. The feminist dimension of the study was informed by the works of Hooks (2017, 2020), Vergés (2020), Collins and Bilge (2021), and González (2020), alongside other authors who have advanced feminist theory and emphasized the need for inclusive feminist education. To capture the participants' perspectives, I used a variety of empirical materials, including initial narratives, discussions during synchronous meetings, collaborative curations on Padlets, and final narratives. Analyzing these materials revealed that the short course effectively supported the construction of a feminist approach to teacher education. Ultimately, this research highlights the pressing need for academic spaces that encourage the development of feminist praxis, fostering educators who are prepared to address social inequities through critical and compassionate teaching.

Keywords: Feminist Literacy. Critical Language Education. Teacher Education.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Tweet de JK Rowling.....	47
Figura 2 - Padlet da pesquisadora.....	57
Figura 3 - Tweet problematizando o filme <i>O diário de Bridget Jones</i>	62
Figura 4 - Primeira parte da curadoria de materiais para subsidiar aulas de línguas feministas.....	65
Figura 5 - Segunda parte da curadoria de materiais para subsidiar aulas de línguas feministas.....	70

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Panorama das atividades desenvolvidas na oficina.....	38
Quadro 2 - Símbolos utilizados na transcrição.....	45

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
LAC	Linguística Aplicada Crítica
PIBIC	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica
PIBID	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência
PPGIELT	Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UEG	Universidade Estadual de Goiás

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO: UMA PROFESSORA EM CONSTANTE (DES)CONSTRUÇÃO.....	9
PERCURSO 1 - A EDUCAÇÃO LINGUÍSTICA FEMINISTA É PARA TODO MUNDO.....	14
1.1 AS ONDAS DA LIBERDADE: UMA ANÁLISE DAS LUTAS E CONQUISTAS DAS MULHERES AO LONGO DA HISTÓRIA.....	14
1.1.1 O feminismo representativo é para todo mundo.....	22
1.2 ESPERANÇAR NO ENSINO DE LÍNGUAS ATRAVÉS DA EDUCAÇÃO LINGUÍSTICA CRÍTICA É PARA TODO MUNDO.....	25
1.2.1 Educação linguística e formação de professoras/es no Cerrado: em que ponto estamos?.....	27
1.3 A TESSITURA DAS PALAVRAS: SENTIDOS E POSSIBILIDADES ATRAVÉS DOS LETRAMENTOS FEMINISTAS.....	30
PERCURSO 2 - TEIA DE CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS ATRAVÉS DA PESQUISA QUALITATIVA INTERPRETATIVISTA.....	33
2.1 PESQUISA QUALITATIVA INTERPRETATIVISTA NA LINGUÍSTICA APLICADA.....	33
2.2 A ABORDAGEM FEMINISTA NESTA PESQUISA.....	35
2.3 O CENÁRIO DE ESTUDO.....	36
2.3.1 O minicurso “Por mais letramentos feministas nas aulas de línguas”.....	36
2.3.2 As/Os participantes.....	39
2.3.3 A professora pesquisadora.....	39
2.3.4 Entrelaçando caminhos: os encontros.....	40
2.3.5 A narrativa inicial.....	44
2.3.6 Padlet: entrelaçando palavras e lutas: feministas decoloniais/interseccionais e do movimento feminista negro.....	44
2.3.7 Padlet: curadoria colaborativa de materiais com a perspectiva feminista.....	44
2.3.8 A narrativa final.....	45
2.4 O ESTUDO DO MATERIAL EMPÍRICO.....	45
PERCURSO 3 - TECENDO EM CONJUNTO: A VIVÊNCIA NO MINICURSO.....	46
3.1 O FEMINISMO É PARA TODO MUNDO? REFLEXÕES A PARTIR DE UM PARTICIPANTE DO MINICURSO.....	46

3.2 CONHECER LÉLIA GONZALEZ, PRETUGUÊS E OUTRAS AUTORAS FEMINISTAS NEGRAS É PARA TODO MUNDO.....	53
3.3 COMPARTILHAR/PEDAGOGIZAR O FEMINISMO É PARA TODO MUNDO.....	60
CONSIDERAÇÕES FINAIS: OS LETRAMENTOS FEMINISTAS NÃO PARAM POR AQUI.....	73
REFERÊNCIAS.....	77
ANEXO A - Exemplo de uma narrativa: “O feminismo e eu”.....	85
ANEXO B - Exemplo de uma narrativa: “Eu, futura/o docente de línguas, e o feminismo”.....	86
APÊNDICE A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).....	97
APÊNDICE B - Parecer de Aprovação do Comitê de Ética da UEG.....	92
APÊNDICE C - Programação do minicurso.....	98

INTRODUÇÃO: UMA PROFESSORA EM CONSTANTE (DES)CONSTRUÇÃO

Hoje, aos 28 anos, olho para trás e percebo o quanto me tornei o que sou por causa do feminismo. Já mencionei em outras narrativas - como em meu Trabalho de Conclusão de Curso de Letras - alguns momentos de minha infância em que sentia que algumas questões envolvendo gênero não estavam corretas... Entretanto, sempre bato na tecla do meu despertar para o movimento anos mais tarde, mesmo que já tenha tido certas posturas feministas ao longo da adolescência. Bato nessa tecla pois esse despertar não ficou resumido somente a minha “conversão” ao movimento, mas sim em algo que movimentou a minha vida em todas as áreas, e vou explicar o porquê.

Para explicar, preciso citar uma querida amiga a qual me apresentou o feminismo. Contudo, essa apresentação foi de forma muito natural. Na época, eu havia trancado o curso de Jornalismo em uma faculdade particular e estava totalmente desmotivada com a carreira acadêmica. Já tinha me conformado que faculdade não era para mim. Imagina, eu, filha de pais pobres que nem finalizaram o ensino médio, o que eu poderia querer além da conclusão da educação básica? Estava até de bom tamanho. Não me considerava das mais inteligentes para conseguir passar em uma Universidade pública e estava sem dinheiro para pagar uma particular. Com esse pensamento, entrei em um cursinho de inglês para não ficar sem estudar nada. Refletindo hoje, vejo que isso já era um indício da minha insatisfação em ficar sem estudar, sem desenvolver nada relacionado a um conhecimento teórico/acadêmico.

No cursinho, conheci a Tatiana. Ela na época era doutoranda na área da Saúde. Foi afinidade à primeira vista. Costumo dizer que nunca conheci alguém tão legal como ela. Tati comentava que era feminista, tinha inúmeros livros teóricos do assunto em casa e uma postura admirável. E eu pensava: “poxa, se ser feminista é ser assim, eu também quero ser!” Além disso, despertou minha curiosidade acerca da carreira acadêmica. Eu, que só conhecia o contexto do ensino superior privado, fiquei surpresa ao descobrir que a minha amiga recebia uma bolsa de incentivo à pesquisa para cursar o doutorado. Sinceramente, não imaginava jamais que isso existia. Também fiquei surpresa ao saber que havia bolsas para a graduação, com valores menores, porém ofertadas com certa frequência. Lembro-me do estalo que me deu nas nossas conversas, pensando que talvez, a carreira acadêmica fosse possível sim para mim. Ressalto também o incentivo que a Tati sempre deu, indireto ou diretamente, para que eu entrasse em uma faculdade. Colocando na balança, vi que caso passasse em uma pública e fosse contemplada com uma bolsa, minha permanência seria menos difícil, pois vontade eu já tinha.

Escolhi Letras por conta da nota de corte, confesso. E também por ter uma mínima semelhança com o meu amado jornalismo, apesar da licenciatura. No jornalismo, eu queria seguir carreira no digital ou no impresso, em revistas de atualidades ou de moda. Queria escrever. Portanto, sabia que na Letras havia a possibilidade de escrever também. Não pensava em dar aula, isso seria uma pauta mais a frente para refletir se queria ou não. Estudei sozinha por quase um ano inteiro para o Enem e o vestibular da UEG, pois iria tentar o curso na UFG-Goiânia e na UEG-Anápolis. Eu havia finalizado o ensino médio há cinco anos na época, não lembrava de muita coisa dos temas das provas, tive que estudar quase do zero e equilibrando os estudos com a vida de mãe de uma criança de cinco anos. No final do ano, o resultado: aprovada nas duas universidades públicas! Quase não acreditei! O momento mais gostoso foi optar por qual universidade seguir, nunca esqueço a felicidade. Por conta da comodidade de ser na mesma cidade e ter dupla habilitação, a UEG foi a minha escolha. E não poderia ter acertado mais. Tenho muito orgulho do curso de Letras da minha universidade. Fazemos tanto com tão pouco. Considero que há uma Jeniffer antes da UEG e depois da UEG. Ela formou o meu caráter não só como docente, mas como cidadã e claro, como feminista.

Durante a graduação, minhas perspectivas acerca das questões de gênero foram expandidas. Tive vontade de ler, de estudar, de ser uma boa professora de línguas e além disso, incorporar práticas feministas em minhas ações. Fui bolsista de praticamente todas as modalidades: PIBID, Extensão e PIBIC. Ou seja, passei quase quatro anos completos com subsídios financeiros que me ajudaram a finalizar o curso. Mas obviamente essa não foi a única contribuição das bolsas de graduação. Foi ali que desenvolvi o senso de pesquisadora e exercitei a minha escrita. Se no jornalismo eu queria escrever sobre comportamento feminino, na Letras eu queria escrever artigos sobre feminismo e letramento crítico. Não desmerecendo a minha antiga vontade, mas considero que essa troca faz bem mais sentido para mim.

Além da bolsa, outro fator foi crucial para a minha graduação: a rede de apoio que tive com a minha filha, Manuella. Destaco principalmente a avó paterna, a qual sempre me incentivou a estudar e cuidou da neta para que eu frequentasse as aulas e realizasse as minhas atividades do curso. Isso é feminismo, é sororidade. A avó dela não se considera feminista e não tem conhecimento sobre, mas as atitudes dela durante esses anos foram as mais feministas possíveis.

Na licenciatura, eu não cogitava fazer mestrado. Já era demais, né? Muita ambição... terminar a graduação estava de ótimo tamanho. Meus pais nem terminaram a educação básica. Sabia que eles já teriam muito orgulho de mim. Mas a possibilidade de parar de estudar começou a me causar pânico, pois eu queria trabalhar mais sobre o meu tema de TCC

(Letramentos Feministas). Então, sem muitas expectativas, tentei o processo seletivo do mestrado do PPGIELT-UEG antes mesmo de me formar. E novamente, para a minha surpresa, passei em terceiro lugar, com uma média geral de 9,60. Acho que foi o segundo dia mais feliz da minha vida, perdendo apenas para o nascimento da Manu.

No mestrado, dando continuidade com a temática da minha pesquisa e com o auxílio de minha querida orientadora, Viviane Silvestre - que me orienta desde o estágio, passando pelo TCC- logo fui contemplada com a bolsa CAPES. Algo que além de me proporcionar a permanência no programa, me possibilitou também a independência financeira, uma pauta de luta feminista constante. Com isso, tive maior autonomia em diversas áreas da minha vida, inclusive em tomada de decisões. É claro que nem tudo são flores. Com essa consciência feminista, percebi diversos incômodos durante o meu (antigo) longo relacionamento conjugal. E escolher sair e não precisar ficar também foi uma atitude feminista necessária para mim mesma, por mais que fosse doloroso.

Apesar dos percalços, tenho muito orgulho da trajetória que trilhei e estou trilhando. Assumir uma postura feminista e exercitá-la no social, na maternagem, na academia não é nada fácil, mas é gratificante. E o minicurso nasceu dessa vontade de compartilhar o feminismo com mais pessoas - no caso, licenciandas/os - e, quem sabe, promover uma mudança significativa na vida de alguém, como a Tati, a avó paterna da minha filha, as minhas amigas da vida e também do curso de Letras, as minhas professoras da UEG, promoveram na minha.

A partir disso, concordo com Gloria Anzaldúa (2009) sobre a língua ser uma ferramenta capaz de conectar identidades, capaz de comunicar as realidades e valores para os sujeitos. Para Clarissa Jordão (2013, p. 73), “[...] língua é discurso, espaço de construção de sentidos e representação de sujeitos e do mundo”. Entendo, portanto, que há uma relação estabelecida entre língua e ideologias. Nessa esteira, Walkyria Monte Mór (2013, p. 42) afirma que “o[s] letramento[s] crítico[s] parte[m] da premissa de que a linguagem tem natureza política em função das relações de poder nela presentes”, e, desse modo, a educação linguística crítica tem o potencial de desenvolver uma conscientização crítica dos sujeitos. Ana Paula Duboc (2014) elege os aspectos fundamentais para um trabalho crítico: contextualização, heterogeneidade, subjetividade, multiplicidade de sentidos. Assim sendo, torna-se fundamental explorar temáticas que estejam presentes no cotidiano da sociedade. E perspectivas críticas que abordem temas como desigualdade de gênero e feminismo, além de estarem contextualizadas, são necessárias para a formação de sujeitos menos preconceituosos, com práticas menos machistas e misóginas.

No que tange a formação de professores/as de línguas, me apoio em Duboc (2018), que discute sobre a postura crítica necessitar ser realmente vivenciada pelo/a professor/a -adiciono aqui a/o licencianda/o, como discuto em Gonçalves do Ó (2022), pois “[...] parto da premissa de que só se pode ensinar de maneira crítica quem experimenta um exercício crítico” (Duboc, 2018, p. 22). Silvestre (2018, p. 259) também corrobora essa ideia dizendo que “[...] o viés crítico nesse processo é muito mais que uma opção epistemológica, é uma postura, ou seja, um *modus vivendi*, comprometido eticamente com a desestabilização de desigualdades”. Entendo, portanto, que ao terem contato com os letramentos feministas, os/as professores/as de línguas ainda em formação serão possibilitados/as de acrescentá-los em suas praxiologias, seja na educação básica, seja na academia. Dialogando com Paulo Freire (1999, p. 92), “[...] não é na resignação, mas na rebeldia em face das injustiças que nos afirmaremos”.

Isto posto, para a geração de material empírico da presente proposta de pesquisa foi ofertado o minicurso intitulado “Por mais letramentos feministas nas aulas de línguas”, em parceria com o Laboratório de Mídias Interativas (LIM), do PPG-IELT, tendo como público-alvo licenciandas/os em Letras de qualquer Instituição de Ensino Superior do país. Assim, este estudo tem por objetivo principal investigar como uma experiência de letramento feminista na formação inicial de professoras/es de línguas pode contribuir para a construção de uma formação docente feminista. Como objetivos específicos, almejo: a) Compreender os sentidos construídos pelas/os participantes do minicurso sobre a experiência de uma formação docente feminista; b) Problematizar possibilidades de educação linguística a partir dos letramentos feministas que emergem das participantes da pesquisa. Tendo em vista esses objetivos, este estudo busca responder as seguintes perguntas de pesquisa: 1) Que sentidos são construídos pelos/as participantes do minicurso sobre a experiência de uma formação docente feminista? e 2) Quais possibilidades de educação linguística a partir dos letramentos feministas emergem dos/as participantes da pesquisa. O estudo se orienta a partir de referenciais teóricos feministas - em especial do feminismo decolonial, como Françoise Vêrges (2021); bell hooks (2018, 2020); Maria Lugones (2008); Léila Gonzalez (2020), e da Linguística Aplicada Crítica (Moita Lopes, 1994, 2006) e Alastair Pennycook (2006). Investiga a formação crítica de professoras/es (Silvestre, 2018) através de uma pesquisa qualitativa interpretativista (Moita Lopes, 1994, 2006). Contudo, proponho também um viés de pesquisa metodológica feminista, ainda pouco difundido no país. Como pesquisadoras que utilizam essa epistemologia, trago Sandra Nodari (2021) e Martha Giudice Narvaz e Sílvia Helena Koller (2006) para uma fundamentação epistemológica feminista.

A dissertação está organizada em seções as quais denominei “*percursos*”, contendo diversas subseções, algumas usando títulos metafóricos. As duas primeiras seções utilizam maiores fundamentações teóricas relacionadas à temática investigada e na última, desenvolvo a análise do material empírico gerado pela pesquisa.

PERCURSO 1 - A EDUCAÇÃO LINGUÍSTICA FEMINISTA É PARA TODO MUNDO

Aqui contextualizo as fases de maior ebulição do movimento feminista em escala ocidental ao longo dos anos. Destaco a importância de um feminismo decolonial e interseccional. Em seguida, aprofundo nas raízes do feminismo negro até a contemporaneidade. Por fim, comento a educação linguística crítica na formação de professoras/es de línguas - em especial na região do Cerrado brasileiro - e as possibilidades de construção de sentidos através dos letramentos feministas.

1.1 AS ONDAS DA LIBERDADE: UMA ANÁLISE DAS LUTAS E CONQUISTAS DAS MULHERES AO LONGO DA HISTÓRIA

Para iniciar esta seção sobre as ondas do feminismo, concordo, após alguns conflitos internos sobre utilizar o termo “ondas” para designar os momentos de maior ebulição do movimento feminista no ocidente, com a ideia de Ilze Zirbel (2021) a respeito das perspectivas sobre usar essa metáfora e relacioná-la com feminismo:

[...] podemos pensar as ondas do feminismo de maneira mais orgânica e não como algo que desponta, repentinamente, na realidade social e, certo tempo depois, desaparece. Podemos pensá-las de maneira mais contínua, geradas pela ação de milhares de mulheres, de diferentes locais, etnias, gerações e visões de mundo (Zirbel, 2021, p. 11).

[...] a metáfora da onda nos permite pensar, igualmente, que o feminismo não desaparece nos momentos em que não há grande movimentação na cena pública, mas segue em atividade, possivelmente re-organizando-se e ganhando suficiente força para um novo e significativo avanço. Tempos de “calmaria” (ou de perseguição e silenciamento) não implicam, necessariamente, o fim da indignação, da esperança e do desejo de melhorar as condições de vida materiais e simbólicas nas quais nos encontramos (Zirbel, 2021, p. 19).

Adotando, portanto, a metáfora das “ondas feministas”, trago um panorama histórico-social sobre as três grandes movimentações que forneceram grande sustentação ao movimento, partindo da primeira onda, no século XIX, a qual traz como pano de fundo a Revolução Francesa e a busca das mulheres por direitos iguais aos dos homens. As mulheres, no contexto educacional e político, passaram a reivindicar participação nos direitos conferidos somente aos homens, afirmados através da Declaração de direitos do homem e do cidadão, de 1789 (Silva; Carmo; Ramos, 2021).

A respeito da relação feminismo e luta de classes, Telma Gurgel (2010, p. 16) discorre:

A primeira vez que as mulheres se apresentaram na história como sujeito político, foi no processo da Revolução Francesa (1789). Elas reivindicavam seus direitos políticos [...] existe registro da luta das mulheres pelo direito ao alistamento na carreira militar e ter acesso às armas, na defesa da revolução.

Essas mudanças políticas, trabalhistas e jurídicas na Europa, as quais beneficiavam apenas ao seleto grupo de homens brancos, incentivaram a revolta das mulheres e seu desejo por serem também contempladas com direitos (Zirbel, 2021). No trabalho, o modelo capitalista foi estabelecido, beneficiando-se da grande parcela feminina que praticava o trabalho doméstico não remunerado, como mencionado na obra *O Ponto Zero da Revolução*, de Silvia Federici (2018).

Nos Estados Unidos, feministas se aliaram aos homens que buscavam a abolição da escravidão, tendo como porta voz importante uma abolicionista e ex-escravizada, Sojourner Truth (Silva; Carmo; Ramos, 2021) - autora de um dos discursos feministas mais famosos até os dias atuais:

E não sou mulher? Olhem pra mim! Olhem pro meu braço! Tenho arado e plantado, e juntado em celeiros, e nenhum homem poderia me liderar! E não sou uma mulher? Posso trabalhar tanto quanto e comer tanto quanto um homem – quando consigo o que comer – e aguentar o chicote também! E não sou uma mulher? Dei à luz treze filhos, e vi a grande maioria ser vendida para a escravidão, e quando eu chorei com minha dor de mãe, ninguém, a não ser Jesus me ouviu! E não sou mulher? Se a primeira mulher feita por Deus teve força bastante para virar o mundo de ponta-cabeça sozinha, estas mulheres juntas serão capazes de colocá-lo na posição certa novamente! E agora que elas estão querendo fazê-lo, é melhor que os homens permitam (Santos; Azevedo, 2020, p. 19).

O discurso de Truth é um expressivo marco na história do feminismo negro. Ao questionar as limitações dos movimentos pelos direitos das mulheres da época - com força e eloquência - que muitas vezes anulavam as experiências e demandas das mulheres negras, trouxe pautas que ressoam até os dias atuais. O discurso “Ain’t I a Woman?” (“E eu não sou uma mulher?”) destacou a necessidade de reconhecimento das lutas específicas enfrentadas por mulheres negras, chamando a atenção para as desigualdades enfrentadas por feministas negras e brancas dentro do feminismo. Ao fazer isso, traçou o caminho para a inclusão da interseccionalidade no movimento.

As lutas das mulheres ocorriam por meio de associações, panfletagens, manifestações etc. E as suas principais demandas eram relacionadas à liberdade sexual, à educação formal, melhores condições de trabalho, à reforma do direito matrimonial, onde as colocavam em posição de submissão aos maridos e não menos importante, ao Sufrágio Feminino (Zirbel, 2021). Como discute Gurgel (2010, p. 3),

Nessa primeira onda, os principais objetivos das ativistas eram a participação na vida pública, no campo do trabalho, na educação e na política. A luta era contra o poder burguês regente na época, o regime burguês reafirmou a hierarquia na família como base para a organização social, posicionando-se contra o direito ao amor livre e ao divórcio, reclamado pelas mulheres no processo da Revolução Francesa.

Zirbel (2021), por sua vez, ressalta que, apesar de ser conhecida como a onda em que prevaleceu a vertente liberal do feminismo, não é justo considerar essa afirmação como verdade absoluta, pois, desde o início, grupos heterogêneos de feministas, com as mais diversas pautas, já estavam na luta. Em suas palavras,

É comumente afirmado que as protagonistas da primeira onda eram mulheres de classe média. No entanto, a maioria das manifestantes presentes nas grandes manifestações que deram visibilidade a essa onda era da classe trabalhadora, lutando contra as péssimas condições de vida e trabalho a que estavam submetidas (Zirbel, 2021, p. 14).

O segundo pico, ou a segunda onda feminista, teve seu auge entre décadas de 1960 e 1970, e marcou anos importantes na história do movimento ao reacender discussões sobre igualdade de gênero e direitos das mulheres. Como aponta Zirbel (2021, p. 7), “no período das duas guerras mundiais, milhares de mulheres assumiram postos de trabalho considerados masculinos, tanto na Europa quanto nos EUA. Atuaram como bombeiras, mineiras, condutoras de transporte público, mecânicas, metalúrgicas...”

Simultaneamente, o livro *A Mística Feminina*, de Betty Friedan (1963), considerado como um dos pontapés da segunda onda, se tornou um *best seller* na época. A autora problematizava o aprisionamento das mulheres em papéis domésticos tradicionais e comentava sobre a necessidade de se reconhecer a mulher além do papel de mãe e esposa (Silva; Carmo; Ramos, 2021), usando os escritos como uma forma de protesto para com a situação em que as mulheres, principalmente estadunidenses e europeias estavam passando. “[...] Campanhas foram realizadas para convencer as mulheres, em especial as de classe média e brancas, a retomarem suas posições de esposas submissas e do lar” (Zirbel, 2021, p. 7).

O Segundo Sexo, de Simone de Beauvoir (1949) foi outra obra que ganhou destaque e influenciou este período. A obra tratava da opressão das mulheres e os papéis de gênero na sociedade. Para Beauvoir (1949), as mulheres eram “o outro” no sistema patriarcal. Um dos primeiros trabalhos problematizando questões de gênero escrito, quebrou a ideia comum de feminilidade e ressaltou o quão importante eram a autonomia e emancipação feminina.

Foi na segunda onda que a relação entre o colonialismo e a inferiorização das mulheres ficou mais evidente, principalmente pelas leis e políticas conservadoras que as colocavam no grupo mais oprimido. Com isso, o feminismo abarcou também outras lutas: anticolonialista, antirracista, pró-lesbianismo, pró-aborto seguro, pró direitos reprodutivos etc. (Zirbel, 2021).

Uma das contribuições mais emblemáticas desse período foi a introdução da pílula anticoncepcional, com sua comercialização aprovada em 11 de maio de 1960, nos Estados Unidos. O anticoncepcional na segunda onda foi mais do que somente um medicamento de controle de natalidade. Foi a democratização da pílula e o desenlace entre sexo e reprodução (Leal; Bakker, 2017). Com isso, o “anticoncepcional veio ao encontro dos clamores feministas por liberdade sexual e ajudou a potencializar esses enfrentamentos da moral da época, produzindo novas invenções do feminino” (Leal; Bakker, 2017, p. 3).

Isso também foi abordado por Friedan (1963), onde a pílula anticoncepcional foi vista como ferramenta para a autonomia feminina, às permitindo adiar a maternidade e buscar carreiras e educação. Beauvoir, considerada a principal teórica feminista da segunda onda, se posicionava contra a maternidade compulsória, afirmando que a natureza não poderia nunca ditar uma escolha moral. A partir disso, se tornou porta-voz na luta de “[...] controlar a função reprodutora por meio de práticas anticoncepcionais para o processo de emancipação feminina” (Leal; Bakker, 2017, p. 12).

Essas manifestações ocorrem, nos Estados Unidos, em paralelo ao movimento Hippie, já que ambos os movimentos buscavam uma maior liberdade individual e questionavam as normas sociais tradicionais. O movimento hippie promovia a ideia de "paz e amor", bem como a liberdade sexual, o que estava alinhado com os objetivos feministas de que as mulheres deveriam ter controle sobre seus corpos e vidas sexuais (Botelho; Sousa, 2019). Susan Brownmiller discutiu, em *Against our will: men, women and rape* (1975), como essas duas correntes culturais se entrelaçaram e contribuíram para a crescente conscientização sobre questões de gênero e sexualidade.

A influência do movimento hippie e da pílula anticoncepcional na Segunda Onda Feminista foi significativa. Enquanto o movimento hippie enfatizava a liberdade individual e a rejeição das normas tradicionais, a pílula anticoncepcional proporcionava às mulheres o

controle sobre seus próprios corpos e vidas reprodutivas. Essas mudanças sociais se refletiram nas demandas feministas por igualdade de gênero, autonomia reprodutiva e direitos sexuais. O feminismo da Segunda Onda aproveitou o momento gerado por esses movimentos para desafiar as normas tradicionais de gênero e contribuir para um maior debate acerca das questões de gênero, autonomia reprodutiva e sexualidade.

Ainda sobre a pluralidade das causas feministas, destacaram-se três vertentes feministas durante estes anos. Foram eles o feminismo socialista - que interseccionava a desigualdade de gênero com os fatores econômicos - o feminismo liberal e o feminismo radical:

[...] o feminismo liberal surge a partir dos princípios do Iluminismo, mediante as disputas do campo científico e artístico entre homens e mulheres que receberam educação formal, ainda no século XVIII. Postula que homens e mulheres merecem direitos iguais e concentram-se mais nas ações individuais. O feminismo radical é o rompimento com essa ideia liberal e cria uma teoria política e social que investiga as origens da opressão patriarcal e questiona privilégios masculinos (Figueiredo; Oliveira, 2019, p. 5).

Alicerçado principalmente na segunda onda, o feminismo liberal é a vertente que busca promover a igualdade de gênero dentro das estruturas sociais e políticas existentes, frequentemente associando-se aos princípios do liberalismo, o que na teoria pode ser um belo discurso, não consegue ser efetivamente combativo na prática. No capítulo “O feminismo liberal está falido. É hora de superá-lo”, do livro *Feminismo para os 99%* (2019), a teórica crítica feminista Nancy Fraser defende que esta vertente é parte do problema, já que “[...] se recusa firmemente a tratar das restrições socioeconômicas que tornam a liberdade e o empoderamento impossíveis para uma ampla maioria das mulheres. Seu verdadeiro objetivo não é igualdade, mas meritocracia” (Fraser, COMI 2019, p. 37). Ao invisibilizar os percalços para o acesso de todas as mulheres, vem à tona outra característica do feminismo liberal: a terceirização da opressão. Mulheres mais favorecidas por suas intersecções se apoiam em mulheres menos favorecidas - em sua maioria imigrantes, negras ou periféricas - para a realização do trabalho doméstico e de cuidado, e para completar, não as remuneram de forma justa.

Por outro lado, Amy Baehr (2020) defende a existência de duas formas de feminismo liberal. Seriam elas as feministas liberais clássicas contemporâneas, as quais limitam o feminismo a ser contrário às leis que favorecem a desigualdade no tratamento, seja para homens, seja para mulheres. Tudo é visto sob a mesma ótica, e pluralidades não são consideradas. Por isso, mulheres pertencentes à essa ramificação estão culturalmente à direita.

Já feministas liberais igualitárias, para Baehr (2020), veem o Estado como aliado no que tange à busca por autonomia das mulheres e paridade na participação feminina democrática.

Contudo, Fraser (2019, p. 42) problematiza que “[...] a igualdade salarial não significa muita coisa para as mulheres pobres e trabalhadoras, a não ser que tal reivindicação também seja por empregos com salários mais justos e direitos trabalhistas significativos, além de uma nova visão e organização do trabalho doméstico e de cuidado”. A teórica feminista propõe uma abordagem crítica bivalente, associando a teoria da justiça cultural à teoria da justiça distributiva. Ela utiliza a esfera política e o conceito de paridade de participação como critério para distinguir entre demandas justificadas e não justificadas. Assim, a justiça, conforme destacado por Fraser (2003, p. 36), exige estruturas sociais que viabilizem a interação igualitária de todos os membros da sociedade como pares.

Como falar de feminismo liberal sem mencionar um dos seus maiores cânones? *O Mito da Beleza* - lançado originalmente em 1992 -, de Naomi Wolf, está recheado de pautas da vertente liberal - sem considerar a pluralidade de mulheres oprimidas em escala mundial - e que só começou a ser criticado por volta dos anos de 2010, já na terceira onda, pois

[...] apesar de pontuar algumas questões de ordem psicológica como o amor-próprio, seu grande enfoque é dirigido ao campo econômico e profissional como bem aborda o Feminismo Liberal, corrente da qual a autora se enquadra. Tal corrente feminista expressa diversas limitações, o que se reflete na obra de Wolf onde não há questionamento acerca do modelo liberal nem atenção devida dada a multiplicidade de forma de existência contidas no ser mulher e no fato de que algumas existências não estão nem mesmo incluídas numa estrutura onde é possível “evoluir”. Mulheres negras têm uma experiência diferente em relação ao mito da beleza. Os ideais estéticos são conduzidos influenciados pelo racismo estrutural e prova disso, é a dimensão que o cabelo ocupa na vida destas mulheres implicado em um projeto colonial de embranquecimento (Marques, 2019, p. 13).

Entretanto, não se pode apagar a presença de feministas negras, latinas, lésbicas e ecologistas [na segunda onda] ainda que em menor escala (Zirbel, 2021). “Surge [...] a expansão do feminismo pelo mundo, por meio de movimentos sociais, trazendo uma nova concepção de mulher reflexiva, buscando seus direitos e valores, negados por um modelo tradicional de ideias machistas” (Santos; Azevedo, 2020, p. 109). Esse foi um período de ebulição dos grandes avanços significativos na luta feminina pela igualdade de gênero, preparando terreno para as gerações futuras de ativistas. Com isso, as reivindicações desse período se incorporam à próxima onda, reafirmando a importância de conhecer/reconhecer a evolução das lutas históricas das mulheres ao longo do tempo.

Patricia Hill Collins, em *Black feminist thought* (1990), cita Maria W. Stewart como uma intelectual negra pioneira em difundir discursos políticos e a distribuí-los. “Maria Stewart incentivou as afro-americanas a rejeitar as imagens negativas da condição de mulher negra, tão presentes em seu tempo, assinalando que as opressões de raça, gênero e classe eram as causas fundamentais da pobreza das mulheres negras” (Collins, 1990, p. 30). Isso, nos anos de 1830, era um confronto e tanto em contrapartida às opressões de raça e gênero da época. Stewart foi uma das primeiras feministas negras, buscando sempre promover uma rede integrada de mulheres negras que apoiassem umas às outras, “[...] Até quando dirão que as filhas da África não têm ambição nem força?”, perguntou ela. “Chega. Que os corações femininos se unam pela criação de um fundo; daqui a um ano e meio, talvez já tenhamos o suficiente para construir uma escola secundária, a fim de desfrutarmos dos mais altos ramos do conhecimento” (Collins, 1990, p. 33). Sabendo também da importância do valor intelectual para subsidiar as lutas, afirmava: “[...] voltem-se para o conhecimento e o aprimoramento, porque conhecimento é poder” (Collins, 1990, p. 33).

Ao revisitarmos o histórico de afro-americanas intelectuais precursoras, os resultados das buscas são menores do que deveriam ser. A própria Patricia Hill Collins reflete sobre a quantidade de intelectuais negras as quais não conhecemos, seja por não terem seguido carreira - engolida pela subordinação ao trabalho doméstico e aos homens - seja por trabalharem na obscuridade, sem reconhecimentos. Esse trabalho, tantas vezes invisibilizado, visa “[...] suprimir os conhecimentos produzidos por qualquer grupo oprimido facilita o exercício do poder por parte dos grupos dominantes, pois a aparente falta de dissenso sugere que os grupos subordinados colaboram voluntariamente para sua própria vitimização” (Collins, 1990, p. 34), portanto, infelizmente não é surpresa o nome de Maria Stewart não ser conhecido por feministas ao redor do mundo.

Não há como citar denúncias às questões de gênero e raça sem mencionar a escritora estadunidense Chloe Anthony Wofford - mais conhecida como Toni Morrison. Nascida em 1931 e incentivada a ler desde cedo pelos pais, trabalhou em bibliotecas e editoras. Foi a primeira mulher negra a ser editora chefe da Random House Company. Produtora de uma extensa literatura engajada, Morrison publicou seu primeiro romance, *O olho mais azul*, em 1970 - abordando problemáticas como racismo, condição da mulher e a comunidade afro-americana. Entretanto, sua obra foi ignorada pela crítica, vindo a ter reconhecimento somente anos depois. Ao longo de sua carreira, também escreveu livros infantis e peças de teatro (Lage, 2017).

Outra importante representante da luta das feministas negras contemporâneas é Ângela Davis. A filósofa desempenhou um papel fundamental no desenvolvimento e fortalecimento do feminismo negro, deixando um legado que uniu academia e feminismo. Sua contribuição teórica, como em *Mulheres, Raça e Classe* (2016 [1981]), foi inédita ao denunciar os vários eixos de opressões enfrentados pelas mulheres negras, indo além das opressões de gênero. Assumidamente comunista e estudiosa do Marxismo, sua análise crítica das estruturas sociais e econômicas foi pautada especialmente no contexto dos Estados Unidos. Davis também desenvolveu sua própria interpretação do marxismo, integrando elementos da teoria crítica, feminismo e teoria da libertação negra. Em *Mulheres, Raça e Classe* (2016 [1981]), trouxe sua perspectiva interseccional entre raça, classe e gênero nas experiências de opressão.

Além disso, a autora problematizou diretamente as estruturas institucionais que perpetuavam a marginalização das mulheres negras. Com frequente atuação política, Davis entrelaçou a luta feminista negra com as lutas mais amplas por justiça. Vítima de dura perseguição política na década de 1960, foi inserida na lista dos dez mais procurados pelo FBI. Foi presa em 1970, ficando 16 meses encarcerada. [...] Sua prisão, claramente política, mobilizou o mundo inteiro através da campanha feita pelo Comitê Libertem Ângela Davis e Todos os Presos Políticos, até ela ser inocentada de todas as acusações (Rodrigues; Ferreira, 2021, p. 3).

No Brasil, o movimento feminista atravessou um período significativo de expansão e diversificação, consolidando-se como parte da terceira onda do movimento. Tradicionalmente concentrado em setores específicos da sociedade, o feminismo ampliou seu alcance, envolvendo grupos diversos e diferentes classes sociais. Esse processo de popularização trouxe novas pautas à tona, como a participação feminina na política e nos sindicatos, impulsionada pela implementação de ações afirmativas. Entre as medidas de destaque, estavam as cotas mínimas para mulheres em cargos de liderança partidária, sindical e em candidaturas legislativas, que buscavam reduzir a sub-representação feminina nesses espaços de decisão. (Felgueiras, 2017).

Simultaneamente, o movimento ampliou seu escopo para questões relacionadas à saúde, com atenção especial às mulheres vivendo com HIV e às mulheres negras, evidenciando desigualdades estruturais que impactam grupos específicos. Outro marco da década foi a proliferação de ONGs voltadas à defesa dos direitos das mulheres, que atuaram como importantes ferramentas de suporte e visibilidade para causas diversas. Além disso, intensificaram-se os debates em torno da interseccionalidade, que buscavam reconhecer e

integrar as especificidades de gênero, raça, classe e orientação sexual nas reivindicações feministas. (Felgueiras, 2017).

Embora essas mudanças tenham fortalecido o movimento, elas também trouxeram desafios significativos, especialmente no que diz respeito à fragmentação causada pela pluralidade de pautas e pela segmentação temática. Essa diversidade, contudo, consolidou um feminismo popular e mais interseccional, capaz de dialogar com realidades heterogêneas e promover avanços relevantes na luta por igualdade de gênero. Assim, a década de 1990 marcou uma etapa fundamental na trajetória do feminismo no Brasil, ao mesmo tempo em que ressaltou a complexidade de articular demandas diversas em um único movimento. (Felgueiras, 2017).

Em consequência, sendo concebida pelas duas ondas anteriores, a terceira onda causa discordância sobre ainda estar em vigência ou preceder uma quarta onda. Zirbel (2021) a contextualiza a partir de uma ou duas décadas após o ensaio de Rebeca Walker (1992), em que denunciava o sexismo vigente na década de 90 e instigava uma nova ebulição feminista, um chamado para uma terceira onda. Este período foi/é marcado pelas temáticas como os direitos reprodutivos das mulheres, a defesa da maternidade como opção, a educação sexista, a heterossexualidade compulsória, dentre outros. Ainda sob forte influência de *O Segundo Sexo* (1949) e após os anos 2000, marcada pelo ciberativismo e “[...] trazendo as diversidades feminina, com demandas específicas, trazendo com bastante força do movimento negro, movimentos homossexuais, lesbianismo, transexuais entre outros” (Silva; Carmo; Ramos, 2021, p. 111). De acordo com os/as autores/as,

Na atual conjuntura, as mulheres alcançaram a liberdade de expressão do pensamento, seu direito a voto, seu engajamento na política, assumindo cargos elevados na esfera do legislativo, judiciário e executivo, trabalhando ativamente em construções, como motoristas, arquitetas entre outras, ocupando diversos cargos e funções. Outro destaque foi o direito sobre o seu próprio corpo, a sua sexualidade o direito de decidir sobre a contracepção, esterilização, abortos previstos em lei e opção sexual. Foi através de um longo percurso, enfrentando diversas formas de discriminações, segregação, violência, na maioria das vezes inferiorizadas por uma sociedade machista, que esse movimento conquistou força e ganhou o seu espaço ao longo dos anos (Silva; Carmo; Ramos, 2021, p. 112).

Com algumas demandas já sanadas, como o aborto seguro e legal, o direito ao voto feminino, o acesso à educação, ao divórcio etc. - em países como EUA -, foi mais possível direcionar o foco para outras questões ainda não amenizadas. Entretanto, na maioria dos países, a luta por direitos mínimos de cidadania ainda perdurou. Todavia, reivindicações como a luta contra a violência física, o feminicídio, o abuso psicológico, a desigualdade no mercado de

trabalho e os privilégios masculinos, seguiram sendo pautas comuns à maioria das mulheres (Zirbel, 2021).

Emerge, na terceira onda, termos como *interseccionalidade* e *decolonialidade*, os quais abordarei com mais detalhes na próxima seção.

1.1.1 O feminismo representativo é para todo mundo

Sampleada na canção “Flawless” (2013), da cantora estadunidense Beyoncé, a frase da escritora Chimamanda Adichie se tornou viral para conceituar o que é ser feminista: [...] uma pessoa que acredita na igualdade social, política e econômica dos sexos” (Adichie, 2014). Ao considerar a aproximação do feminismo com o status pop há algumas décadas, invocou-se também a demanda pela maior difusão da teoria conceitual que acompanha o movimento.

Opto por complementar o conceito de feminismo com a definição de bell hooks (2020, p. 13): “o feminismo é um movimento para acabar com o sexismo, exploração sexista e opressão”. A autora elege essa definição como mais adequada, pois explicita que o movimento feminista não é “anti-homem” - como tão propagado atualmente - e sim anti- sexista. Para combater o sexismo, hooks (2020) defende substituir pensamentos a ações sexistas por pensamentos a ações feministas.

Contudo, se faz necessário não conceber o feminismo como um movimento hegemônico, pois

Cada sujeito(a) do feminismo é um nó articulador da rede, teia, malha político-comunicativa que conecta organizações, pessoas, práticas, ideias e discursos. [...] Os nós articuladores são vinculados entre si por uma gramática política forjada nas interações dinâmicas com os campos de poder inseridos em uma determinada conjuntura histórica. Isso significa que as teias discursivas do feminismo refletem relações de poder, conflitos e lutas interpretativas (Silva, 2020, p. 274).

Pode-se elegeer o feminismo negro como uma grande articulação dentro do próprio feminismo. Para Maria da Graça Barros (2020), ele foi responsável por enfatizar e denunciar as diferenças entre as mulheres negras e as mulheres brancas, inclusive as feministas. Já no âmbito dos países da América Latina, cada vez mais feministas abraçam as perspectivas decoloniais, numa luta a favor das pautas identitárias, como define Vergès (2020, p. 8), “O feminismo decolonial é a vertente do movimento que entrecruza questões de gênero, raça e classe. Ele deve ser antipatriarcal e anticapitalista”.

A definição de Vergès (2020) nasce a partir de Lugones (2008) e se alinha a de Zelinda Costa (2020, p. 302), que traz que

O feminismo decolonial, movimento iniciado por ativistas e teóricas feministas latino-americanas, radicalizará a crítica epistêmica realizada pela teoria decolonial revisando-a, questionando-a, complementando-a, ao evidenciar a intrínseca relação entre o sistema colonial e de gênero, além de criticar a ideia universal de mulher implícita nos feminismos brancos e eurocêntricos.

Uma potente voz do feminismo decolonial é a teórica chicana Gloria Anzaldúa. Em sua obra *La conciencia de la mestiza: rumbo a una nova consciencia* (2005), apresenta o conceito de “*pensamento de fronteira*”. Ela defende que as mulheres, ao habitarem fronteiras geográficas, culturais e identitárias possuem uma perspectiva/vivência única que vai além das categorias tradicionais. Com isso, esse pensamento de fronteira precisa compor o feminismo decolonial para buscar transcender as fronteiras que o colonialismo impõe. Em síntese, o feminismo decolonial quer desestabilizar estruturas opressivas que resultam da intersecção entre gênero, raça e colonialismo. Levando em conta o *pensamento de fronteira*, essa abordagem promove a visibilidade da mestiçagem cultural e identitária. Anzaldúa também destaca a importância da espiritualidade indígena e do curanderismo na cura das feridas coloniais. Essa vertente oferece uma visão crítica para a construção de uma justiça social autêntica e que considere o global, sendo relevante para as mulheres latinas, negras e indígenas, cujas identidades muitas vezes não se encaixam nas demais vertentes feministas.

Diante desse pensamento, podemos articular ao feminismo decolonial as pautas que emergem a partir da interseccionalidade - termo cunhado por Kimberlé Crenshaw (1989) que, nas palavras de Carla Akotirene (2019), trata do embate entre avenidas identitárias de barreiras raciais e sexistas, promotoras do racismo, como exemplo o movimento feminista branco. Sobre essas avenidas identitárias, Silva (2020, p. 292) ilustra: “[...] cada avenida é um eixo de opressão. A mulher situada no cruzamento das avenidas é impactada simultaneamente pelos fluxos de opressão que confluem no impacto”. A socióloga Patricia Hill Collins, em *Black Feminist Thought: Knowledge, Consciousness and the Politics of Empowerment* (1990), considerado um cânone bibliográfico nos estudos de raça e gênero, discorre

Interseccionalidade é um conceito que descreve as interações entre múltiplas formas de opressão, discriminação e desvantagem. As interações entre o racismo, sexismo e outras formas de opressão podem criar experiências únicas e diferentes para as mulheres negras, cujas vozes e perspectivas muitas vezes

são ignoradas ou marginalizadas nas lutas feministas e antirracistas (Collins, 1990, p. 221).

Com suas críticas ao feminismo hegemônico, autoras pós-coloniais como Anzaldúa (2009), Maria Lugones (2008), Patricia Hill Collins (1990) potencializam a necessidade da interseccionalidade nas perspectivas feministas. Sobre isso, Akotirene (2019, p. 14) afirma:

A interseccionalidade visa dar instrumentalidade teórico-metodológica cisheteropatriarcado, à inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo [...] em que mulheres negras são repetidas vezes atingidas pelo cruzamento e sobreposição de gênero, raça e classe, modernos aparatos coloniais.

Cito também a voz da jornalista paquistanesa-americana, Rafia Zakaria, que na obra *Contra o feminismo branco* (2021), discute o papel da branquitude e o privilégio racial dentro do movimento feminista e alerta:

Uma feminista branca pode ser uma mulher que respeita seriamente os preceitos da “interseccionalidade” — a necessidade do feminismo de refletir desigualdades estruturais relativas a raça, fé, classe, deficiência etc., assim como gênero —, mas falha em ceder espaço para feministas de cor que têm sido ignoradas, invisibilizadas e excluídas do movimento feminista (Zakaria, 2021, p. 10).

Pela necessidade de uma interseccionalidade que realmente seja colocada em prática, complemento com Collins e Sirma Bilge (2021), que a concebem como ferramenta analítica imprescindível para estudos feministas. Também no movimento de interseccionalização, trago Lélia Gonzalez (2020) e hooks (2020), ativistas feministas que denunciam/avam

[...] o que geralmente encontramos ao ler os textos e a prática feminista são referências formais que denotam um tipo de esquecimento racial [...] racismo por omissão e cujas raízes, dizemos, estão em uma visão de mundo eurocêntrica e neocolonialista (Gonzalez, 2020, p. 141).

A visão de mundo eurocêntrica é discutida por Petrone (2019), embasada em Arruzza, Fraser e Bhattacharya (2019, p. 41), as quais trabalham o termo “feminismo para os 99%” - a necessidade de um feminismo anti-racista e anti-imperialista: “[...] não é possível que nosso feminismo deixe corpos pelo caminho. Não há liberdade possível se a maioria das mulheres não couber nela [...] [d]a maioria das mulheres. [D]as 99%”. Há, portanto, a necessidade de um movimento feminista que não deixe corpos pelo caminho, pois o verdadeiro sucesso do feminismo só pode ser alcançado quando todas as mulheres, especialmente a maioria -

pertencentes aos grupos minorizados - são incluídas. Esse apelo por um movimento mais inclusivo e atento às complexas intersecções reflete uma chamada sôfrega para nos juntarmos à luta ativa pela justiça social global e igualdade de gênero.

1.2 ESPERANÇAR NO ENSINO DE LÍNGUAS ATRAVÉS DA EDUCAÇÃO LINGUÍSTICA CRÍTICA É PARA TODO MUNDO

A partir do século XX, o movimento a favor de uma ampliação da natureza da linguagem ganha força. Sobre isso, Pennycook (2006) e Moita Lopes (2006) corroboram no que se refere a gama de possibilidades de construção de conhecimento através da Linguística Aplicada Crítica,

[...] são tempos em que os ideais da modernidade têm sido questionados e reescritos, principalmente os aqueles referentes à definição do sujeito social como homogêneo, trazendo à tona seus atravessamentos identitários, construídos no discurso. (Moita Lopes, 2002), como também ideais que dizem respeito a formas de produzir conhecimento sobre tal sujeito, que tradicionalmente o descorporificavam no interesse de apagar sua história, sua classe social, seu gênero, seu desejo sexual, sua raça, sua etnia (Moita Lopes, 2006, p. 22-23).

A LAC é bem mais do que a adição de uma dimensão crítica à LA. Ao contrário, possibilita todo um novo conjunto de questões e interesses, tais como identidade, sexualidade, acesso, ética, desigualdade, desejo ou a reprodução da alteridade, que até então não tinham sido considerados como interesse em LA (Pennycook, 2006, p. 68).

Portanto, na LAC “o exercício da palavra, possibilita que se trate de qualquer tema” (Moita Lopes, 2013, p. 10). E a LAC nas aulas de línguas? Rosane Pessoa (2010) faz a reflexão: [...] Não podemos nos esquecer de que aulas de línguas na contemporaneidade geralmente envolvem o uso de repertórios linguísticos para falar de quem somos e como vivemos.” (Pessoa, 2010, p. 39). Em Moreira, Gonçalves do Ó e Pereira (2023, p. 16), ressaltamos “[...] hooks (2017) fala da língua como espaço de resistência. Se a língua é capaz de ferir, ela também pode curar. Discutir, problematizar e ressignificar são verbos importantes para os/as que querem seguir nessa caminhada”. Por fim, é necessário reconhecer o espaço da LAC dentro da educação linguística crítica e seguirmos lutando pela sua expansão dentro dos cursos de formação de professores/as de línguas.

E como não constatar a presença da interseccionalidade na LAC? Ela parte “[...] do ponto de vista dos atravessamentos identitários de classe social, raça, etnia, gênero, sexualidade,

nacionalidade” (Moita Lopes, 2006, p. 25). Como discutido em Moreira, Gonçalves do Ó e Pereira (2023, p. 9), “[...] é a partir da popularização dos estudos da linguagem que a necessidade de um fazer interseccional se torna mais efervescente para a Linguística Aplicada”. Discussões acerca da inserção de temáticas críticas na educação linguística se fazem necessárias para que a educação linguística não limite apenas ao ensino das normas gramaticais e ao desenvolvimento da competência linguística, já que podem abarcar também aspectos culturais, sociais e políticos, que influenciam e são influenciados pela linguagem.

Suresh Canagarajah (2013) - outro linguista que reforça as ideias discutidas - acredita ser fundamental que haja uma reflexão crítica sobre a linguagem, para que assim possamos compreender a forma como a linguagem é usada para construir e sustentar as relações de poder, e em contrapartida, como podemos usar a linguagem para desafiar e subverter essas relações, possibilitando a resistência de identidades e discursos alternativos.

Ainda no segmento crítico, penso ser necessário abordar os letramentos que o contempla. Patrícia Sardinha (2018, p. 1) defende que os letramentos críticos objetivam “[...] a formação de cidadãos que se tornem agentes em um mundo mais justo por meio da crítica aos atuais problemas políticos e sociais mediante questionamentos das desigualdades”. Esses letramentos são baseados na concepção de que a linguagem não é neutra, mas é influenciada pelas relações de poder presentes na sociedade. Ou seja, língua como prática social - Bakhtin (2006) - o qual concebe a língua como uma prática social que não pode ser desvinculada do sujeito e das condições de produção. Assim, as aulas de línguas devem levar em conta essas relações de poder e capacitar as/os estudantes a problematizar e resistir à opressão linguística e social. A abordagem dos letramentos críticos busca promover a consciência crítica em relação aos discursos hegemônicos presentes na sociedade e incentiva o desenvolvimento de estratégias de resistência e transformação social.

A relevância da crítica à educação bancária sustentada por Freire (2005) é perceptível em Clarissa Jordão (2018), Barbra Sabota (2018) e Viviane Silvestre (2018) no que diz respeito à educação linguística crítica. Alinhada a essa perspectiva está bell hooks no livro *Ensinando a transgredir* (2017), discutindo a respeito de uma abordagem pedagógica que valorize a diversidade cultural e a multiplicidade de experiências das/os estudantes. Visto que a educação deve ser uma prática democrática e que considere as formas específicas de opressão presentes na sociedade. Assim, hooks (2017) argumenta a favor de um ensino crítico e feminista. Segundo a autora, essa é a forma de desestabilizar estruturas hierárquicas raciais e hegemônicas presentes não só na sociedade, como no campo educacional, uma vez que ensino tradicional perpetua desigualdades, inclusive a de gênero. Tenho muita afinidade com a perspectiva de bell hooks,

pois destaca a importância de uma postura educacional crítica e feminista, partindo do ponto de que para uma mudança na sociedade, precisamos começar pelo ambiente escolar.

1.2.1 Educação linguística e formação de professoras/es no Cerrado: em que ponto estamos?

Em Tânia Rezende, Viviane Silvestre, Rosane Pessoa, Barbra Sabota, Valéria Rosa-da-Silva e Laryssa Paulino Sousa (2020), temos uma discussão acerca da formação docente pautada na decolonialidade e conseqüentemente, na educação linguística crítica. Escrito por professoras pesquisadoras que atuam na região do cerrado brasileiro, a entrevista leva a refletir sobre quais praxiologias estão sendo construídas em nosso contexto de formação. Rezende *et al.* (2020, p. 18), logo no início, afirmam que, no que tange a formação docente, “[...] corpo, território, língua e cultura são indissociáveis”. Escolher seguir nas pesquisas sobre educação linguística crítica também me insere neste grupo, mesmo que iniciante - o qual tenho muito orgulho - de pesquisadora dessa área no cerrado.

Pensar na formação de outras/os professoras/e, partindo do meu espaço de vivência, em especial da UEG Campus Anápolis-GO, me recorda uma metáfora:

É desse modo que entendemos que a formação de professoras [...] é como a floração do ipê durante a árida seca no Cerrado brasileiro: um espetáculo que encanta e nos lembra do cuidado e do afeto da natureza em tempos de dureza; mas também a promessa de duas sempre melhores se respeitarmos e cuidarmos de nossas matri-raízes (Borelli *et al.*, 2021, p. 23).

Considero que passei (e ainda passo) por esse processo de floração, principalmente durante a minha licenciatura em Letras. Seria impossível falar sobre educação linguística crítica sem mencionar as/os linguistas - especificamente em Goiás- que a propagam e a tem incorporada em suas práticas. Desde o início da minha graduação em 2018, tenho convivido com professoras/es que não são apenas grandes referenciais teóricos para mim, e sim referenciais de um ensino freireano e inspirador. Como Viviane Silvestre, Barbra Sabota e Ariovaldo Lopes Pereira, docentes do curso de Letras que me introduziram ao ensino crítico e, a partir daí, significativo para mim. No campo de formação crítica docente, Silvestre (2017, p. 80) - minha orientadora desde o estágio, ou seja, minha mãe-acadêmica - dialoga

A formação crítica de professores/as de línguas se insere no escopo da Linguística Aplicada Crítica e tem como principal objetivo instigar e fomentar

a atuação crítica no contexto de educação linguística [...] o que faz com que, por vezes, estudos com foco em perspectivas críticas de educação linguística se interseccionem com estudos voltados para a formação crítica docente.

Mas o que seria o crítico nos estudos da Linguística Aplicada? Concordo com Silvestre (2017), apoiada em Pennycook (2001, 2004a, 2004b, 2006, 2010b, 2012), que define três acepções para este termo, a saber: “[...] 1) pensamento crítico ou avestruzismo liberal; 2) modernismo emancipatório; 3) prática problematizadora” (Silvestre, 2017, p. 80). Acredito, portanto, que a proposta do minicurso se aproxime dessas acepções. Além disso, busquei também promover, em todos os encontros, espaços de fala para as/os professoras/es que contemplassem suas concepções, valores e verdades (Silvestre, 2017).

Outro ponto que considere ao elaborar o minicurso se materializa nos questionamentos de Rezende *et al.* (2020, p. 19):

Vamos pensar quais são esses corpos que estão nas licenciaturas. Quem são essas pessoas? Então, vamos juntar esses dois pontos e pensar: como fazer uma formação docente que respeite a humanidade dessa pessoa que está se formando e, ao mesmo tempo, que a forme sem imposição?

Em minha vivência na Universidade, pude observar a discrepância na quantidade de licenciandas em Letras em relação a quantidade de alunos homens. Sei que é um fator que ocorre em grande parte das licenciaturas brasileiras. Portanto, a maioria dos corpos presentes no meu curso eram de mulheres, e precisavam de espaços de fala que contemplassem as suas experiências, apreensões e perspectivas enquanto futuras professoras de línguas da educação básica em Goiás. O desafio foi proporcionar momentos de legitimação institucional do foco acadêmico em trabalhos feitos por mulheres (hooks, 2020), de forma dialogada, em contraponto à uma educação bancária (Freire, 2005) de apenas transmissão de conhecimento. Nos encontros, atuei como mediadora e não como detentora de todo o saber da teoria feminista, até porque isso não é uma verdade. Como diz hooks (2020, p. 25), “Feministas são formadas, não nascem feministas. Complemento com a ideia da formação/conscientização e aprendizado constante. Essa experiência de extensão acadêmica me lembra as narrativas de bell hooks sobre o feminismo e a academia, como quando

O movimento feminista se fortaleceu quando encontrou o caminho da academia. Em salas de aula por toda a nação, mentes jovens eram capazes de aprender sobre pensamento feminista, ler teoria e usá-la em pesquisas acadêmicas. Quando eu era estudante de pós-graduação e me preparava para escrever a dissertação, o pensamento feminista me permitiu escolher escrever

sobre uma escritora negra que não era muito lida na ocasião, Toni Morrison (hooks, 2020, p. 43).

O pensamento feminista também me levou a escolhas acadêmicas críticas. Se produzi textos pautados na perspectiva feminista, foi porque a teoria chegou até mim, em especial através de hooks, que sempre a abordou de forma didática e simples, sem rebuscamentos.

Sinto ser de muita relevância situar o meu contexto local de fala e escrita. Estado de Goiás, pioneiro na experiência de implementação de escolas cívico-militares, tendo o seu *boom* de implantações entre os anos de 2020 e 2021 (Farage, 2022). Sob o governo de Ronaldo Caiado, médico e oriundo de uma família tradicionalmente ligada ao agronegócio e à política em Goiás, possui ligações históricas com a política ruralista no Brasil, representando interesses relacionados ao setor agropecuário. Caiado tem sua trajetória política e sua influente família associadas pelos críticos com práticas políticas características do coronelismo. Político que prefere não se definir como de esquerda ou de direita, mas apoiou o ex-presidente Bolsonaro nas eleições presidenciais de 2022 (Moliterno, 2022) - é um estado com grande influência ruralista, de extrema-direita e militar. Ao estreitar a análise para a cidade de Anápolis, com uma população de cerca de 390 mil habitantes, é notável a força dessas influências, em especial da extrema-direita. Isso fica explícito com o resultado da votação para presidente em 2022 por aqui, onde o Bolsonaro liderou com 70,59% dos votos, contra 27,88% de Lula (G1 GOIÁS, 2022). Ademais, a cultura machista ainda impera, muito incentivada pelo estilo musical sertanejo - onde Goiás lidera o ranking de ouvintes no Brasil. Direcionando o radar da educação linguística em Goiás, além das doutoras pesquisadoras aqui já mencionadas, foco nas/os novas/os pesquisadoras/es egressos e ainda pós-graduandos *stricto sensu* do PPGIELT-UEG, as/os quais, nos últimos anos, vêm desenvolvendo ricas pesquisas críticas na área da LA. Destaco Wilker Ramos-Soares e Letícia Gottardi - os quais pesquisam vivências nas formações de professores/as dentro de uma perspectiva crítica e outras/os tantas/os que estão movimentando o cenário dos estudos críticos por aqui. Entretanto, as temáticas feministas na LAC ainda carecem de mais produções locais. Uma rápida busca pelo termo específico “letramento feminista” na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, resulta apenas em duas teses na região Centro-Oeste, sendo elas: *Gênero, raça, classe e letramento: a resistência de jovens mulheres por meio da fala e da escrita* (2018), de Paula de Almeida Silva, aluna da UFG e *Discurso e letramentos críticos com perspectiva de gênero social e intersecções: uma experiência em escola-campo* (2021), de Amanda Oliveira Rechetnicou, aluna da UNB. Com isso, compreende-se a necessidade de mais dissertações e teses que

pesquisem a área dos letramentos feministas. Ainda estamos caminhando para a formação de uma academia mais feminista, e que produza uma teoria feminista mais inclusiva, para assim seguir na sustentação do movimento e ser ferramenta de combate a essa cultura patriarcal não somente local, mas nacional, enraizada.

1.3 A TESSITURA DAS PALAVRAS: SENTIDOS E POSSIBILIDADES ATRAVÉS DOS LETRAMENTOS FEMINISTAS

Se língua é prática social (Bakhtin, 2006), ao analisar por uma perspectiva feminista, pode-se dizer que o letramento, para ser efetivo, precisa abordar as desigualdades de gênero nas quais as mulheres estão inseridas, já que as mulheres [jovens] seriam o grupo mais prejudicado no que diz respeito ao exercício da leitura e da escrita no jogo das relações de poder (Pinto, 2011, p. 542). Ainda nas palavras de Joana Plaza Pinto (2011, p. 543),

[...] o feminismo tem muito o que colaborar no campo do letramento. Uma metodologia participativa, que defenda princípios de igualdade, e que ao mesmo tempo explicita as relações de poder, enfrentando constantemente os conflitos das estilizações dos corpos no exercício da vida, é sem dúvida uma metodologia que pode desvelar o espaço do letramento como espaço de poder para os corpos e colaborar para refletir sobre e até mesmo reverter a delicada situação das mulheres e das adolescentes em geral diante das tecnologias discursivas.

Inserindo aqui a decolonialidade, pois considero ser pertinente nesta discussão, temos no termo “colonialidade do poder” do filósofo peruano Aníbal Quijano (2005, p. 31): “o conceito de colonialidade do poder indica que a América Latina, apesar de sua independência formal, é ainda uma região subordinada ao poder do sistema mundial capitalista, estruturado pela divisão internacional do trabalho e pela hierarquia global de raças e etnias”. Com isso, é notável as relações coloniais de dominação ainda existentes sob países colonizados, principalmente os situados na América do Sul.

Na prática, o trabalho com letramentos feministas sob a perspectiva decolonial necessita dialogar com o que defende Catherine Walsh (2009, p. 17) acerca da pedagogia decolonial: “[...] a pedagogia ou as pedagogias de-coloniais estariam construídas e por construir em escolas, colégios, universidades, no seio das organizações, nos bairros, comunidades, movimentos e na rua, entre outros lugares”.

Inserir o feminismo nas aulas de línguas - com a concepção de sala de aula como lugar político - faz parte da pedagogização do movimento, defendida por hooks (2020) e Tânia

Rezende (2021). Indo mais além, pois fica intrínseca a relação ensino crítico x decolonialidade, buscar contemplar o feminismo decolonial dentro deste letramento é imprescindível, pois

[...] para promover um letramento político feminista, é fundamental “pedagogizar” esse arcabouço, que é tornar a teoria de conhecimento comum (comunitário, socializado), familiar. Com essa pedagogização, pode ser possível a transformação das subjetividades, a criação de intersubjetividades, com valorização e reconhecimento da mulher no mundo e da importância das lutas feministas, entendidas como movimento político. [...] Para promover políticas públicas para as mulheres, é fundamental a teorização acadêmica, porque a ciência é imprescindível (Rezende, 2021, p. 13, ênfase no original).

Portanto, aproximar a teoria feminista da prática e levá-la para dentro da escola é uma forma de tornar o movimento mais acessível. Em meu artigo escrito em conjunto com Ana Luísa Rodrigues e Maria de Lurdes Nazário (Gonçalves do Ó; Rodrigues; Nazário, 2023), relatamos uma sequência de aulas que lecionamos abordando a desigualdade de gênero no Brasil para uma turma de 3º ano da EJA. Este exemplo, dentre tantos outros, mostra que é sim possível promover, em aulas de línguas, formas de valorizar quem está em desvantagem nas relações de poder do discurso e vai ao encontro do que defende hooks (2020, p. 48):

Se não trabalharmos para criar um movimento de massa que oferece educação feminista para todo mundo, mulheres e homens, teoria e prática feministas serão sempre enfraquecidas pela informação negativa produzida na maioria das mídias convencionais [...] compartilhar pensamentos e práticas feministas sustenta o movimento feminista. O conhecimento sobre o feminismo é para todo mundo.

Ao longo de todo o texto, busquei entrelaçar a educação linguística crítica, a decolonialidade e o feminismo, além de ressaltar a necessidade de trabalhá-los em salas de aula, materiais didáticos e até mesmo em produções acadêmicas. O feminismo é uma ampla brecha - como já mencionado em Ana Paula Duboc (2014) - dentro do ensino crítico e precisa ser mais difundido, esclarecido e trabalhado nesses contextos, pois o letramento feminista se faz importante não só para mulheres. Por isso, tenho acreditado fielmente na importância desta citação, pois é fundamental “[...] pensar em educação feminista como algo importante na vida de todo mundo” (hooks, 2020, p. 46).

PERCURSO 2 - TEIA DE CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS ATRAVÉS DA PESQUISA QUALITATIVA INTERPRETATIVISTA

Neste percurso, entrelaço a pesquisa qualitativa interpretativista na Linguística Aplicada Crítica com uma abordagem feminista. Situo o cenário de estudo e descrevo, de forma mais detalhada, os encontros e atividades realizadas no minicurso.

2.1 PESQUISA QUALITATIVA INTERPRETATIVISTA NA LINGUÍSTICA APLICADA

A pesquisa possui uma abordagem qualitativa-interpretativista. Para Denzin e Lincoln (2006, p. 17), ao trabalhar com esse tipo de abordagem, desenvolve-se uma visão “naturalista, interpretativa, para mundo, o que significa que seus[/suas] pesquisadores[/as] estudam as coisas em seus cenários naturais, tentando entender, ou interpretar, os fenômenos em termos dos significados que as pessoas a eles[/as] conferem”.

Nela, há também a consideração do contexto social da pesquisa, sem padrões rígidos ou pré-determinados. Desta maneira, a/o pesquisadora/o qualitativo-interpretativista precisa considerar outro fator importante para o desenvolvimento da pesquisa, a subjetividade. Alicerçada em González Rey (2004, p. 137), adoto a sua concepção de subjetividade nas pesquisas qualitativas:

[...] um macroconceito que integra os complexos processos e formas de organização psíquicos envolvidos na produção de sentidos subjetivos. A subjetividade se produz sobre sistemas simbólicos e emoções que expressam de forma diferenciada o encontro de histórias singulares de instâncias sociais e sujeitos individuais, com contextos sociais e culturais multidimensionais.

Nessa perspectiva, o papel da/o pesquisadora/o qualitativo interpretativista é de utilizar a própria visão da realidade e explorar a subjetividade e multidimensionalidade. Nesse âmbito de estudo que abrange diversas disciplinas, fundamenta-se em uma abordagem de questionamento e ação que busca trazer à tona questões relevantes para as práticas sociais relacionadas à linguagem. Propõe uma reflexão profunda e crítica, que atravessa e permeia a produção de conhecimento nesse contexto (Pennycook, 2001).

Segundo o linguista aplicado Moita Lopes (1994), a pesquisa qualitativa interpretativista na Linguística Aplicada se diferencia das pesquisas quantitativas, pois “o que é específico, no mundo social, é o fato de os significados que o caracterizam serem construídos pelo homem,

que interpreta e re-interpreta o mundo a sua volta, fazendo assim, com que não haja uma realidade única, mas várias realidades” (Moita Lopes, 1994, p. 331). Assim,

[...] na visão interpretativista, o único preço a pagar é a subjetividade, ou melhor, a intersubjetividade, [...] que possibilita chegarmos mais próximos da realidade que é constituída pelos atores sociais - ao contrapormos os significados construídos pelos participantes do mundo social. O foco é, então, colocando em aspectos processuais do mundo social em vez do foco em um produto padronizado (Moita Lopes, 1994, p. 332).

A metodologia interpretativista tem sido amplamente utilizada no campo da LAC, principalmente devido à sua capacidade de fornecer insights sobre as complexidades das práticas linguísticas e das relações de poder que as permeiam. Optar por essa metodologia me conduz a um cenário onde haverá adaptações, releituras e novos direcionamentos quando necessário. Entender que a minha pesquisa não é algo fixo, estático. E sim algo mutável, até mesmo inesperado.

Além disso, realizar uma pesquisa qualitativa-interpretativista com participantes na área da LAC me proporcionou compreender as diversas concepções de língua/linguagem que permeiam as/os participantes e suas construções sociais. Esse contato também foi crucial para vivenciar essa metodologia de pesquisa na prática, pois apesar de algo estruturado, não havia previsibilidade quanto aos rumos que ela iria seguir.

Pelas razões expostas entrelaço a minha adoção da pesquisa interpretativista com a formação de professoras/es, por ser um desejo investigar a construção de sentidos linguísticos críticos ainda durante sua formação inicial. Ademais, insiro também a minha experiência com temas/ letramentos críticos na graduação em Letras como motivador para perpetuar esses momentos de formação crítica, “[...] romper com a formação desprendida da crítica social, implicando muitas vezes numa educação básica descompromissada com a justiça social e com os direitos humanos como princípios para a vida em comunidade (Cadilhe, 2020, p. 59). Ainda segundo o autor, ao silenciar na academia esses trabalhos – a respeito de grupos minoritários na cultura colonialista- seja no currículo acadêmico ou em projetos de pesquisa, cria-se um ciclo de formação docente acrítica e inapta a lidar com as pluralidades em sala de aula. Assim, adoto a perspectiva de pesquisa como “[...] uma experiência de pesquisa voltada para a ação, participação, e percepção de novos sentidos podem ser construídos e transformados” (Rodrigues; Andrade; Silvestre, 2018, p. 154).

2.2 A ABORDAGEM FEMINISTA NESTA PESQUISA

Situar este trabalho dentro de uma epistemologia feminista se faz fundamental para fortalecer a práxis do movimento. Todavia, ainda pouco se difunde sobre as metodologias feministas na academia. E como abordar essas metodologias sem problematizar o tratamento dado às publicações escritas por mulheres? O artigo de Sandra Nodari (2021) intitulado “Nomes e pronomes na Língua Portuguesa: a questão sexista no idioma e na academia” demonstra que nós mulheres somos menos publicadas - e menos citadas - do que os homens, entretanto, escrevemos metades dos artigos acadêmicos, denunciando boicotes ainda vigentes na academia. (Nodari, 2021). Além disso, problematiza a questão das citações ocorrem, em sua maior parte, somente pelos sobrenomes

[...] há a questão de serem menos reconhecidas, uma vez que seus nomes não as creditam como mulheres, quando apresentadas apenas pelo sobrenome e por suas iniciais. Nesse caso bastante praticado por revistas científicas, o leitor de uma publicação pode não ter a menor ideia de se algum dos sobrenomes listados nas referências bibliográficas finais seja de uma autora. Ao ler, por exemplo, QUADROS. S. ou MOREIRA. M., não há como saber a qual gênero pertence quem escreveu o texto. Porém, numa cultura onde o homem historicamente produz e publica mais, é comum que os sobrenomes sejam ligados a pesquisadores e não a pesquisadoras (Nodari, 2021, p. 3).

Portanto, procuro adotar a citação com seus nomes ao serem apresentadas em meu texto (dissertação) pela primeira vez. Para Nodari (2021, p. 10), “esta é uma forma de valorizar as autoras e mostrar quem são as mulheres referenciadas nas publicações para buscar dar visibilidade ao lugar das mulheres nos textos acadêmicos.

Indo mais a fundo, chegamos nas discussões acerca das metodologias feministas em pesquisas qualitativas. Apesar de não haver uma definição oficial para este tipo de abordagem, suas principais características emergem e se interseccionam dentro do escopo de uma pesquisa crítica e oposta ao positivismo. Martha Giudice Narvaz e Sílvia Helena Koller (2006) materializam a epistemologia feminista:

A epistemologia feminista também não é um domínio estável; ao contrário, representa um espaço de contestação e de dúvida acerca do que é considerado “conhecimento”, quem o define e como este é capturado pelo sujeito do conhecimento (Harding, 1986). Mais apropriado seria falar em epistemologias e em metodologias, no plural, uma vez que não há uma só forma de produção do conhecimento, mas várias, a partir de diferentes teorias. As epistemologias feministas abrem-se para um campo multidisciplinar e defendem a pluralidade metodológica [...] A imparcialidade, nesse contexto, não é possível, nem sequer desejável, especialmente porque se encontra comprometida com a mudança social (Narvaz; Koller, 2006, p. 651).

Com isso, inserir esta pesquisa dentro da epistemologia feminista e a interseccionando com uma abordagem qualitativa interpretativista está de acordo com o que defende as autoras citadas. Outro ponto relevante é a respeito da relevância social - em especial às mulheres - que a pesquisa irá produzir, já que, para Silvana Mariano, Lina Penati Ferreira e Márcio Souza (2022, p. 194), “[...] considerando não haver uma só epistemologia ou um só método feminista, uma boa aposta são as pesquisas que buscam construir conhecimentos coletivos a partir da experiência”. A partir disso, acredito fielmente que o minicurso mediado por mim, “Por mais letramentos feministas nas aulas de línguas” - o qual gerou as fontes de material empírico discutidas nos capítulos posteriores - se enquadra dentro de especificações para que uma pesquisa seja de fato, feminista.

2.3 O CENÁRIO DE ESTUDO

Esta pesquisa, aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa, foi realizada com estudantes de Letras (diversas habilitações) de algumas instituições de ensino superior do país por meio do planejamento e oferta do minicurso "Por mais letramentos feministas nas aulas de línguas". Esse minicurso foi mediado por mim em colaboração com a professora Dra. Viviane Pires Viana Silvestre, entre maio e junho de 2023, por meio de mídias e plataformas digitais, e contou com a participação de cinco licenciandas/os, todas/os participantes deste estudo. O formato dos encontros intercalou rodas de conversa, exposição teórica e debates, tudo isso em seis encontros de duras horas de duração cada. A seguir, descrevo com maiores detalhes as ações desenvolvidas para a realização da pesquisa.

2.3.1 O minicurso “Por mais letramentos feministas nas aulas de línguas”

O minicurso ocorreu entre maio e junho de 2023, com inscrições online via plataforma Sympla e preenchimento do questionário inicial como requisito para participação. Ele contou com seis encontros via Zoom, sempre aos sábados, no turno vespertino, das 15h às 17h. Os encontros foram planejados de modo que as exposições teóricas ocorressem nos primeiros momentos e posteriormente, o compartilhamento dos meus trabalhos com letramentos feministas e o pensar/construir coletivamente mais subsídios feministas para as aulas de línguas. Na sequência, apresento com maiores detalhes os encontros realizados durante a pesquisa.

No primeiro encontro houve a minha apresentação como mediadora e o convite para que as/os presentes participassem da pesquisa. Comentei a respeito de o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) estar disponível para leitura e preenchimento. Neste encontro, intitulado “A colonialidade e o feminismo: principais críticas ao feminismo liberal”, tivemos um panorama sobre as três principais ondas feministas, discussão sobre algumas vertentes do movimento e as principais críticas ao feminismo liberal.

O encontro dois, “O feminismo decolonial; o feminismo negro e interseccionalidades”, contou com uma breve apresentação de teóricas feministas decoloniais, o feminismo negro e suas principais vozes e o conceito/discussão sobre interseccionalidades. Como atividade assíncrona, foi proposta a construção de um Padlet colaborativo com autoras feministas decoloniais/negras e o resumo de suas trajetórias.

“A decolonialidade na Linguística Aplicada Crítica e na formação de professores/as de línguas” foi o tema do terceiro encontro. Nele, entrecruzei o conceito de escrevivências, da autora Conceição Evaristo com a decolonialidade. Após, abordei o tópico da decolonialidade na Linguística Aplicada Crítica e na formação de professoras/es. Propus uma narrativa escrita inicial sobre as vivências/ expectativas para o minicurso (escrevivências) com a temática “O feminismo e eu”.

No quarto encontro, “Análise de trabalhos acadêmicos com perspectivas feministas”, levei minhas produções acadêmicas/didáticas elaboradas durante a graduação em Letras e o mestrado que continham perspectiva feminista. Nele, fiz um breve resumo das temáticas e as motivações para suas elaborações. Ressalto que durante as exposições, as/os licenciandas/os ficaram à vontade para comentar e tirar quaisquer dúvidas. Como atividade assíncrona, sugeri uma curadoria colaborativa de materiais que podem subsidiar a elaboração de atividades com perspectivas feministas para postagem no Padlet no minicurso.

O encontro cinco seria destinado para a discussão do material encontrado na internet. Entretanto, houve algumas ausências no encontro anterior, o que me levou a reflexão que deixar as/os que não conseguiram participar sem um dos conteúdos mais relevantes do minicurso não seria viável. Portanto, fiz novamente a exposição das minhas produções, adicionando mais algumas reflexões e discussões. Confesso o receio de tornar o encontro maçante para as/os que já conheciam as produções. Contudo, foi melhor do que imaginei, pois houve a participação delas/es também com mais comentários a respeito e as/os demais integrantes ficaram gratas/os pela retomada e a possibilidade de visualizar o conteúdo que estavam bem ansiosas/os.

No último encontro, socializamos a curadoria postada no Padlet e cada licencianda/o justificou o porquê da escolha de determinado texto como letramento feminista para aulas de

línguas. Por fim, foram dadas orientações para a elaboração de uma narrativa final que abordasse a experiência/vivência no minicurso.

No quadro abaixo há um panorama do plano de ensino:

Quadro 1 - Panorama das atividades desenvolvidas na oficina

Aulas/Datas	Momento	Atividades realizadas
ENCONTRO 1 13/05/23	Momento coletivo	1. Apresentação docente
		2. Contextualização do movimento feminista e suas três principais “ondas”
		3. Discussão acerca das principais vertentes feministas
		4. Esclarecimento e envio do TCLE
2 20/05/23	Momento coletivo	5. Apresentação de teóricas feministas decoloniais
		6. O feminismo negro e suas principais vozes
		7. Interseccionalidade: O que é?
		8. O legado e a história de Lélia Gonzalez
		9. Conhecendo o Pretuguês (Lélia Gonzalez)
		10. Atividade assíncrona: Construção de um padlet colaborativo com as principais autoras feministas decoloniais e resumo de suas trajetórias.
3 27/05/2023	Momento coletivo	11. O conceito de “escrevivências” – Conceição Evaristo
		12. O que é a decolonialidade?
		13. Decolonialidade na Linguística Aplicada Crítica e na formação de professoras/es
		14. Atividade assíncrona: Narrativa inicial sobre as vivências/ expectativas para o minicurso (escrevivências): “O feminismo e eu”
4 03/06/2023		15. Discussão e análise dos trabalhos acadêmicos com perspectivas feministas elaborados pela professora mestranda.
		16. ATIVIDADE ASSÍNCRONA: Curadoria colaborativa de materiais que podem subsidiar a elaboração de atividades com perspectivas feministas – postagem no Padlet
5 17/06/23		17. Continuação das discussões acerca das produções didáticas/acadêmicas da pesquisadora mediadora
6 24/06/2023		18. Exposição/troca/diálogo a respeito da curadoria realizada pelas/os participantes.

	19. Proposta da narrativa sobre as vivências no minicurso: “Eu, futura/o docente de línguas, e o feminismo”
--	---

Fonte: Plano de ensino do minicurso.

A mediação do minicurso ocorreu por meio de plataformas e mídias digitais, como Zoom, WhatsApp, E-mail e Padlet. No Zoom, as/os licenciandas/os se encontravam semanalmente para participação nos encontros. A comunicação foi mais frequente no grupo de WhatsApp do minicurso e no E-mail havia as entregavam das atividades solicitadas; no Padlet eram postados materiais e textos.

2.3.2 As/Os participantes

Além da professora pesquisadora, participaram da pesquisa cinco licenciandas/os em Letras. Nas seções a seguir, apresento-as de forma mais detalhada. Abaixo, apresento mais detalhes, advindos do questionário inicial. Os pseudônimos foram escolhidos por elas.

Cléber: Homem cis. Negro. Cursa o terceiro período de Letras Português/Inglês na Universidade Estadual de Goiás, em Anápolis.

Gabriely: Mulher cis. Branca. Cursa o terceiro período Letras/Língua Portuguesa na Universidade Federal do Pará, em Belém.

Heloísa: Mulher cis. Branca. Licencianda em Letras Português/Inglês pelo Instituto Federal do Rio Grande do Sul, em Feliz. Atualmente está no sétimo período.

Jane: Mulher cis. Branca. Cursando o terceiro período de Letras Português/Inglês na Universidade Estadual de Goiás, em Anápolis.

Larissa Lopes: Mulher cis. Negra. Cursando o quinto período de Letras Português/ Inglês na Universidade Estadual de Goiás, em Anápolis.

2.3.3 A professora pesquisadora

Como já mencionado, sou licenciada em Letras Português/ Inglês pela Universidade Estadual de Goiás (Campus Anápolis) e mestranda em Educação, Linguagem e Tecnologias pela mesma instituição. Sou branca, heterossexual, nascida na cidade de São Paulo-SP, mas residindo em Anápolis há mais de uma década.

Minha relação com a temática feminista se estende para além dos muros da academia, por isso, me considero uma professora-feminista em formação, sendo ambas as formações

iniciadas de formas quase simultâneas (Gonçalves do Ó, 2022). Além disso, outro fator me inspirou a buscar uma formação feminista: *ser mãe*, e principalmente, ser mãe de uma menina. Eu queria mostrar para a minha filha que o gênero dela jamais seria um limitador para realizar algo que ela quisesse. Em Adichie (2017) - *Para Educar Crianças Feministas* - encontrei o pontapé inicial de uma maternagem alinhada ao movimento e a partir daí, expandi minhas leituras e adentrei mais na teoria feminista. Ao iniciar na faculdade de Letras, surgiu o anseio por alinhar o trabalho de ensino crítico à temática de gênero.

2.3.4 Entrelaçando caminhos: os encontros

O encontro 1 foi voltado para a apresentação da professora pesquisadora (mediadora), das/os demais participantes e, além da exposição teórica acerca do que é o feminismo, houve momentos de socialização entre as/os integrantes do minicurso. Para fins mais didáticos e visuais, elaborei slides, divididos pelos tópicos presentes no cronograma do minicurso, previamente postado no site Sympla, onde as/os interessadas/os fizeram a inscrição.

No tópico “Afinal, o que é o Feminismo?”, utilizei hooks (2020) por acreditar ser a definição mais didática do que é o movimento e o que ele defende. Por ser um curso de introdução à temática feminista - até porque não daria tempo de ser tão aprofundado, por se tratar de uma pesquisa de mestrado - trouxe esse referencial que realmente me introduziu de forma mais respaldada no movimento, me afastando do feminismo liberal.

Depois, abordei a contextualização histórica do movimento feminista, afinal, precisamos saber de onde viemos e as principais lutas dos tempos passados. Para isso, me fundamentei em Telma Gurgel (2010), no seu amplo artigo “Feminismo e Luta de Classe”, em que a autora faz a relação feministas & classe operária e contextualiza os seus considerados três principais momentos - as três ondas.

Sobre a terceira onda - a atual - também trouxe Ilze Zirbel (2021), que traz a necessidade de um olhar para a diversidade de mulheres militantes do movimento nos dias atuais: negras, indígenas, latinas, lésbicas, trans etc. E cito, de forma breve, a interseccionalidade presente nessa diversidade. Citar brevemente foi proposital, pois tínhamos um encontro voltado apenas para estudar mais sobre esse termo.

Após, adentramos o feminismo liberal e nas principais críticas a essa vertente. Marques (2019), em seu trabalho de conclusão de curso intitulado *A rainha está se olhando no espelho: notas sobre a busca pela beleza e o corpo na construção identitária feminina*, serviu de escopo teórico para as problemáticas do clássico livro feminista liberal, *O Mito da Beleza* (1992), de

Naomi Wolf.

Por fim, no último tópico do encontro, abordei a vertente decolonial. Optei por deixá-lo por último, para que assim pudéssemos assimilar toda a trajetória de lutas feministas e o aprofundamento das reivindicações ao longo do tempo e em grande parte, por conta das feministas negras e decoloniais.

Como referencial teórico da discussão desse tópico, Costa (2020), Maria Lugones (2008) e Françoise Vêrges (2020), sendo duas autoras latinas, portanto, que possuem vivência para falar do assunto. Além da importância de um lugar de fala da nossa realidade, pois somente o contexto estadunidense/europeu não atende às nossas demandas.

Por fim, sugeri como leitura para conhecer mais sobre a vertente decolonial do feminismo os livros: *Pensamento Feminista Hoje* (2020) e *Um Feminismo Decolonial* (2020). Não foram leituras obrigatórias do minicurso, apenas para quem teve a curiosidade instigada durante o encontro e quisesse buscar um maior aprofundamento.

No encontro dois, voltado a conhecer mais sobre o feminismo decolonial, iniciei a mediação exibindo um vídeo da Françoise Vêrges comentando sobre o seu livro, *Um Feminismo Decolonial* (2020). Após a exibição, aprofundamos a respeito de autoras dessa vertente, dentre elas: Heloísa Buarque de Hollanda e Maria Lugones.

Posteriormente, discutimos sobre os letramentos feministas e sua relação com a pedagogia decolonial. Além da relação do movimento feminista negro e interseccionalidade, enfatizando o conceito de intersecção como ferramenta analítica para um feminismo mais justo, usando como referencial teórico Kimberlé Crenshaw (2002), Rafia Zakaria (2021) e Lélia Gonzalez (2020).

Seguindo as discussões sobre a temática, trouxe a biografia em forma de vídeo de Lélia Gonzalez, intitulado “A história e o legado de Lélia Gonzalez”, pensando na importância do legado dessa precursora do feminismo negro brasileiro. Depois, duas perguntas foram projetadas para reflexão: “Quem foi Lélia Gonzalez?” e “Qual a importância da sua luta pelo movimento negro e feminista brasileiro?”

Não poderia mencionar Lélia Gonzalez sem trazer a ideia do “Pretuguês” - a africanização da Língua Portuguesa Brasileira - termo cunhado por ela. Por se tratar de algo relacionado à língua e ter no minicurso futuras/os docentes de línguas, acredito ser necessário pensar e analisar a construção e o funcionamento linguístico diversificado que vivenciamos. O Pretuguês foi discutido a partir do vídeo “PRETUGUÊS: a africanização da língua portuguesa brasileira”, do canal “O Enigma da Energia Escura”, apresentado pelo cantor de rap Emicida.

Por fim, os questionamentos a seguir foram feitos para orientar um debate dos

integrantes: quais as ideias e conceitos que podem ser associados ao termo “pretuguês”? Como a língua, as estruturas linguísticas e as relações de poder relacionadas continuam a afetar a experiência dos negros no Brasil? Como a compreensão do “pretuguês” pode contribuir para a luta contra o racismo estrutural e a valorização das vozes negras? Ao final do encontro, a atividade assíncrona proposta foi a construção de um Padlet colaborativo (com as principais autoras feministas decoloniais/interseccionais e do movimento feminista negro com resumo e pontos importantes de suas trajetórias).

O terceiro encontro foi iniciado com o conceito de Escrevivências, de Conceição Evaristo. A escolha por esse início foi proposital, pois a escrevivência de cada uma/um seria válida em um momento posterior. Saber que foi a autora criadora desse termo era algo necessário, portanto, exibi o vídeo Escrevivência- Episódio 1 da série Ecos da Palavra, que compartilha também a relação entre escrevivências e a força motriz da mulher negra (Duarte; Cortês; Pereira, 2016).

Para se perceber as imbricações entre o exposto sobre Evaristo e suas escritas, levei o termo “decolonialidade”, de forma sucinta, usando Quijano (2005) e sua ideia da “colonialidade do poder”. Afunilando para a área da Letras, relatei a Linguística Aplicada Crítica com linguistas como Pennycook (2006) e Moita Lopes (2006) que enfatizam a importância de questões com temáticas como identidade, gênero, acesso, sexualidade etc. dentro da Linguística.

Ao final, a reflexão suscitada foi a “Por qual motivo é importante trabalhar decolonialidade na formação de professoras/es?”, contextualizando, portanto, a realidade vivenciada pelas participantes, enquanto ainda professoras/as de Línguas em formação. Demonstrar a importância de uma formação crítica e comprometida com a justiça social vem a partir de Cadilhe (2020).

O encontro 4, iniciado com a seguinte pergunta: “Vamos falar sobre materiais acadêmicos/didáticos com perspectivas feministas?”, foi voltado ao compartilhamento das minhas produções pedagógicas e acadêmicas com os letramentos feministas. Durante o encontro, projetei e comentei o meu trabalho de conclusão de curso (Gonçalves d Ó, 2022), onde partilho, através de narrativas, meus atravessamentos feministas e três produções que considero fundamentais para o meu desenvolvimento enquanto pesquisadora/docente/feminista, sendo elas: minha sequência de aulas para o PIBID, em que abordei a desigualdade de gênero em uma turma de EJA, que posteriormente se tornou um artigo; um trabalho da disciplina Narrativas II, onde comparei a masculinidade abusiva e a culpabilização da mulher em duas obras do modernismo brasileiro (que também se tornou um

texto publicado) e um material didático construído para o Estágio Supervisionado de Língua Inglesa II, em que a temática escolhida foi a sobrecarga da mulher na pandemia, por, na época, ter sido algo contextualizado com a realidade que eu e as demais colegas do grupo estávamos vivendo.

Meu objetivo com essa proposta foi demonstrar e compartilhar as possibilidades de uma pedagogização do feminismo, como reivindica Rezende (2021). Sendo na sala de aula ou na academia, os letramentos nos proporcionam subsídios para a construção de uma educação mais feminista.

Notei que foi o encontro mais esperado, pois as/os integrantes estavam ansiosos para ver “na prática” como se elabora uma aula de línguas feminista. Entretanto, foi o encontro com maior ausência do minicurso, tendo faltado metade das/os participantes. Portanto, precisei reorganizar o cronograma e trazer novamente essa pauta no encontro do sábado seguinte.

Contudo, a participação das/os presentes foi bem expressiva. Elas/es tiraram dúvidas, teceram comentários e compartilharam também experiências na produção de letramentos feministas. Por fim, propus a atividade assíncrona de curadoria colaborativa de materiais que podem subsidiar a elaboração de atividades com perspectivas feministas, pensando no contexto de futuras/os docentes de línguas. A socialização dessa curadoria foi marcada para o último sábado do minicurso.

Como mencionado, o encontro 5 do minicurso foi uma continuação/replicação do encontro anterior. Portanto, não houve novidades quanto às exposições. Ressalto a escolha por repetir os tópicos do encontro passado por ir ao encontro da proposta que almejava para o minicurso, algo dialogado, participativo, não apenas a professora mestranda como transmissora de algo. Não seria justo deixar as/os participantes sem acesso a esse conteúdo. Com isso, por haver mais licenciandas/os presentes, a interação foi maior e as discussões mais proveitosas. Notei que elas/es, principalmente ao projetar o meu trabalho de conclusão de curso (Gonçalves do Ó, 2022), conseguiram visualizar na prática como escrever sobre feminismo na academia, independente da habilitação em Letras. Ao final, reforcei a atividade assíncrona da curadoria - no Padlet - de materiais que poderiam subsidiar aulas de línguas feministas.

O último encontro foi o menos expositivo de todos, pois foi o momento para a socialização das curadorias. Então, todas/os foram incentivadas/os a justificarem as suas escolhas de letramentos feministas e em qual contexto elas poderiam ser utilizadas, sempre pensando nas aulas de línguas da educação básica. As socializações ocorreram oralmente ou pelo chat, a depender da/o participante, resultando em uma atividade com 100% de engajamento. O Padlet intitulado “Curadoria colaborativa de materiais com a perspectiva

feminista” recebeu postagens de letramentos feministas através da literatura, música, reportagem e charges. Posteriormente, propus a última atividade do minicurso - também assíncrona. Uma narrativa final com a temática “O feminismo e eu”, onde as/os futuras/os professoras/es de línguas iriam refletir sobre a experiência/vivência no minicurso e nas possibilidades de pedagogização do feminismo na sala de aula. Incluo esse material também como material empírico.

2.3.5 A narrativa inicial

De acordo com o plano de ensino do minicurso e baseado no conceito de escrituras, da escritora Conceição Evaristo, solicitei uma narrativa inicial com a temática “O feminismo e eu”, onde as/os participantes relatassem as experiências feministas docentes já vividas (caso houvesse) e as expectativas para o minicurso. A narrativa foi eletrônica e enviada por E-mail para a professora mediadora.

2.3.6 Padlet: entrelaçando palavras e lutas: feministas decoloniais/interseccionais e do movimento feminista negro

Como atividade assíncrona do encontro 2, as licenciandas/os ficaram responsáveis por pesquisar a biografia e curiosidades sobre teóricas feministas negras e/ou decoloniais. As postagens formaram um mural colaborativo feminista. Trago mais detalhes na seção 2.3.6.

2.3.7 Padlet: curadoria colaborativa de materiais com a perspectiva feminista

A última atividade colaborativa veio após o 4º encontro. A proposta era que, inspiradas/os pelas minhas exposições sobre a criação de materiais de letramentos feministas, as/os participantes realizassem uma curadoria com gêneros textuais- considerando as discussões e reflexões nos encontros- que pudessem servir de subsídios para uma aula de línguas feminista. A ideia era que quando pronto, as sugestões se entrelaçassem e se tornassem um leque de pontos de partida para a elaboração de alguma aula que as/os futuras/os docentes viessem a lecionar. Trago com mais detalhes na seção 2.3.7.

2.3.8 A narrativa final

Com o tema “Eu, futura/o docente de línguas, e o feminismo” e solicitada após o último encontro para encerramento do minicurso, foi o espaço onde as/os futuros/as docentes narraram suas reflexões sobre o minicurso e como ele refletiu/refletirá em suas práticas docentes. O texto também foi eletrônico e enviado por E-mail.

2.4 O ESTUDO DO MATERIAL EMPÍRICO

Todos os materiais empíricos foram oriundos de interações em plataformas digitais, combinando assim com a proposta de um minicurso remoto. Além dos seis encontros de duas horas, compõem o acervo de material empírico: a narrativa inicial, os dois Padlets colaborativos e a narrativa final. As demais interações, via WhatsApp e E-mail não serão consideradas por considerar as fontes citadas mais relevantes para a análise. Foram transcritos, ao todo, 12 horas (720 minutos) de áudios, decorrentes dos seis encontros online. Nas transcrições, utilizei os seguintes símbolos apresentados abaixo:

Quadro 2 - Símbolos utilizados na transcrição

Código	Significado
...	Interrupção/assunto incompleto/ silêncio
[]	Complementação de palavras inseridas pelo pesquisador
[...]	Trecho suprimido

Fonte: Inspirado no quadro de Silvestre (2017).

Diante do exposto, busco, no percurso 3, a seguir, entrelaçar os materiais empíricos citados durante a vigência do minicurso com as possibilidades de uma atuação docente crítica feminista, considerando as subjetividades das/os participantes e a fluidez dos desdobramentos.

PERCURSO 3 - TECENDO EM CONJUNTO: A VIVÊNCIA NO MINICURSO

Nesta seção, apresento a análise do material empírico mencionado no percurso anterior. Foram consideradas as interações nos encontros, as postagens nos Padlets e as escritas das narrativas iniciais e finais das/os participantes. Início as análises a partir da problematização acerca da participação masculina no minicurso. Em seguida, trago os momentos que considero relevantes para as demais análises: o contato com Lélia González e o Pretuguês e como isso refletiu nas escolhas de feministas negras postadas no mural colaborativo. Por fim, entrelaço os materiais sugeridos para aulas de línguas às narrativas de algumas/uns licenciandas/os, buscando responder às perguntas de pesquisa e dar sentido a esse trabalho que me acompanhou por pouco mais de dois anos.

3.1 O FEMINISMO É PARA TODO MUNDO? REFLEXÕES A PARTIR DE UM PARTICIPANTE DO MINICURSO

Uma das questões mais presentes - e mais polêmicas - no feminismo é a respeito do papel da participação masculina no movimento. Umas contra, outras a favor... E as discussões não param de crescer. Meu objetivo nesta seção não é apontar qual lado está certo e qual não, e sim relatar e analisar os materiais empíricos oriundos da única participação masculina no minicurso e a partir daí, problematizar a relevância das contribuições.

Cleber: [...] Jeni, te perguntar, no feminismo, por exemplo, a gente tem um exemplo da JK Rowling (autora do Harry Potter), ela é feminista, ela se diz feminista, então no caso ela é feminista liberal... porque ela é contra o povo trans.. (13/05/2023)

O trecho acima ocorreu durante o encontro um, onde se abordavam as principais críticas ao feminismo liberal. Ícone da cultura pop dos anos 2000, J.K. Rowling, ou Joanne Rowling, é a famosa escritora da saga Harry Potter. A autora foi acusada de se manifestar de forma transfóbica em algumas situações, como ao tecer comentários controversos sobre a identidade de gênero em seu perfil do Twitter

Figura 1 - Tweet de JK Rowling



J.K. Rowling  @jk_rowling

If sex isn't real, there's no same-sex attraction. If sex isn't real, the lived reality of women globally is erased. I know and love trans people, but erasing the concept of sex removes the ability of many to meaningfully discuss their lives. It isn't hate to speak the truth.

7:02 PM · Jun 6, 2020 · [Twitter for iPhone](#)

71.7K Retweets **124.6K** Likes

J.K. Rowling  @jk_rowling · 11h

Replying to @jk_rowling

The idea that women like me, who've been empathetic to trans people for decades, feeling kinship because they're vulnerable in the same way as women - ie, to male violence - 'hate' trans people because they think sex is real and has lived consequences - is a nonsense.

 3K  3.3K  34.8K 

J.K. Rowling  @jk_rowling · 11h

I respect every trans person's right to live any way that feels authentic and comfortable to them. I'd march with you if you were discriminated against on the basis of being trans. At the same time, my life has been shaped by being female. I do not believe it's hateful to say so.

 8.6K  4.2K  44.8K 

Fonte: Google Imagens.

Se sexo não é real, então não existe atração pelo mesmo sexo. Se sexo não é real, a realidade na qual as mulheres vivem globalmente é apagada. Eu conheço e amo pessoas trans, mas apagar o conceito de sexo remove a habilidade de muitos podem discutir significativamente suas vidas. Não é ódio falar a verdade.

A ideia de que mulheres como eu, que tem sido empáticas com pessoas trans por décadas, que sentem parentesco porque são vulneráveis da mesma maneira que as mulheres – ou seja, a violência masculina – ‘odeiam’ as pessoas trans porque acham que o sexo é real e viveu consequências – é um absurdo.

Respeito o direito de toda pessoa trans de viver da maneira que lhe parecer autêntica e confortável. Eu marcharia com você se você fosse discriminado

por ser trans. Ao mesmo tempo, minha vida foi moldada por ser mulher. Não acredito que seja odioso dizer isso (Tradução minha).

Esses comentários, escritos em 2020, alinham o pensamento de Rowling ao **feminismo radical**. E não há como falar de feminismo radical sem contextualizar o porquê de se alinhar à fala da autora.

Nas décadas de 1970 e 1980, nos Estados Unidos, emergiu uma das principais bandeiras da vertente radical, a antipornografia. Enquanto demais feministas defendiam a ideia de uma outra linguagem pornográfica, o outro grupo feminista acreditava que, ao corroborar com o exercício da sexualidade, estariam contribuindo para o processo de submissão feminina. Com isso, se tornaram contrárias a qualquer forma de pornografia. O outro grupo passa a ser conhecido como “feminismo radical”, que, nas palavras de Rafaela Cyrino (2023, p. 6) “para o feminismo radical, não se trata mais de propor reformas na sociedade e conquistar direitos, trata-se destruir, na sua totalidade, o sistema opressor”.

Como uma das principais expoentes desse feminismo, temos Catharine Mackinnon, feminista que tinha como bandeira a luta antipornografia, defendendo leis contra essa prática com severas punições tanto para quem produzisse, quanto para quem consumisse. Contudo, a crítica aos ideais de Mackinnon se justificam, pois traz as “[...] relações sexuais como sendo estruturadas pela subordinação, de tal modo que os atos de dominação sexual constituem o significado social do ‘homem’ e a condição de submissão o significado social da ‘mulher’” (Silva, 2023, p. 107). Desse modo, pensando no que defende Judith Butler (2018), há um determinismo rígido buscando estabelecer a ideia de que haverá sempre a subordinação feminina nas relações de poder e a sobreposição da sexualidade ao gênero (como observamos nos comentários de J.K Rowling).

Para o feminismo radical, a principal opressão das mulheres é o sistema “sexo/gênero” (Smith, 2011), sem considerar heterogeneidades presentes na categoria “gênero”, como fazem o feminismo negro e o feminismo interseccional. A ativista radical Janice Raymond, em *The Transsexual Empire* (1979), trouxe à tona uma crítica feminista à transgeneridade. Essa crítica emerge na vertente radical por não haver a inclusão do termo “*identidade de gênero*”. Primeiramente, há uma ênfase na biologia como base da opressão, destacando as diferenças entre homem/mulher do ponto de vista biológico. Com esse pensamento, a transgeneridade ainda irá manter o sexo da pessoa, portanto, a opressão ainda estará lá. Além disso, a ideia de identidade de gênero é criticada dentro do movimento, pois ela reforçaria as normas de gênero e a divisão binária entre homem e mulher, vistas como fontes de opressão. Raymond (1979, p.

28) sustenta que “[...] ‘o transexual homem’, que muda o seu corpo para se tornar uma mulher, não só coloniza o corpo das mulheres, mas se apropria igualmente de uma parte da alma feminina”. Consequentemente, a autora dá o pontapé inicial na nomenclatura **TERF** (Trans-Exclusionary Radical Feminist) ou, em tradução livre, “*Feminista Radical Excludente de Transsexuais*”, grupos de feministas radicais as quais se identificam com as ideias de Raymond e demais ativistas no que tange à exclusão de identidades trans (drag queens, crossdressers, pessoas queer, mulheres transexuais, homens transexuais, travestis, dentre outras/os).

Portanto, os tweets de J.K Rowling, citados por Cléber durante o minicurso, são exemplos de como o pensamento **TERF** está sendo facilmente propagado e assumindo um viés conservador, o qual muito nos lembra as políticas de extrema-direita, se afastando dos principais ideais feministas progressistas e servindo de munição para atos de transfobia, muitas vezes, escancarados.

Esse questionamento, no contexto de uma discussão sobre vertentes feministas - em especial a liberal, mas afunilando para o radical -, pensando na situação das mulheres trans e levantado por um homem cis, concorda com o que afirma a antropóloga feminista decolonial, Ochy Curiel (2023), “Eu acho que o feminismo clássico [liberal] nos levou a sermos separatistas, se pensou que todos os homens são nossos inimigos, eu acho que isso foi um erro político, porque nós viemos de comunidades onde se tem homens, mulheres, pessoas trans, meninos, a natureza etc.” Com isso, pensar em um feminismo que abarca diversas demandas e vivência das mulheres, da pluralidade cultural e que considere as intersecções de raça, gênero e classe é algo tão necessário que no primeiro encontro com essas reflexões, foi pontuado.

Após um comentário da participante Gabriely sobre o estado em que mora - o Pará - o participante então traz uma reflexão acerca de sua vivência

Gabriely [respondendo qual seu contexto, pelo chat]: Universidade Federal do Pará. Curso de Letras - Língua Portuguesa, 3º período. Campus Belém. (13/05/2023)

Cléber: [...] eu não sei se eu tô falando bobagem ou coisa do tipo mas por exemplo, eu nasci no Maranhão e na cidade que era próxima, era bem próxima do Pará e eu não sei se é a mesma cultura, se hoje continua a mesma coisa, porque quando eu tava lá eu era uma criança, né? eu tinha 12 anos, 13 anos e tinha aquela cultura da mulher casar, tava no ensino médio casava. E era o marido que ia dar o sustento, então chegava naquele momento que ou a mulher tinha a decisão de continuar os estudos, pra ser professora, né. Que a maioria já seguia o ritmo pra ser professora ou pra casar e o marido sustentar... eu não sei se funciona assim no Pará. (13/05/2023)

O licenciando então tece o comentário acima, relembrando situações em que, mesmo criança, observa ser comum entre as mulheres da cidade. Essa fala de Cléber tem uma importante relevância por discutir uma das principais lutas do movimento feminista: a necessidade independência financeira feminina. No artigo intitulado “Bem estar subjetivo e independência financeira: um estudo correlacional com mulheres casadas”, de Sousa *et al.* (2015), onde, ao pesquisarem sobre o bem estar subjetivo de mulheres casadas em relação ao contraste: independência financeira x dependência financeira, obtiveram dados que confirmam que “[...] a dependência financeira afeta negativamente o índice de Bem-estar subjetivo dessas mulheres, enquanto que a independência financeira e o trabalho proporcionam-lhes maior índice de afetos positivos e satisfação com a vida” (Sousa *et al.*, 2015, p. 1). A relação bem-estar e dependência financeira me recorda do livro *Ciranda de Pedra* (1954), em que a personagem Laura - até então totalmente dependente financeira do esposo - causa espanto ao pedir o divórcio. Uma atitude comum, porém causadora de espanto e exclusão social, pois, a partir disso, Laura se vê sem nenhuma renda e abalada psicologicamente. Obviamente o abalo psicológico não ocorreu apenas pelo fator financeiro, contudo, a não-autonomia financeira e falta de perspectiva da personagem pós- separação contribui e muito para seu mal-estar psíquico. Este é apenas um dos vários exemplos dessa relação entre dinheiro e autonomia feminina. Virginia Woolf, no lançamento de *Um Teto Todo Seu* (1929), já batia nessa tecla, relacionando a dificuldade de se exercer a profissão da escritora, sem nenhuma validação social e liberdade intelectual na época

[...] é impensável que qualquer mulher nos dias de Shakespeare tivesse tido o dom de Shakespeare. Porque um gênio como o de Shakespeare não surgia entre pessoas trabalhadoras, sem educação formal, servis. Não nascia na Inglaterra entre os saxões e bretões. Não surge hoje entre as classes trabalhadoras. Como, então, poderia surgir entre mulheres cujo trabalho começava, de acordo com o professor Trevelyan, pouco antes de deixarem o berço, e ao qual eram impelidas pelos pais e obrigadas pelo poder da lei e dos bons costumes? Ainda assim, gênios desse tipo hão de ter existido entre as classes trabalhadoras (Woolf, 2014, p. 38).

Ainda sobre as palavras afiadas de Woolf, destaco também o compilado *Profissões Para Mulheres e Outros Ensaio* (2021), onde a autora - com a palestra “Profissões para Mulheres” na The Women’s Service League (1931) - comenta e complementa as ideias discutidas na obra citada anteriormente sobre a importância do trabalho feminino para o alcance da independência financeira

[...] Toda a situação, como a vejo - aqui, nesta sala, rodeada de mulheres que exerçam pela primeira vez na história não sei quantas profissões diferentes -, é de muito interesse e importância. Vocês ganham seus quartos próprios numa casa que até pouco tempo era propriedade exclusiva dos homens. Podem, ainda que com muito esforço, pagar o aluguel. [...] Mas essa liberdade não é senão o começo; o quarto é de vocês, mas por ora, segue vazio. É preciso mobiliá-lo; é preciso decorá-lo; é preciso compartilhá-lo (Woolf, 2021, p. 144-145).

Seguindo nas discussões, destaco outro comentário de Cléber que considero pertinente a pergunta da seção:

[...] Jeni, no começo quando você tava falando da importância do homem, pra falar sobre o assunto feminismo, uma das minhas dúvidas, uma das maiores dúvidas que eu tive porque eu já pensei em fazer meu tcc falando sobre o personagem feminino nos quadrinhos, porque são sempre super, hipersexualizados ou a maioria né heroínas super poderosas que acabam terminando, como é que eu vou dizer, é.. acaba sendo louca no final da história. Exemplo, a Jean Grey termina muito louca com os poderes dela. Tipo, destrói tudo, morre e acaba [...] parece que toda história feminina acaba desse jeito [...] quem escreve são homens, é claro. e parece que toda história feminina em quadrinhos parece ser voltada pra loucura no final. Tipo assim, elas não conseguem ser um personagem forte e que domina o ambiente.. aí eu pensei em falar sobre esse tema e me perguntei: será que eu to no lugar de fala de falar sobre esse tema? Aí eu me pego muito pensando nisso. Porque eu sou um homem, né? Por mais que seja gay, eu sou um homem mas eu falar... fica estranho, não fica não? O que você acha? (13/05/2023)

E o diálogo seguiu com as seguintes pontuações:

Professora pesquisadora: [...] Então.. eu acho que eu jogo aqui pra todo mundo, pras meninas também comentarem. O que vocês acham, gente? Essa questão do Cléber... claro que, realmente você não tá no seu lugar de fala, mas eu acho que, você considerando esses pontos e se colocando como um aliado, porque isso é uma forma de estar.. igual a hooks fala né? Pensamentos e ações feministas, os homens também podem promover isso, reconhecendo o seu lugar de fala, ne. Essas especificações, eu acredito que seja uma coisa muito válida, o que vocês acham? Alguém pensa diferente? ou também acham isso... (13/05/2023)

Gabriely: [...] eu concordo, acho que o pensamento e a discussão ela deve acontecer independentemente do gênero que ela se identifica, até porque se a gente pensar somente que somente mulheres podem falar acerca do feminismo, a gente acaba excluído pessoas que se identificam com o sexo oposto e com pessoas que não se identificam com essa binaridade de gêneros. Então acho que é um pensamento excludente. (13/05/2023)

Professora pesquisadora: [...] A gente acaba tornando o movimento mais inacessível, né? (13/05/2023)

Gabriely: [...] Sim, exatamente. Acho que a discussão deve acontecer e ela deve acontecer principalmente no gênero que não se identifica com o feminino, até porque as opressões que o gênero feminino sofre, sempre sofreu, em sua maior parte não foi por conta do próprio gênero, mas sim no gênero oposto. Então essas discussões, elas devem acontecer. (13/05/2023)

A dúvida de Cléber é pertinente, pois o lugar de fala é de grande importância nos movimentos de grupos minorizados. Ao não ter a vivência de uma mulher, o licenciando se questiona se pode ou não analisar um tópico que considera problemático. Isso vai ao encontro do que registrou em sua narrativa I com o tema “O Feminismo e eu”

O meu questionamento sobre a representação feminina na sociedade me veio em um dia que eu estava assistindo uma resenha sobre o final de Game of Thrones e a Daenerys. Percebi que a maioria das minhas personagens super-heroínas tinham aquele mesmo fim, ou enredo parecido com o da Daenerys. Mas com o tempo fui deixando meio que de lado o feminismo nos quadrinhos, por medo de não ser meu local de fala. (Cléber, narrativa “O Feminismo e eu”).

Refletindo acerca da dúvida do participante - sobre poder ou não falar sobre determinado assunto - me vem à cabeça a expressão “lugar de fala”, muito usada dentro do feminismo e provavelmente oriunda, inclusive, do termo “feminist stand point” (ponto de vista feminista). Sobre o lugar de fala, a filósofa feminista Djamila Ribeiro (2017) destaca a importância crucial de considerar as distintas posições sociais, culturais e políticas das pessoas ao expressarem suas experiências e perspectivas. Em consonância com a perspectiva feminista interseccional de Collins e Bilge (2021), Ribeiro ressalta que o reconhecimento e a valorização desses diferentes lugares de fala são fundamentais para promover uma abordagem mais inclusiva e plural dentro dos discursos e práticas feministas. Com isso, o lugar de fala não apenas reconhece as assimetrias de poder presentes nas relações sociais, mas também amplifica as vozes historicamente marginalizadas, como as de mulheres negras, LGBTQIAP+, indígenas e outros grupos minorizados. Nesse sentido, sua visão sobre o lugar de fala emerge como uma ferramenta dentro da epistemologia feminista.

A relutância em abordar algo que não faz parte do seu local de fala parece atrapalhar o desenvolvimento de uma ideia que pode ser considerada aliada. São poucos os estudos brasileiros publicados sobre homens feministas. Todavia, em Freitas, Felix e Carvalho (2018), temos essa discussão: “Há, no âmbito dos movimentos feministas, um debate acerca da possibilidade e da legitimidade de homens serem ou não feministas” (Freitas; Felix; Carvalho, 2018, p. 864). A partir disso, corroboro com os/as autores/as na afirmação: “[...] acreditamos na importância do engajamento de homens na construção de masculinidades não violentas e de uma sociedade mais justa no âmbito das relações de gênero e defendemos a importância de homens que se identificam como feministas nessa construção” (Freitas; Felix; Carvalho, 2018, p. 865).

hooks (2020), na seção “Masculinidade Patriarcal”, reflete a respeito dos malefícios dessa masculinidade, pois ela ensina aos homens que seu senso de si e identidade é resultante da dominação dos outros. Portanto, as reflexões que emergem são: como se tornar feminista se você não consegue sequer imaginar um contexto sem essa dominação? E para vislumbrar esse contexto, é necessário aporte - para esclarecimento - na teoria feminista. O professor em formação, enquanto homem negro cis homossexual, provavelmente por conta de suas interseções já possuía uma consciência social mais apurada. A sua participação totalmente voluntária no minicurso de letramentos feministas demonstra ir na contramão da masculinidade patriarcal - e totalmente alinhado a hooks - buscar, na teoria feminista, subsídios para uma (des)construção que seja aliada do movimento, pois

Um homem despojado de privilégios masculinos, que aderiu às políticas feministas, é um companheiro valioso de luta, e de maneira alguma é uma ameaça ao feminismo; enquanto uma mulher que se mantém apegada ao pensamento e comportamento sexistas, infiltrando o movimento feminista, é uma perigosa ameaça (hooks, 2020, p. 27).

3.2 CONHECER LÉLIA GONZALEZ, PRETUGUÊS E OUTRAS AUTORAS FEMINISTAS NEGRAS É PARA TODO MUNDO

Nascida em uma família de 18 irmãos, mãe indígena e pai ferroviário, Lélia Gonzalez graduou-se em História e Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e em Sociologia pela Universidade de Paris VI. Natural de Belo Horizonte, foi uma das fundadoras do Movimento Negro Unificado (MNU) na década de 1970 e teve relevante atuação na articulação de pautas antirracistas e na defesa dos direitos das mulheres negras (Ratts; Rios, 2010).

No encontro dois - mencionado de forma breve nas seções anteriores- optei por abordar, dentre outros tópicos, a biografia da feminista, professora e militante do movimento negro, Lélia Gonzalez. Meu encontro com a Lélia se deu ainda de forma superficial na graduação. Minha orientadora, ao discutir o meu tema de TCC, sugeriu que eu conhecesse a vida e obra da autora. Pouco mais tarde, nas leituras para estruturar meu pré-projeto para a seleção do Mestrado, adentrei um pouco mais nas suas escritas. Já mestranda, durante o ano em que cursei as disciplinas e por querer tratar mais sobre decolonialidade em minha pesquisa, fiz de Lélia um dos pontos suleadores da dissertação. Como eu queria ter conhecido mais sobre ela ainda na licenciatura! Então, incluir o pensamento de Lélia no encontro em que tratei de decolonialidade e feminismo negro foi fundamental:

Professora Pesquisadora: [...] Alguém que já conhecia a Lélia? Já ouviram falar de Lélia Gonzalez? (20/05/2023)

Participantes: [silêncio por alguns segundos]

Heloísa e Cléber: [...] não... (20/05/2023)

Não foi uma surpresa receber uma negativa diante desse questionamento. Eu mesma, mediadora do minicurso, só a conheci tempos depois de me perceber feminista. Ao trazer uma feminista negra na programação, busquei sempre marcar a minha posição enquanto mulher branca cis heterossexual. Pensando nisso, após - por meio de slides - introduzir conceitos como “decolonialidade”, apresentei-a aos participantes e pouco depois, articulei suas ideias às questões linguísticas, com seu famoso termo “Pretuguês”.

Assim como faço frequentemente comigo, trouxe o questionamento para as/os demais:

Professora Pesquisadora: [...] você está dando voz às mulheres de cor? Você está dando voz às feministas negras? [...] E as lésbicas? Você está pensando nas mulheres subalternizadas? Então é sempre uma reflexão a se fazer. A programação do minicurso é uma coisa que eu e a minha orientadora, a gente sempre refletiu sobre. É uma questão, marcar a minha posição enquanto mulher branca. [...] trazendo autoras negras e de outras etnias para, assim, se construir um referencial teórico, realmente, decolonial interseccional [...] Para que a gente construa um referencial teórico, um referencial das nossas aulas também, enquanto professores diversificados, né? Eu usei um vídeo da Chimamanda (O Perigo de Uma História Única) há uns tempos atrás também. E o que é que vocês pensam, pessoal assim, dessa questão, dos referenciais que a gente leva para as salas de aula, que a gente usa na academia também. Vocês já têm essa preocupação em estar diversificando um pouco? (20/05/2023)

Problematizo, aqui, a expressão “dar voz” a qual usei para me referir ao valorizar os saberes dessas mulheres. Após diversas reflexões sobre o assunto, encontrei em Silvestre (no prelo), baseada em Carlos Skliar (2019), a materialização dessa inquietação - a importância de reconhecer nosso papel de escuta e não de quem decide quem deve ser ouvida. Em consequência, acho pertinente trazer as palavras de Skliar (2019, p. 34): “[...] Violência é uma língua que não acaba de se soltar. Quem não tem, por acaso voz? Quem não grita? Não, não é dar a voz: é escutá-la, onde já se fazia presente”.

Portanto, reconheço o processo contínuo de desconstrução a qual estou inserida. Assim como fiz, diversos artigos acadêmicos ainda usam o “dar voz” sem esse olhar atento, mesmo com a melhor das intenções. Fica, então, mais um aprendizado neste longo caminho trilhado.

Voltando ao encontro, após alguns segundos o participante Cléber comenta:

Cléber: [...] Eu adorei conhecer a Lélia Gonzalez. Eu não conhecia [...] Ela é muito pioneira porque mulher em filosofia é a coisa mais rara. Se a gente pesquisar qualquer filósofo hoje brasileiro só tem homem. Leandro Karnal, Mário Cortella, né? Outros que a gente não conhece, a gente está conhecendo porque é bem popular. Mas mulher em filosofia naquela época, ela como mulher negra, é uma coisa assim, incrível.

Cléber percebe um ponto passível de problematização logo na biografia da autora. A invisibilidade da mulher na filosofia. A filósofa Júlia Pacheco, organizadora da obra *Mulher & Filosofia: As relações de gênero no pensamento filosófico*, comenta: “Não só é notória a invisibilidade das mulheres na filosofia, como também nos espaços acadêmicos, sendo raras as professoras e alunas nesse meio. Isto decorre do ofuscamento da presença feminina no passado, e que percorre até a atualidade” (Pacheco, 2015, p.22). E continua:

Onde estão as filósofas? Mesmo sendo excluídas e escondidas, elas fizeram parte da filosofia. Apesar do controle masculino nas questões filosóficas, pôde-se encontrar – ainda que poucas – referências sobre a existência dessas mulheres. A filosofia não foi e nem é feita apenas por homens, porém, a voz masculina ainda é dominante na filosofia (Pacheco, 2015, p. 23).

De fato, Lélia Gonzalez esteve aqui para provar que existiram/existem sim mulheres filósofas. Através de seu pensamento intelectual engajado, cujo trabalho refletiu uma profunda reflexão sobre questões filosóficas, especialmente aquelas relacionadas à política, identidade, relações de poder e justiça social. Sua formação em história, filosofia e antropologia contribuiu para moldar sua abordagem analítica e crítica em relação às estruturas de opressão e desigualdade na sociedade brasileira.

E seguimos para outra contribuição de Lélia, o **pretuguês**: “Eu gostaria de colocar uma coisa: minoria cultural a gente não é não, tá? A cultura brasileira é uma cultura negra por excelência, até o português que falamos aqui é diferente do português de Portugal. Nosso português não é português é ‘pretuguês’” (Gonzalez, 1994, p. 385).

Cunhado por Gonzalez, o termo pretuguês é uma expressão que representa a crítica ao racismo linguístico e à imposição do padrão linguístico branco/eurocêntrico como norma na sociedade brasileira. Pretuguês é, portanto, uma forma de resistência cultural, uma afirmação da identidade negra e uma recusa em aceitar a ideia de que a língua dos afro-brasileiros era inferior à Língua Portuguesa dominante. Escolhi transmitir o vídeo apresentado pelo rapper Emicida, intitulado “PRETUGUÊS: a africanização da língua portuguesa brasileira”, disponível no YouTube¹. Entender o “Pretuguês”, proposto por Lélia Gonzalez, para mim, é fundamental para professoras/es de línguas, principalmente se pretendemos propor um letramento crítico para nossos/as alunos/as. Reconhecendo as variedades linguísticas presentes na comunidade, especialmente aquelas associadas à cultura afro-brasileira, as/os professoras/es podem desconstruir preconceitos linguísticos e empoderar os/as estudantes.

Professora pesquisadora: O que vocês acharam do vídeo? (20/05/2023)

Cléber: Maravilhoso e visionário, né? A língua de Eulália já retrata esse assunto, né? Mas esse é muito mais à frente, né? [...] Eulália, eu não lembro a profissão dela [...] Ela trabalhava na casa dele [...] Acho que é da família, né? E aí as meninas, que eram estudantes, chegavam para tirar férias e se depararam com ela e a língua dela. Tanto que era diferente. Tipo assim, o uso “errado”, né? O português que ela estava falando errado, mas era uma maneira dela se comunicar que sim, era entendida. Quem estuda na Mackenzie entende. E quem vive na rua entende. (20/05/2023)

O livro citado por Cléber, *A Língua de Eulália*, de Marcos Bagno (2006), é um divisor de águas dentro das faculdades de estudos linguísticos no Brasil. Ampliando os horizontes, aborda de forma perspicaz e didática a temática do preconceito linguístico. Bagno apresenta uma análise sobre os estigmas das variedades linguísticas não-padrão, trazendo reflexões sobre o real uso da língua e o que é necessário para o entendimento de uma mensagem. Com isso, o autor demonstra como as atitudes preconceituosas em relação às diferentes falas afetam a identidade e autoestima de quem verbaliza.

¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=v7ZC429ONME>.

Portanto, ao associar a obra com o “Pretuguês” de Lélia, o participante demonstra ter conhecimento acerca não só das variações linguísticas vigentes, como também que em muitos casos, fugir da norma padrão é uma forma de resistência e fortalecimento de identidade.

Professora pesquisadora: A gente vê o exemplo vivo que foi a Lélia, né? Que ela estava no meio acadêmico por ser professora universitária, mas ao mesmo tempo ela estava lá no chão, com microfone, para as pessoas que estavam passando ali na rua naquele momento. Então, ela tentava, ela tentava e conseguia dialogar com as camadas populares. (20/05/2023)

Apesar da pouca participação verbal acerca do pensamento de Lélia Gonzalez pela maioria das participantes, percebi, através das poucas câmeras ligadas, expressões de interesse sobre a temática. Tanto que, em nossa atividade assíncrona, ao propor a construção de um Padlet colaborativo sobre autoras negras e decoloniais², todas/os³ escolheram representantes do movimento negro:

Figura 2 - Padlet da pesquisadora



Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

² O termo decolonialidade também foi tratado neste encontro, porém, opto por abordar aqui apenas sobre o feminismo negro pois foi o que despertou maior engajamento da turma e postagens no mural colaborativo

³ Os nomes reais das/os participantes foram suprimidos da postagem por questões de ética da pesquisa.

Ao analisar o Padlet, é nítida a predominância de autoras feministas negras. Dois posts são sobre Chimamanda Adichie, autora que já mencionei acreditar ser uma “porta de entrada” para o movimento feminista, pois partilho da mesma experiência. Entretanto, esta não é uma crítica a autora, e sim uma constatação: primeiro, Adichie não é considerada uma teórica feminista, mesmo que escreva reflexões de gênero e se lute pelo movimento. Segundo: é uma das personalidades feministas mais em alta na mídia, tendo alcançado até mesmo um status pop ao ter sua fala utilizada pela cantora Beyoncé. Após a repercussão da música usando sample de sua concepção sobre *o que é ser feminista*, ela comemorou: “[...] por causa de Beyoncé, muitas mulheres jovens estão falando sobre o feminismo e, esperançosamente, homens jovens também, pois ela tem muitos seguidores” (Kurtz; Pedrazza, 2016, s/p). Chimamanda vem tornando os conceitos do feminismo mais acessíveis nas últimas décadas, é fato. Por isso, não foi surpresa ter a sua presença nos posts, mesmo trazendo e dando foco à diversas outras autoras negras.

Em contrapartida, Audre Lorde e Beatriz Nascimento - autoras à margem do feminismo pop - também foram citadas. Lorde (1934-1992), além de escrever prosa, fez carreira também como poetisa. Na poesia, usava o espaço para afirmar seu espaço como mulher negra. Assim como Collins e Crenshaw, Lorde também foi uma das precursoras do feminismo interseccional.

Negra, lésbica, feminista e mãe, defendia, como em *Irmã Outsider* (2019), o combate ao racismo, machismo e homofobia. Atravessada por essas diversas interseccionalidades, reconhecia que o gênero, ao se entrecruzar com raça, reproduz ainda mais desigualdades para as mulheres. “[...] as mulheres negras estão se unindo numa tentativa de explorar e modificar aquelas manifestações da sociedade que nos fazem sofrer uma opressão diferente da que sofrem os homens negros. E isso não é uma ameaça para os homens negros. A não ser para aqueles que optam por reproduzir as práticas que oprimem as mulheres” (Lorde, 2019, p. 34). Lorde foi a responsável por disseminar a ideia do autocuidado, que, para ser melhor compreendida, é necessário considerar o contexto histórico e intelectual no qual ela estava inserida. Durante o período de intensa agitação social nos Estados Unidos, marcado por lutas pelos direitos civis, movimentos feministas e a emergência do ativismo LGBTQIAP+, Audre emergiu como uma voz influente, principalmente através de suas obras.

Ao cunhar o termo “autocuidado” como uma resposta direta às demandas e desafios enfrentados pelas mulheres negras e outros grupos marginalizados, defendia que o seu sentido não era apenas sobre práticas individuais de bem-estar, mas sim uma forma de resistência política e uma ferramenta para a sobrevivência em um mundo que sistemática e estruturalmente negava a humanidade e dignidade às mulheres negras.

Em *A Burst of Light and others essays* (2017), Lorde afirmou: “Cuidar de mim mesma não é auto indulgência, é autopreservação, e isso é um ato de luta política” (2017, p. 58). Aqui, ela articula a ideia de que cuidar de si mesmo não é apenas um luxo pessoal, mas uma necessidade para as mulheres negras, que já são vítimas de diversas opressões e marginalizações.

Audre Lorde, portanto, representa uma pioneira do feminismo negro e na esfera acadêmica, desempenhando um papel na reconfiguração das discussões sobre identidade, classe, gênero, raça e sexualidade, fatores interseccionais que contribuem para uma análise profunda das formas interligadas de opressão. Lorde ampliou a compreensão das experiências das mulheres negras, que historicamente foram marginalizadas e postas à margem dos discursos predominantes, principalmente em pautas feministas. Seus escritos provocativos não apenas inspiraram gerações posteriores de feministas e acadêmicas/os, mas também forneceram um arcabouço teórico fundamental para os estudos de gênero e a teoria crítica contemporânea.

Já Beatriz Nascimento (1942-1995) - a única brasileira da postagem - nasceu em Sergipe e ainda criança se mudou para o Rio de Janeiro. Graduada e especializada em História, militou ao lado de Lélia Gonzalez pela causa feminista negra em nosso país. Nascimento viveu e trabalhou em um país marcado por profundas desigualdades raciais, onde a herança do colonialismo e da escravidão continuam a moldar as estruturas sociais e culturais. Sua produção intelectual reflete uma profunda consciência histórica e um compromisso com a narrativa e emancipação do povo negro no Brasil (Nascimento, 2008).

Sua pesquisa histórica e ativismo resgataram e valorizaram a história e a cultura afro-brasileira, problematizando as vozes dominantes que silenciavam as contribuições negras para a formação da sociedade brasileira. Contudo, a história de Beatriz Nascimento também expõe a questão da intelectualidade negra em nosso país. Apesar de suas contribuições significativas para a academia e o movimento feminista, a escritora muitas vezes foi subestimada dentro desses espaços, em muitos casos, dominados por uma perspectiva colonial. A trajetória de Nascimento é a trajetória da resistência e da luta por justiça social, de gênero e racial. Entretanto, o problema enfrentado por ela sobre a validação da sua relevância e intelectualidade, denuncia a necessidade de transformações estruturais no social e na academia para impulsionar o reconhecimento e a valorização das vozes negras na construção do saber brasileiro.

Representando o ativismo político, feminista e acadêmico, Angela Davis é fundamental para o feminismo contemporâneo, principalmente para o feminismo que utilize as intersecções nas reivindicações por uma justiça social. Esse ativismo segue inspirando novas gerações de feministas que, assim como ela, luta em prol de uma agenda feminista mais ampla, que aborda não apenas a igualdade de gênero, mas também questões relacionadas à raça, classe, sexualidade e outras formas de marginalização. Davis segue sendo um dos maiores nomes do feminismo negro e da luta antirracista. A escritora já teve sua biografia comentada na seção sobre o feminismo negro, portanto, não penso ser necessário uma retomada aprofundada.

Essa atividade colaborativa contribuiu no processo de letramento feminista das/os participantes, fornecendo subsídios para compreensão mais aprofundada das experiências, teorias e contribuições das feministas negras para o movimento. As/Os licenciandas/os participantes tiveram a oportunidade de analisar criticamente as histórias de resistência, às teorias críticas e as propostas de mudança social articuladas por essas mulheres. Isso amplia a compreensão coletiva das questões de gênero e raça, desafiando narrativas hegemônicas e promovendo a diversidade de perspectivas dentro do movimento feminista. Assim, as postagens no Padlet fortalecem o letramento feminista ao fornecer conhecimento crítico e reflexivo, possibilitando, inclusive, a contato com feministas com atuação significativa, entretanto, nem tanto conhecidas.

3.3 COMPARTILHAR/PEDAGOGIZAR O FEMINISMO É PARA TODO MUNDO

O encontro 4 foi o momento de partilhar práticas de letramento feminista as quais venho desenvolvendo desde o início da graduação. Como já mencionado, pautar meus trabalhos em um viés feminista não foi algo planejado e sim uma forma de assumir a minha postura crítica também diante da academia. É claro que, ao olhar para trás, tenho diversos apontamentos sobre eles, principalmente a respeito do que poderia ser melhorado, mais aprofundado. Contudo, seria de muita exigência esperar tanto de uma feminista "iniciante", tanto nessa formação quanto na formação docente.

Acredito que esse foi o momento mais aguardado pelas/os participantes, pois, mostraria formas de colocar a teoria dos letramentos feministas na prática, voltado aos materiais didáticos e acadêmicos na área de línguas. Entretanto, foi o encontro com maior ausência. Com isso, as interações entre mediadora- participantes ficaram mais breves do que o esperado.

Professora pesquisadora: Quando eu fiz o meu TCC, na verdade, quando eu pensei em algo pra fazer meu TCC, eu sabia que eu queria falar algo sobre feminismo, queria que tivesse essa temática. E aí eu fiquei quebrando a cabeça de como relacionar feminismo com [o curso de] Letras, algo que não fosse só literatura. [...] e aí conheci a metodologia de pesquisa autoetnográfica, você faz a leitura de si mesmo através da sua narrativa, com as problematizações, com as reflexões [...] é muito interessante, principalmente pra nossa área de professoras/es em formação trazer essas inquietações, que a gente tem enquanto estudante de graduação e depois de mestrado, de doutorado. [...] e aí eu cheguei na conclusão dos letramentos feministas que abarcaria toda a minha construção enquanto feminista e enquanto docente de línguas. (03/06/2023)

Em uma pesquisa que se aproxima da metodologia pesquisa-participante, não há como a pesquisadora não se tornar também objeto da pesquisa. Esse movimento foi de reflexão sobre minhas práticas anteriores, em especial da minha práxis (Freire, 1968). Indo na direção deste conceito difundido pelo educador, percebo que, me justifico pelos meus trabalhos iniciais um tanto feministas liberais pois, sem muito aprofundamento na teoria feminista, em consequência, minha práxis também seria limitada.

Após explicar de forma detalhada os componentes dos trabalhos que selecionei para exibir (trabalho de conclusão de curso e alguns desenvolvidos em disciplinas do curso de Letras), lancei a seguinte reflexão a todas/os:

Professora pesquisadora: como você vai trabalhar feminismo, num contexto de aula de Línguas, sem mostrar o que é feminismo? sem dar uma definição de feminismo? (03/06/2023)

[silêncio] [...]

Cléber: não adianta você levar um texto e só ler, porque muitos [alunos/as] não vão. É melhor você levar um texto menor ou um vídeo pequeno e fazer uma roda de conversa e não ficar falando: “tá errado, não é assim!” (03/06/2023)

A asserção de Cléber sobre como abordar esse tema crítico vai ao encontro do que Freire (2005) discute sobre o considerar os saberes das/os estudantes, indo na contramão da educação bancária e ao encontro de uma educação dialógica. Além disso, o papel do/a professor/a como mediador/a e não como detentor/a de todo o saber, dando negativas as/os alunas/os como o comentado pelo participante: “tá errado, não é assim” ameniza a ideia de a escola ser um lugar de opressões e promove um maior espaço para um ensino que faça sentido a todas/os.

Como o minicurso não foi planejado para seguir uma formatação rígida, nossas discussões seguiram para a outra temática relevante feminista, que também pode servir de subsídio para aulas de línguas com esse viés: a pressão estética. Apesar das recentes polêmicas e questionamentos acerca da veracidade de alguns dados levantados, não se pode negar que a jornalista e escritora Naomi Wolf foi umas das feministas precursoras no que tange essa problemática. Em *O Mito da Beleza* (1992), Wolf argumenta que a indústria da beleza e da moda cria padrões inatingíveis de beleza física, os quais são perpetuados pela mídia e pela sociedade, ou seja, quanto mais próximo se está desse padrão, ele muda e se distancia novamente. Essa pressão estética desencadeia uma série de consequências negativas, como distúrbios alimentares, baixa autoestima e insatisfação corporal e atinge em sua maioria, mulheres.

Professora pesquisadora: É interessante pensar nesses ideais de beleza [...] eu não sei se vocês já assistiram *O diário de Bridget Jones* [...] eu tava no Twitter esses dias e alguém postou que a Bridget era considerada gorda pro padrão da época [...] ela não era gorda e era considerada assim, então quem tinha um corpo parecido com o da atriz se enxergava como gorda [...] uma distorção de imagem muito grande bem comum nesses filmes dos anos dois mil. (03/06/2023)

Figura 3 - Tweet problematizando o filme *O diário de Bridget Jones*



Fonte: Twitter.

O diário de Bridget Jones originalmente foi lançado como livro em 1996, e nele a personagem que dá nome a obra é descrita como “fumante, gordinha e romântica”, uma estereotipação comum de muitas mulheres que vivenciaram/vivenciam a terceira onda feminista.

[...] preocupação feminina contemporânea, o peso, é debochadamente representada por Bridget. A personagem anota constantemente todas as calorias de sua alimentação e cada grama ganha ou perdida. A ditadura da magreza surgiu em meados dos anos sessenta. Frequentemente, são estampadas, em revistas femininas, fotos com modelos magérrimas, trazendo promessas de dietas e exercícios que levarão a mulher a ter o “corpo ideal” (Garcia; Pontes, 2017, p. 3).

A pressão estética emerge ao adaptarem a literatura às telas do cinema, onde escolheram a atriz Renée Zellweger, magra, para interpretar Bridget. Zellweger engordou alguns poucos quilos para o papel, contudo, ainda assim não era uma mulher gorda. Como resultado, tivemos diversas adultas e adolescentes nos anos dois mil com inúmeras distorções de imagem, anos esses em que o corpo feminino era ainda mais considerado como propriedade coletiva.

Após o meu compartilhamento, Heloísa comenta:

Heloísa: Essa questão do corpo me lembrou aquela música da Beyoncé, “Pretty Hurts”, não sei se vocês já ouviram. (03/06/2023)

Professora pesquisadora: Sim, com certeza. Como a beleza nos faz sofrer e tentar se encaixar e como a mídia tem poder sobre isso. (03/06/2023)

A canção da cantora estadunidense Beyoncé, “Pretty Hurts”, lançada em 2013, narra a pressão estética vivida por mulheres e como a busca pela perfeição física pode causar danos emocionais e psicológicos profundos, destacando que a obsessão pela imagem externa muitas vezes mascara a dor interior e a insegurança.

*A beleza machuca
Evidenciamos o que temos de pior
A perfeição é a doença da nação
A beleza machuca
Evidenciamos o que temos de pior
Tente reparar algo
Mas você não pode reparar o que não consegue ver
É a alma que precisa de cirurgia*
Trecho traduzido de “Pretty Hurts”. Compositor: Beyoncé; Sia Kate Fuler.
Fonte: Vagalume.

Essa não é a primeira vez que cito a cantora nesta dissertação. Há muitos anos, Beyoncé vem abordando temas feministas em suas obras audiovisuais, assim como pautas raciais, muito presentes no álbum *Lemonade* (2016).

No decorrer do encontro, ao analisarmos nossas práxis presentes em atividades de letramentos feministas, emerge o seguinte diálogo:

Professora pesquisadora: Foi você, Heloísa, que falou que fez uma atividade com temática feminista no estágio? (03/06/2023)

Heloísa: [...] sim. (03/06/2023)

Professora pesquisadora: Você já teve uma vontade, né? De trabalhar com essa perspectiva. [...] Talvez no começo do curso você tinha uma perspectiva e ela foi desenvolvendo e depois que você fez trabalho, pode ter pensando: nossa, podia ter incluído tal coisa e não fiz, ou porque não deu tempo, ou porque você não tinha pensado nisso na época [...] teve isso com você também? (03/06/2023)

Heloísa: Teve sim [...] eu fiquei pensando bastante nisso. Meu estágio terminou faz um mês mais ou menos e eu fiquei pensando “nossa, eu poderia ter feito várias coisas diferentes”, mas eu acho que sempre quando a gente revisita uma coisa que a gente fez, a gente já é uma pessoa diferente da que a gente é, não tem porque ter tanta cobrança. [...] porque como tu comentou, a gente fez, pelo menos eu sinto que eu fiz o que tava dentro das minhas possibilidades [...] (03/06/2023)

Esse sentimento de culpa, mencionado pela participante, é mais comum na vida docente do que se possa imaginar. Cobradas/os o tempo todo pela escola, família, alunas/os etc., a/o docente ainda lida com as próprias cobranças, em especial sobre fracassos escolares, gerando uma sobrecarga ainda maior. No que tange às mulheres (pensando no contexto do minicurso), o exercício de ser auto culpabilizar é ainda maior, pois “[...] apesar dos discursos modernizantes encontrados nas mulheres da atualidade, percebe-se uma cobrança demasiada, em relação a si própria e às suas vidas familiares” (Silva; Lima, 2012, p. 7). Com uma vida de duplas ou triplas jornadas, “[...] a mulher que lutou tanto para conquistar espaços fora da cena doméstica hoje também sofre por – uma vez conquistado o espaço público – agregar a esse uma série de tarefas e funções” (Silva; Lima, 2012, p. 13). É essencial entender que a conquista de espaços públicos não deve ser acompanhada por uma carga desproporcional de responsabilidades adicionais e devemos buscar por práticas que promovam uma distribuição mais equitativa de responsabilidades, principalmente no âmbito profissional.

A partir disso, a proposta de atividade assíncrona foi a postagem colaborativa no Padlet de materiais que podem subsidiar aulas de línguas feministas. As postagens abarcaram diversas áreas que compõem a Letras, como Literatura e gêneros textuais como música, tirinhas, charges e notícias.

Figura 4 - Primeira parte da curadoria de materiais para subsidiar aulas de línguas feministas



Fonte: Padlet da pesquisadora.

A participante Larissa Lopes elaborou as duas primeiras postagens do mural. O primeiro post problematizou as publicações femininas usando pseudônimos. A doutora em literatura Daise Fonseca Dias, em seu artigo “As irmãs Brontë e a luta pela autoria” (2012), comenta:

A escolha de pseudônimos masculinos] destaca quando diz que há razões para se acreditar que a figura do masculino fazia parte da fantasia de muitas mulheres desde a infância como símbolo de liberdade, poder e autonomia. O uso de pseudônimos masculinos era uma forma de representar os aspectos de sua personalidade que transcendiam o ideal feminino presente no imaginário popular de sua época, e sua busca pela liberdade por eles supostamente proporcionada (Dias, 2012, p. 6).

O caso das irmãs Brontë se assemelha ao de Jane Austen, escritoras brilhantes que usaram desse artifício para trazer visibilidade à sua escrita. Contudo, como observa a autora,

A presença sistemática das mulheres como escritoras ao século XIX e o seu sucesso sem precedentes construído ao longo do século foi resultado de uma longa marcha que desde sempre foi posta em prática por mulheres ao longo do tempo. Essas autoras chegaram ao mercado e deram “um novo ar” à literatura, suas obras eram uma alternativa à tradição em termos de perspectiva na representação de personagens, e mesmo com as suas limitações iniciais, conseguiram um público fervoroso ao ponto de causarem desconforto aos homens devido ao seu sucesso. Ainda assim, mulheres escritoras eram minoria no cenário literário Anglo-Americano, mas, com o decorrer do tempo, um romance escrito por mulher passou também a ser sinônimo de boas vendas, e ironicamente alguns homens chegaram inclusive a usar pseudônimos femininos para terem acesso à publicação com bons olhos e com certa possibilidade de sucesso no século XIX (Dias, 2012, p. 3).

Assim sendo, a ideia de problematizar o uso de pseudônimos masculinos em autoras mulheres traz um viés mais crítico ao ensino de literatura, indo ao encontro do que pensa a mestra em Literatura Maria da Glória Azevedo (2018, p. 2), ao afirmar que “A literatura vai além do uso individual; é um olhar sobre a realidade presente, o passado, a história, ela é um espaço de lutas, denúncias, resistência político-cultural”. Escolher essa temática para a curadoria de materiais - ou de possibilidades de atuação, como também gosto de chamar - é ir além do estudo muitas vezes superficial da literatura dado nas escolas, é ter esse olhar mencionado por Azevedo (2018) e nele adicionar as lentes da educação feminista.

A segunda postagem - a música Maria de Vila Matilde - foi composta por Douglas Germano e cantada por Elza Soares. Como tema principal, temos o retrato da violência contra a mulher, algo que a própria intérprete da música já foi vítima. Sem dúvidas, essa experiência pessoal de Elza serviu como combustível para dar ainda mais significado à letra. É interessante analisar o quanto a personagem feminina, apesar de vítima, se mostra empoderada quanto a atitude que precisa tomar (ligar para o 180 - Central de atendimento à mulher vítima de violência doméstica) e até mesmo chega a ameaçar o agressor:

*Cadê meu celular? Eu vou ligar pro 180
 Vou entregar teu nome e explicar meu endereço
 Aqui você não entra mais, eu digo que não te conheço
 E joga água fervendo se você se aventurar
 (Maria de Vila Matilde)*

Maria Karolyne Reis Santana e Raiane de Jesus Santos (2018) dissertam mais sobre isso no artigo “Luta feminista de Elza Soares: Denúncias em Maria da Vila Matilde”, o qual foi oriundo de um minicurso ofertado por ambas com o mesmo nome. Nesse sentido, as autoras também chamam a atenção nas intersecções que permeiam a cantora: mulher e negra. A Declaração e Plataforma de Ação da IV Conferência Mundial sobre a Mulher (Declaração de Pequim, ou Beijing) (2020) traz um panorama estatístico da situação da mulher no Brasil e aponta: “Estima-se que, em 2009, 2.530.410 pessoas sofreram agressão física no Brasil, entre as quais 42,7% (1.447.694) eram mulheres. A população negra é mais vulnerável à agressão física [...] entre as mulheres agredidas, 44% eram brancas e 56% negras”.

Portanto, as avenidas identitárias ressaltadas por Santana e Santos (2018) são fundamentais para compreender ainda mais profundamente a canção. Certamente, ao sugerir o trabalho com essa música em aulas de línguas ao final do minicurso, Larissa demonstrou ter absorvido muito das aulas/dos momentos sobre feminismo negro e interseccionalidades. Infelizmente a participante não entregou as duas narrativas, impossibilitando uma análise mais a fundo no que tange às suas percepções e expectativas como futura docente. Sua participação, então, foi analisada principalmente pelas postagens nos Padlets.

A charge ironizando a situação da mulher no mercado de trabalho foi a curadoria da participante Heloísa. Esse gênero textual se caracteriza por “[...] o escopo do discurso irônico na charge é para provocar o leitor e gerar reflexão” (Gomes, 2023, p. 33). A ironia na charge em questão se dá pela discussão acerca do sucesso no programa de igualdade de gênero na empresa ser feita em um ambiente composto apenas por homens. Essa abordagem me lembra as escritas que realizei acerca da segunda onda feminista nesta dissertação, onde a participação feminina no mercado de trabalho e equiparação salarial entre homens e mulheres começou a ser um dos tópicos principais da luta feminista.

Heloísa, em sua narrativa inicial, “O Feminismo e Eu”, afirma:

[...] Minha relação com o feminismo iniciou-se há alguns anos, sendo incitada pelo questionamento aos papéis e às normas sociais atreladas a cada gênero [...] A situação assemelha-se a um jogo: nós, mulheres, consoante a determinação de regras, parecemos meras peças que são deslocadas de um local ao outro sem termos direito de tomar nossas próprias decisões (Heloísa, “O Feminismo e Eu”, 2023).

O narrado pela participante parece ser bem a todas nós feministas: o primeiro contato com as pautas se dá através do questionamento. Ao vivenciarmos injustiças, sentimos na pele a revolta e a vontade de mudar aquela situação. Questionar a organização social e o patriarcado (Vergès, 2020) faz parte da postura feminista, e acredito que o minicurso deu subsídios para que esses questionamentos se fizessem de forma crítica.

Quanto à atividade proposta, o trabalho com charges está previsto na BNCC (2018) no que tange ao ensino de Língua Portuguesa e Língua Inglesa. Além disso, é um gênero multimodal e discursivo, “[...] contribuindo no processo de reconhecimento da informação implícita e da apropriação da leitura proficiente” (Denardin; Melo, 2020, p. 12), o que vai ao encontro das perguntas sugeridas pela participante na segunda parte da postagem, como complemento à charge:

- O que a imagem sugere?
 - A situação exibida ocorre com frequência?
 - O que vocês pensam a respeito desse cenário?
 - Qual seu entendimento sobre a charge? O programa de igualdade de gênero, mencionado pelo chefe, é um sucesso? Por quê?
 - Há ironia na charge? O que a mesa cheia de executivos representa? Por que não há mulheres?
- (Heloísa, perguntas postadas no Padlet, 2023).

O uso desses questionamentos críticos vai de acordo com as suas concepções presentes na narrativa “Eu, futura/o docente de línguas, e o feminismo”:

Enquanto futura docente, constato a ampla possibilidade de tornar as aulas de Língua Portuguesa e Língua Inglesa como espaços de contato com perspectivas feministas. Pode-se envolver os educandos em atividades que visem a apreensão de sua realidade de inserção, diagnosticando as desigualdades de gênero perpetuadas através das formas de uso da linguagem (Heloísa, narrativa “Eu, futura/o docente de línguas, e o feminismo”, 2023).

Considero que essas concepções de trabalho com a linguagem se inserem no escopo da Linguística Aplicada Crítica (LAC), pois o narrado por Heloísa está consonância com Moita Lopes (2013, p. 10) ao afirmar que “o exercício da palavra possibilita que se trate de qualquer tema”, emergindo, a partir daí, uma educação linguística crítica que atenda e insira temáticas feministas, como foi objetivado pelo minicurso.

Isto posto, a participação ativa da licencianda durante o minicurso - tanto nos encontros quanto nas escritas e postagens - está refletida neste excerto:

As leituras, as trilhas e as partilhas viabilizadas pelos encontros do minicurso indubitavelmente refletirão em minha futura prática docente. A escolha dos materiais, a mediação da organizadora e as conexões com os demais participantes fomentaram ricas trocas que se fizeram presentes nesse entremeio. Dessa forma, os encontros entre saberes epistemológicos, entre o “eu” e o outro suscitaram práticas reflexivas relativas às questões de gênero, identidade e sexualidade inerentes às nuances históricas, políticas e culturais da realidade (Heloísa, narrativa “Eu, futura/o docente de línguas, e o feminismo”, 2023).

Acredito que as futuras ações docentes da participante contemplarão não somente o conhecimento construído durante os encontros, como também a sua bagagem crítica epistemológica construída ao longo de muitos anos. Heloísa reconhece a importância de considerar as nuances históricas, políticas e culturais ao discutir temas sensíveis como gênero, identidade e sexualidade, demonstrando uma compreensão da complexidade de trabalhar essas questões em aulas de línguas. Assim, revela um compromisso sério com o aprendizado contínuo e o desenvolvimento docente, como o seu engajamento em discussões problematizadoras ao longo de todo o minicurso.

O terceiro post - a tirinha da Mafalda que problematiza o papel da mulher na política - foi realizado por Cléber. Para Mônica Lopes Smiderle de Oliveira (2009), doutora e mestre em Estudos Linguísticos, os quadrinhos de Mafalda são recheados de estratégias irônicas produtoras de humor e de crítica social. A personagem, criada em 1964 pelo cartunista argentino Quino, é marcada pela sua personalidade questionadora e suas indignações perante injustiças. Outrossim, não é difícil encontrar tirinhas questionando a desigualdade de gênero, como a escolhida pelo licenciando.

Através de uma crítica afiada à desigualdade de gênero ao questionar os papéis de gênero na política, ao sugerir uma inovação na atuação política e tendo sua negativa logo em seguida pelos colegas, Mafalda se revolta com a arbitrariedade dessas normas de gênero. Analisando o conteúdo dos quadrinhos à luz de referenciais teóricos, ficam claros os subsídios da teoria feminista, que destaca a construção social dos papéis de gênero e a necessidade de sua desconstrução para alcançar a igualdade de gênero (Beauvoir, 1949); e a teoria da formação de identidade de gênero, enfatizando como as crianças aprendem e internalizam papéis de gênero por meio de processos sociais, discutida por Nancy Chodorow em *The Reproduction of Mothering* (1978).

O uso de materiais que estimulem a reflexão crítica sobre questões feministas, poder e identidade e a apresentação desses temas por meio de gêneros textuais possibilita, às/ aos alunas/os pensarem criticamente sobre relações sociais e a examinarem como a linguagem pode ser um instrumento de poder dentro dessas relações.

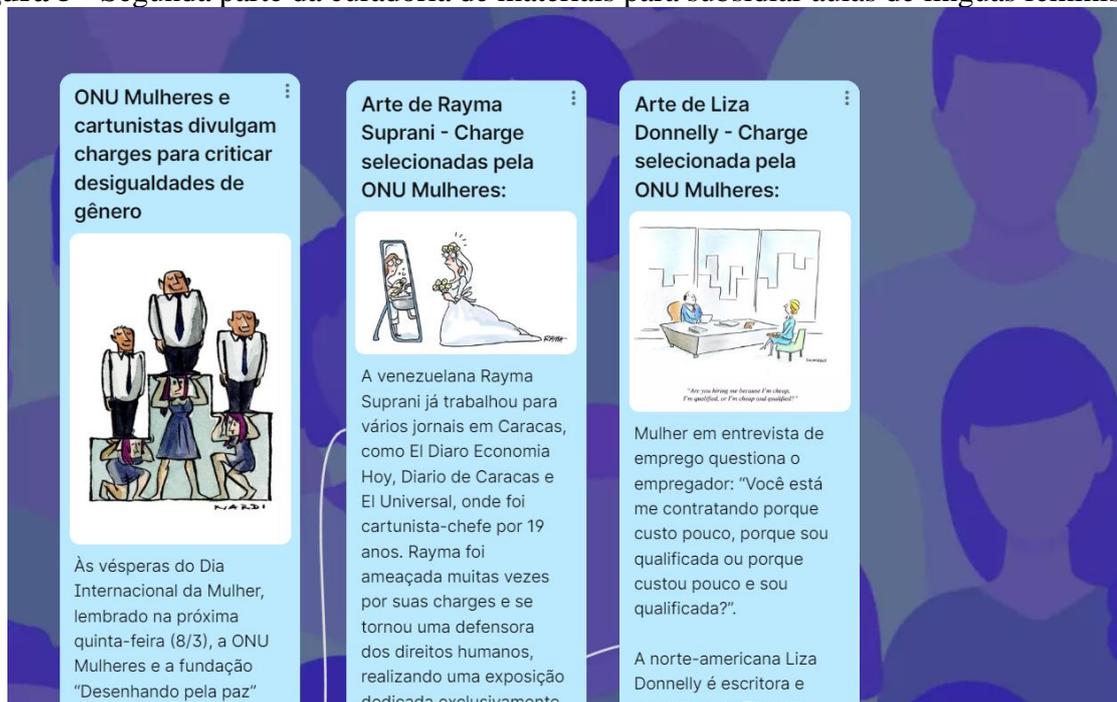
Pensar em levar esse material para as aulas de Línguas vai ao encontro das reflexões pontuadas em sua narrativa:

Apesar das minhas ideias iniciais terem chegado muito cruas, o minicurso amadureceu o lado feminista que havia em mim. Hoje consigo me perguntar sobre questões que no início passavam batido, até mesmo situações que antes eram tão normais [...] (Cléber, “Eu, futura/o docente de línguas, e o feminismo”, 2023).

Se Cléber tinha alguns receios ao iniciar o minicurso, foi exposto ao longo desta dissertação todo o seu desenvolvimento enquanto ser social e um futuro docente engajado nas temáticas sociais. Polêmicas à parte, acredito que a sua participação elucidou muito bem o quanto homens podem ser aliados das nossas pautas feministas, sem nenhuma pretensão de atrair os holofotes para si - casos que são uma raridade, eu sei, mas existem.

A seguir, comentarei a segunda parte do Padlet, contendo as sugestões de materiais da participante Jane:

Figura 5 - Segunda parte da curadoria de materiais para subsidiar aulas de línguas feministas



Fonte: Padlet da pesquisadora.

Jane realizou a curadoria de três charges que problematizam a situação da mulher na sociedade. O trio de charges são parte do livro *Abram espaço para as mulheres!* (tradução livre de *Make place for women!*), lançado em 2017. Com intensa expressividade, artistas mulheres evidenciam suas adversidades enfrentadas em diversos cenários. A obra conta com 12 charges feitas por artistas de diversas nacionalidades. Ressalto aqui que uma das selecionadas pela participante é da autora venezuelana Rayma Suprani. Essa escolha consciente de Jane corresponde bem ao refletido por ela em sua narrativa inicial: “[...] Hoje reconheço a importância de olhar para raça, etnia, capitalismo, identidade de gênero e branquitude antes de discutir o feminismo em si” (Jane, “O Feminismo e eu”, 2023). Aqui, sua perspectiva crítica e interseccional sobre o feminismo, reconhecendo a necessidade de considerar uma variedade de fatores antes de abordar a questão central do movimento. O exercício desse olhar interseccional demonstra conceitos da teoria feminista já internalizados pela licencianda, o que me leva a acreditar que sua escolha tenha sido guiada pela concepção de incluir mulheres além do eixo de países colonizadores.

Quanto à sua autorreflexão no que tange às futuras práticas docentes, emergem as seguintes pontuações:

Em uma sociedade extremamente sexista e misógina, observamos que trabalhar o feminismo enquanto espaço educativo pode ampliar o posicionamento dos alunos e possibilitar que as alunas tenham voz e se reconheçam dentro das teorias das autoras trabalhadas. (Jane, “Eu, futura/o docente de línguas, e o feminismo”, 2023).

Diante disso, ter participado dos encontros me levou a refletir nas maneiras de trabalhar questões de gênero nas minhas futuras aulas, provocando nos alunos uma visão crítica sobre patriarcado, machismo, violência e toda a estrutura nociva existente na sociedade. (Jane, “Eu, futura/o docente de línguas, e o feminismo”, 2023).

Reconheço em mim as mesmas motivações para o trabalho com os letramentos feministas na escola. Lá em 2018, no Programa de Iniciação à Docência (PIBID), quis abordar em sala de aula temáticas que contemplassem a situação das minhas alunas e buscassem promover uma conscientização nas atitudes dos alunos. É a partir do “se reconhecer naquilo” que a afinidade surge e, de forma sutil, o convite ao movimento é feito.

De forma geral, os materiais empíricos oriundos no minicurso só foram possíveis por conta da colaboração das/os licenciandas/os. Por se tratar de uma participação totalmente voluntária e sem fins lucrativos, nenhuma atividade foi obrigatória para a participação nos encontros. Com isso, lacunas emergem dificultando uma análise mais completa. Reconheço que a falta de interação verbal/escrita durante os momentos em que nos reunimos, deixou vagas diversas possíveis manifestações de subjetividade por parte das/os participantes. Apesar disso, ressalto que as - talvez - poucas interações foram valiosas e muito úteis para que esta pesquisa se desenvolvesse.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: OS LETRAMENTOS FEMINISTAS NÃO PARAM POR AQUI

Esta pesquisa, que no final de 2021 surgiu com a ideia de investigar materiais didáticos feministas, passou por diversas (re)construções ao longo desses mais de dois anos. A sugestão de direcioná-la ao contexto de formação de professoras/es no início me assustou um pouco. Lidar com pessoas, suas subjetividades, imprevistos e alterações constantes me parecia algo muito desafiador e sinceramente, tinha dúvidas quanto a minha capacidade de conduzir todo esse processo.

Foi ao longo da materialização do minicurso “Por mais letramentos feministas nas aulas de línguas” que conheci um lado meu ainda escondido. Posso dizer que amei realizar cada etapa aqui comentada. Selecionar os materiais, os temas de cada encontro, passar duas horas em várias tardes de sábado na companhia de futuras/os docentes de línguas me mostrou o quanto pesquisas assim são necessárias. Não desmerecendo as demais metodologias, contudo, os sentidos construídos em minhas escritas - através desse contato humano - ampliaram ainda mais as minhas concepções como feminista e docente de línguas.

No geral, esta pesquisa buscou compreender sentidos construídos pelos/as participantes do minicurso sobre a experiência de uma formação docente feminista e problematizar possibilidades de educação linguística a partir dos letramentos feministas. Através da variedade de materiais empíricos e de uma metodologia qualitativa-interpretativista - destaco a abordagem feminista também usada na metodologia - foi possível analisar as concepções, perspectivas, crenças e motivações das/os licenciandas/os participantes do minicurso “Por mais letramentos feministas nas aulas de línguas”, mediado por mim e com supervisão da professora Dra. Viviane Silvestre. Os encontros foram realizados de maio a junho de 2023, das 15h às 17h, aos sábados, via plataforma Zoom. Ao longo da programação, foram desenvolvidas narrativas, curadorias e postagens colaborativas por parte das/os participantes.

O estudo se orientou mediante as seguintes perguntas de pesquisa: a primeira, *Que sentidos são construídos pelos/as participantes do minicurso sobre a experiência de uma formação docente feminista?*, investigou as perspectivas manifestadas e/ou desenvolvidas pelas/os estudantes ao longo do minicurso. Considerando a heterogeneidade de conhecimentos/vivências feministas por parte do grupo, cada uma/um demonstrou uma progressão diferente.

Para subsidiar essa pergunta, o espaço de formação coletiva e colaborativa foi fundamental. No contato com variadas perspectivas feministas, sempre com o viés problematizador, foi a partir desse espaço de compartilhamento teórico e de vivências que as/os participantes refletiram, (des)(re)construíram suas crenças e alimentaram o anseio de uma práxis feminista enquanto docentes de línguas.

Pensar enquanto feminista e canalizar esses pensamentos para uma atuação em sala de aula é ter, de fato, uma postura docente feminista. É a educação feminista na prática. No caminho percorrido, as/os discentes demonstraram possuir repertórios já consolidados sobre teoria feminista, agência docente e algumas/uns, de experiência com os letramentos feministas. Assim, considero que esses conhecimentos/experiências prévias contribuíram de forma significativa para a qualidade das atividades do minicurso.

A segunda pergunta, *Quais possibilidades de educação linguística a partir dos letramentos feministas emergem dos/as participantes da pesquisa?*, analisou as curadorias de gêneros textuais sugeridos - através dos letramentos feministas - pelas/os licenciandas/os. Aqui, foram considerados as vertentes do movimento, intersecções de raça, gênero e classe e as diversas possibilidades do uso desses gêneros textuais para trabalhar uma educação feminista nas aulas de línguas. Essa curadoria foi feita de forma individual e postada, assincronamente, no Padlet destinado à atividade.

Como já mencionado, a participação no minicurso se deu por meio de várias propostas: diálogos, narrativas, curadorias e postagem no mural colaborativo do grupo. Em muitos momentos, algumas/uns participaram mais ativamente do que outras/os, tanto nas falas, quanto nas contribuições escritas. Essa justificativa é necessária para que compreendam o fato de alguns poucos nomes aparecerem mais do que outros. Compartilho também o fato de, desde o início dos encontros, ter enfatizado que o espaço era colaborativo e todas/os estavam convidadas/os ao diálogo, até mesmo no apelo pelas câmeras ligadas. Considero que o formato virtual do minicurso talvez tenha inibido um pouco essas participações, esse distanciamento físico pode contribuir para um tom mais impessoal. Entretanto, como o objetivo era abarcar estudantes de outras instituições do país, foi o formato necessário.

Conforme mencionado por mim no minicurso, o contato com os letramentos feministas era algo que gostaria de ter tido mais durante a graduação. Nos longos quatro anos de curso, não me foi oportunizado um curso livre ou de extensão da própria UEG neste segmento. E, se busquei de forma constante trabalhar com letramentos feministas ainda licencianda com tão poucos subsídios, fico imaginando o que conseguiria ter feito com maiores incentivos. Então foi a partir dessa experiência pessoal que uma experiência coletiva, quatro anos depois, se materializou.

O que pensei ser um empecilho - no virtual - em relação a problemas de conexões, acesso a computadores, não foi um problema de fato. Considero uma experiência bem-sucedida, pois em nenhum encontro houve ausência de participantes por esses motivos. O fato de nossas reuniões serem aos sábados também me preocupou, porém, as/os estudantes se mostraram responsáveis e comprometidos - e destaco aqui o quanto é preciso ter dedicação para estudar a semana toda e ainda ter vontade de frequentar o minicurso por duas horas em um fim de semana.

Ademais, evidencio as contribuições que este trabalho pode ter no que tange à formação que professoras/es de línguas para uma educação feminista. O trabalho com letramentos feministas ainda é um campo a ser mais explorado dentro da LAC, e acredito que ao promover essa pesquisa em uma cidade do interior de Goiás - dentro do cerrado goiano - estou contribuindo para um caminho formativo que tem o potencial de inspirar agências docentes feministas quando essas/es futuras/es professoras/es estiverem imersas/os no ambiente educacional. Além disso, acredito que participar de um minicurso como esse, durante a graduação, estimula a criatividade, a colaboração, o pensamento crítico e a construção de sentidos pautada na justiça social e no anseio por uma comunidade, e por que não, por mais docentes feministas.

O desfecho desta dissertação me traz um misto de sentimentos: alívio, felicidade e o maior de todos, orgulho por ter chegado até aqui. Concluo essa escrita que foi minha companheira por longos feriados, fins de semana e noites afora, escrita essa que por diversas vezes me fez duvidar de mim mesma, questionar a qualidade do meu trabalho, me questionar enquanto feminista...

Foi inenarrável a sensação de ofertar um curso de extensão a estudantes da universidade a qual me licenciarei. Escolho o termo *licenciarei*, pois o sentimento de estar em constante (des)(re)construção ainda é latente. O papel de mediadora me proporcionou aprendizados significativos com o grupo e espero que elas/es também levem boas lembranças desses momentos. Desejo que as/os participantes do minicurso “Por mais letramentos feministas” deem continuidade às ações feministas instigadas naqueles sábados à tarde, que não se esqueçam que o feminismo não é excludente, e sim, *acolhedor*. E que escolham acolher às suas mães, filhas, amigas, alunas e todas à sua volta.

Ainda mais, ressalto, que minha intenção ao logo da formação era com a imersão das/os participantes, com suas falas, vivências e reflexões emergidas a partir daqueles encontros. Com isso, em momento algum elas/es foram pressionadas/os a falar ou interagir. Minha prioridade não eram os dados que seriam gerados e sim, os sujeitos que ali estavam. Por mais que essas lacunas de silêncio estão em vários momentos aqui descritos, finalizo com a sensação de ter feito o que possível dentro das minhas limitadas possibilidades. E torço para que pesquisas futuras venham complementando esse percurso sinuoso que é a epistemologia feminista junto do interpretativismo.

REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos todos feministas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Para educar crianças feministas: um manifesto**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- ANZALDÚA, Gloria. Como domar uma língua selvagem. **Cadernos de Letras da UFF**, n. 39, p. 297-309, 2009.
- ANZALDÚA, Gloria. La conciencia de la mestiza/ Rumo a uma nova consciencia. **Revista Estudos Feministas**, v. 13, n. 3, p. 704-719, 2005.
- AKOTIRENE, Karla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Pólen, 2019.
- ARUZZA, Cinzia; BHATTACHARYA, Tithi; FRASER, Nancy. **Feminismo para os 99%**. Um Manifesto. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo Editorial, 2019.
- AZEVEDO, Maria da Glória. A recepção do texto literário pelo viés da crítica feminista: ressignificações da narrativa. **Revista Humanidades e Inovação**, v. 5, n. 4, 2018.
- BAEHR, Amy R. Liberal Feminism. In: ZALTA, Edward N. (Ed.). **The Stanford Encyclopedia of Philosophy**. 2021. Disponível em: <https://plato.stanford.edu/archives/spr2021/entries/feminism-liberal/>. Acesso em: 22 jan. 2024.
- BAGNO, Marcos. **A Língua de Eulália**: novela sociolinguística. 15. ed. São Paulo: Contexto, 2006. 215 p.
- BAKHTIN, Michail. **Marxismo e a filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2006.
- BARROS, Zelinda. O pensamento interseccional em debate: diferenças e desigualdades. In: SILVA, Ana Lúcia Gomes da; SILVA, Jerônimo Jorge Cavalcante; RODRIGUEZ, Victor Manuel (Orgs.). **Intersecções em pauta**: gênero, raça, sexualidades e classe social. Salvador: Edufba, 2020. p. 14-20.
- BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo**. 4. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970 [1949].
- BEYONCÉ. **Lemonade**. 2016.
- BORELLI, Julma; REZENDE, Tânia; ROSA-DA-SILVA, Valéria; SILVESTRE, Viviane. Entre Ipês e afetos: formação docente em floração na seca do cerrado central do Brasil. In: EGIDO, Alex Alves *et al.* (Orgs.). **Linguagens em tempos inéditos**: desafios praxiológicos da formação de professoras/es de línguas. Goiânia: Scotti, 2021.

BOTELHO, Yuri; SOUSA, Thamiris. As ondas feministas e O Conto da Aia: O enfoque do storytelling sobre a personagem Offred. *In: 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*. Belém, PA, 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

BROWNMILLER, Suzan. **Against our will: men, women and rape**. New York: Fawcett Columbine, 1975.

BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução Renato Aguiar. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

CADILHE, Alexandre J. Fabricando paraquedas coloridos: linguística aplicada, decolonialidade e formação de professores. **Raído**, v. 14, n. 36, p. 56-79, 2020. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/Raido/article/view/11943>. Acesso em: 10 maio 2022.

CANAGARAJAH, Suresh. **Translingual practice: Global Englishes and cosmopolitan relations**. Routledge, 2013.

CHODOROW, Nancy. **The Reproduction of Mothering: Psychoanalysis and the Sociology of Gender**. Berkeley, CA: University of California Press, 1978.

COLLINS, Patricia H. **Black feminist thought: Knowledge, consciousness, and the politics of empowerment**. New York: Routledge, 1990.

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2021.

COSTA, Maria da Graça. Agroecologia, (eco)feminismos e bem viver: emergências decoloniais no movimento ambientalista brasileiro. *In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais*. São Paulo: Boitempo, 2020. p. 191-210.

CRENSHAW, Kimberlé. **Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory, and Antiracist Politics**. The University of Chicago Legal Forum, 1989. p. 538-554. Disponível em: <https://chicagounbound.uchicago.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1052&context=uclf>. Acesso em: 8 ago. 2022.

CURIEL, Ochy. O feminismo decolonial como prática política contra a desumanização. **Portal Catarinas**, 2023. Disponível em: <https://catarinas.info/o-feminismo-decolonial-como-pratica-politica-contr-a-desumanizacao/>. Acesso em: 3 ago. 2023.

CYRINO, Rafaela. A deriva transfóbica do feminismo radical dos anos 1970. **Varia Historia**, Belo Horizonte, v. 39, n. 79, e23107, jan./abr. 2023

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016 [1981].

DECLARAÇÃO e plataforma de ação da IV Conferência Mundial sobre a Mulher. Pequim, 1995.

DENARDIN, Elisângela Renata Tomaz; MELLO, Angela Rita Christofolo de. charge: gênero multimodal no letramento dos estudantes do segundo ciclo da educação fundamental. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, v. 16, n. 1, p. 20-36, 2021.

DENZIN, Norman; LINCOLN, Yonna. Introduction: The discipline and practice of qualitative research. *In*: DENZIN, Norman; LINCOLN, Yonna (Eds.). **Strategies of qualitative inquiry**. Thousand Oaks, CA: Sage, 2003. p. 1-45.

DENZIN, Norman; LINCOLN, Yonna. **The SAGE Handbook of Qualitative Research**. 5th ed. Los Angeles: Sage, 2018.

DIAS, Daise Lilian. As irmãs Bronte e a questão da autoria masculina e feminina. *In*: **SINALGE**, 2012, Campina Grande. Linguagem e Gêneros Discursivos. João Pessoa: Ideia, 2012. v. 1. p. 1-13.

DUARTE, Constância Lima; CÔRTEZ, Cristiane; PEREIRA, Maria do Rosário Alves (Orgs.). **Escrevivências: Identidade, gênero e violência na obra de Conceição Evaristo**. Belo Horizonte: Ideia Editora, 2016.

DUBOC, Ana Paula Martinez. Letramento crítico nas brechas da sala de línguas estrangeiras. *In*: TAKAKI, Nara Hiroko; MACIEL, Ruberval Franco (Orgs.). **Letramentos em terra de Paulo Freire**. Campinas: Pontes Editores, 2014. p. 209-229.

DUBOC, Ana Paula Martinez. Lendo a mim mesma enquanto aprendo com e ensino o outro. *In*: PESSOA, Rosane Rocha; SILVESTRE, Viviane Pires Viana; MONTE MÓR, Walkyria. **Perspectivas críticas de educação linguística no Brasil: trajetórias e práticas de professores/es universitários/os de inglês**. São Paulo: Pá de Palavra, 2018. p. 11-24.

ELEIÇÕES em Anápolis (GO): veja como foi a votação no 2º turno. G1 Goiás [online], 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/go/goias/noticia/2022/10/30/eleicoes-em-apolis-go-veja-como-foi-a-votacao-no-2o-turno.ghtml>. Acesso em: 4 jul. 2023.

FARAGE, Eblin. Educação superior pública, ultraneoliberalismo e extrema direita no Brasil: traços do retrocesso em curso. **Revista Tópicos Educacionais**, Pernambuco, v. 28, n. 1, p. 70-97, 2022.

FEDERICI, Sílvia. **O Ponto Zero da Revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista**. São Paulo: Elefante, 2018. 388 p.

FIGUEIREDO, Renata Targino de; OLIVEIRA, Marcia Lisbôa Costa de. Respeita as Mina: por uma pedagogia crítica feminista no ensino de língua portuguesa. **Cadernos de Pesquisa**, v. 49, n. 171, p. 352-367, maio/ago. 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 2005 [1979].

FRIEDAN, Betty. **Mística feminina**. Rio de Janeiro: Vozes, 1971 [1963].

GARCIA, Ana Jóis; PONTES, Verônica. O diário de Bridget Jones: Reflexões sobre a mulher contemporânea. *In: IV Colóquio Internacional Educação, Cidadania e Exclusão*. 2017.

GOMES, Raimundo. **O discurso irônico no gênero textual charge**: desenvolvendo competências linguísticas na educação básica. Trabalho de Conclusão do Curso (Letras-Português) - PUC Goiás, Goiânia, 2023.

GONÇALVES DO Ó, Jeniffer. **Letramentos Feministas na formação crítica de uma professora licencianda de línguas**. 2022. 36 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Letras Português-Inglês e suas respectivas literaturas) - Universidade Estadual de Goiás, Anápolis, 2022.

GONÇALVES DO Ó, Jeniffer; RODRIGUES, Ana Luísa Carvalho; NAZÁRIO, Maria de Lurdes. PIBID de Língua Portuguesa na Educação de Jovens e Adultos: um olhar para a desigualdade de gênero. **Revista X**, Universidade Federal do Paraná, 2023. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/revistax/issue/view/3499>. Acesso em: 15 dez. 2023.

GONZALEZ, Lélia. **Por um Feminismo Afro-Latino-Americano**: Ensaios, Intervenções e Diálogos. Rio Janeiro: Zahar, 2020. 375 p.

GONZÁLEZ-REY, Fernando. **Sujeito e subjetividade**. São Paulo: Thomson, 2004.

GURGEL, Telma. Feminismo e luta de classe: história, movimento e desafios teórico-políticos do feminismo na contemporaneidade. **Fazendo Gênero**, [S. l.], p. 1-9, 16 ago. 2010.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. São Paulo: Martins Fontes, 2017.

hooks, bell. **O feminismo é para todo mundo**: políticas arrebatadoras. 1. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.

JORDÃO, Clarissa Menezes. [Conversa com] Clarissa Menezes Jordão. *In: SILVA, K. A.; ARAGÃO, R. C. (Orgs.). Conversas com formadores de professores de línguas*: avanços e desafios. Campinas, SP: Pontes Editores, 2013. p. 77-91.

JORDÃO, Clarissa Menezes. Uma jornada crítica em retrospecto, ou de como se respira no mar. *In: PESSOA, Rosane Rocha; SILVESTRE, Viviane Silvestre; MONTE MÓR, Walkyria. Perspectivas críticas de educação linguística no Brasil*: trajetórias e práticas de professores/es universitários/os de inglês. São Paulo: Pá de Palavra. 2018. p. 69-80.

LEAL, Tatiane; BAKKER, Bruna. A mulher bioquímica: invenções do feminino a partir de discursos sobre a pílula anticoncepcional. **RECIIS - Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 3, p. 1-15, jul./set. 2017.

LORDE, Audre. **A Burst of Light and others essays**. 2017.

LORDE, Audre. **Irmã Outsider**: Ensaios e Conferências. 1. ed., 1. reimpr. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

LUGONES, Maria. Colonialidade e gênero. **Tábula Rasa** [online], n. 9, p. 73-102, 2008.

MARIANO, Silvana; FERREIRA, Lina; SOUZA, Márcio. Metodologia e ética feministas em pesquisa social com mulheres em situação de pobreza. **Revista Pesquisa Qualitativa**, p. 192-212, 2022.

MARQUES, Julia Presser. **A rainha está se olhando no espelho**: notas sobre a busca pela beleza e o corpo na construção identitária feminina. 2019. 42 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura em Ciências Sociais) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2019.

MOITA LOPES, Luiz Paulo. Pesquisa Interpretativista em Linguística Aplicada: a linguagem como condição e solução. **DELTA**, v. 10, n. 2, p. 329-338, 1994.

MOITA LOPES, Luiz Paulo (Org.). **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

MOITA LOPES, Luiz Paulo. Gênero, sexualidade, raça em contexto de letramentos escolares. *In*: MOITA LOPES, Luiz Paulo (Org.). **Linguística Aplicada na modernidade recente**. São Paulo: Parábola Editorial, 2013. p. 227-247.

MOLITERNO, Danilo. Governador reeleito em Goiás, Ronaldo Caiado formaliza apoio a Bolsonaro. **CNN Brasil** [online], São Paulo, 2022. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/governador-reeleito-em-goias-ronaldo-caiado-formaliza-apoio-a-bolsonaro/>. Acesso em: 4 jul. 2023.

MONTE MÓR, Walkyria. Crítica e letramentos críticos: reflexões preliminares. *In*: ROCHA, C. H.; MACIEL, R. F. (Orgs.). **Língua estrangeira e formação cidadã**: por entre discursos e práticas. Campinas: Pontes Editores, 2013. p. 31-50.

MOREIRA, Gabriel Gomes Ferreira; GONÇALVES DO Ó, Jeniffer; PEREIRA; Ariovaldo. **Por uma linguística aplicada corporificada**: possibilidades para uma educação linguística crítica interseccional. 2023. [Manuscrito não publicado]

NARVAZ, Martha.; KOLLER, Silvia. Metodologias feministas e estudos de gênero: articulando pesquisa, clínica e política. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 11, n. 3, p. 647-654, dez. 2006.

NODARI, Sandra. Nomes e pronomes na Língua Portuguesa: a questão sexista no idioma e na academia. **Rev. Estud. Fem.** [online], v. 29, n. 3, 2021.

OCHY, Curiel. O feminismo decolonial como prática política contra a desumanização. **Catarinas**, 2023. Disponível em: <https://catarinas.info/o-feminismo-decolonial-como-pratica-politica-contra-a-desumanizacao/>. Acesso em: 21 set 2023.

OLIVEIRA, Letícia Moura Cavalcanti; MEDEIROS, Evecka Katiane Pereira. Bem estar subjetivo e independência financeira: um estudo correlacional com mulheres casadas. *In*: XI

Colóquio Nacional Representações de Gênero e Sexualidades. Campina Grande: Editora Realize, 2015.

OLIVEIRA, Mônica Lopes Smiderle. **A ironia como produção de humor e crítica social:** uma análise pragmática das tiras de Mafalda. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais, 2009.

PACHECO, Julia. **Mulher e Filosofia:** As relações de gênero no pensamento filosófico. Porto Alegre: FI, 2015.

PENNYCOOK, Alastair. Uma Linguística Aplicada Transgressiva. *In:* MOITA LOPES, Luiz Paulo (Org.). **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar.** São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

PESSOA, Rosane Rocha. Gêneros e sexualidades no ensino de línguas estrangeiras e na formação de professoras/es. *In:* FERRAZ, D. de M.; KAWACHI-FURLAN, C. J. (Orgs.). **Bate papo com educadores linguísticos:** letramentos, formação docente e criticidade. São Paulo: Pimenta Cultural, 2019. p. 35-53.

PETRONE, Talitha. Prefácio à edição brasileira. *In:* ARUZZA, Cinzia; BHATTACHARYA, Tithi; FRASER, Nancy. **Feminismo para os 99%.** Um Manifesto. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo, Boitempo, 2019. p. 11-19.

PINTO, Joana Plaza. Ler e escrever sobre corpos: metodologia feminista para letramento de jovens. **Cadernos de Pesquisa,** São Paulo, v. 41, n. 143, p. 538-558, maio/ago. 2011.

POSSENTI, Sírio. Critério de letramento. **PrimaPagina,** São Paulo, Coluna Littera, v. 1, p. 2, 7 jan. 2003.

PREAZZA, Danielo; KURTZ, Adriana Schryver. **Mídia e Feminismo Pop no Disco Visual “BEYONCÉ”.** Porto Alegre, RS: ESPM Sul, 2016.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. *In:* LANDER, Edgardo (Org.). **A colonialidade do saber:** eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, Buenos Aires, Argentina, 2005. p. 23-44.

RATTS, Alex; RIOS, Flavia M. **Lélia Gonzalez:** Retratos do Brasil Negro. São Paulo: Summus/Selo Negro, 2010.

RAYMOND, Janice. **The Transsexual Empire:** The Making of the She-Male. Boston: Beacon Press, 1979.

REZENDE, Tânia Ferreira. Letramento Feminista na construção de políticas públicas para mulheres. *In:* MARTINS, Martha Julia; BOLFARINE, Mariana; SILVA, Jairo da Silva e (Orgs.). **Linguagens e feminismos.** Ananindeua: Itacaiúnas, 2021. p. 9-13.

REZENDE, Tânia; SILVESTRE, Viviane; PESSOA, Rosane; SABOTA, Barbra; ROSA-DASILVA, Valéria; SOUSA, Larissa. Por uma postura decolonial na formação docente e na

educação linguística: conversa com Tânia Rezende. **Gláuks** - Revista de Letras e Artes, v. 20, n. 1, p. 15-27, 2020.

RIBEIRO, Djamila. **O que é: lugar de fala?** Belo Horizonte, MG: Letramento: Justificando, 2017.

RODRIGUES, Michael Douglas; ANDRADE, Maria Eugênia Sebba de; SILVESTRE, Viviane Pires Viana. Para além do certo ou errado: educação linguística crítica em um cursinho popular. *In*: PESSOA, Rosane Rocha; SILVA, Kleber Aparecido; FREITAS, Carla Conti. **Praxilogias do Brasil Central sobre educação linguística crítica**. São Paulo: Pé de palavra, 2021 p. 153-172.

RODRIGUES, Thais; FERREIRA, Laíssa. Angela Davis. **Blogs de Ciência da Universidade Estadual de Campinas: Mulheres na Filosofia**, v. 7, n. 2, 2021. Disponível em: <https://www.blogs.unicamp.br/mulheresnafilosofia/wp-content/uploads/sites/178/2021/09>. Acesso em: 5 fev. 2024.

ROSA, João Guimarães. Tutaméia: **terceiras estórias**. 5. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1979

SABOTA, Barbra do Rosário. Do meu encontro com a educação linguística crítica ou de como eu tenho revisitado meu fazer docente. *In*: PESSOA, Rosane Rocha; SILVESTRE, Viviane Pires Viana; MONTE MÓR, Walkyria. **Perspectivas críticas de educação linguística no Brasil: trajetórias e práticas de professores/es universitários/os de inglês**. São Paulo: Pá de Palavra, 2018. p. 59-68.

SANTANA, Maria Karolyne Reis; SANTOS, Raiane de Jesus. Luta feminista de Elza Soares: Denúncias em Maria da Vila Matilde. **O Manguezal** – Revista de Filosofia, São Cristóvão/SE, v. 1, n. 8, jan./jun. 2021.

SANTOS, Kelly Cristine; AZEVEDO, Nadia. Análise discursiva da posição-sujeito das mulheres negras militantes reverberada pelo discurso de Sojourner Truth. **Policromias** – Revista de Estudos do Discurso, Imagem e Som, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 11-35, maio/ago. 2020.

SARDINHA, Patrícia Miranda Medeiros. Letramento crítico: uma abordagem crítico-social dos textos. **Linguagens e Cidadania**, [S. l.], v. 20, p. 1-17, jan./dez. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/LeC/article/view/32421>>. Acesso em: 18 ago. 2021.

SILVA, Diogivânia Maria da; LIMA, Albenise de Oliveira. Mulher, trabalho e família na cena contemporânea. **Contextos Clínic**, São Leopoldo, v. 5, n. 1, p. 41-51, jul. 2012. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-34822012000100006&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 13 mar. 2024.

SILVA, Joasey Pollyanna Andrade da; CARMO, Valter Moura do; RAMOS, Giovana Benedita Jaber Rossini. As quatro ondas do feminismo: lutas e conquistas. **Revista de Direitos Humanos em Perspectiva**, Florianópolis, SC, 2021.

SILVA, Mirian Borges da. Do Feminismo Radical ao Feminismo Pró-Sexo: como a Pornografia é Vista? **Primeiros estudos**, v. 10, n. 2, 2023.

- SILVA, Zuleide Paiva da. Interseccionalidade como princípio do campo feminista. *In*: SILVA, Ana Lúcia Gomes da; SILVA, Jerônimo Jorge Cavalcante; RODRIGUEZ, Victor Manuel (Orgs.). **Intersecções em pauta: gênero, raça, sexualidades e classe social**. Salvador: Edufba, 2020, p. 274-300.
- SILVESTRE, Viviane Pires Viana. **Colaboração e crítica na formação de professores/as de línguas: teorizações construídas em uma experiência com o Pibid**. 1. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2017. 289 p.
- SILVESTRE, Viviane Pires Viana. Gênese de uma trajetória em curso na formação crítica de professoras/es de inglês. *In*: PESSOA, Rosane Rocha; SILVESTRE, Viviane Pires Viana; MONTE MÓR, Walkyria. **Perspectivas críticas de educação linguística no Brasil: trajetórias e práticas de professores/es universitários/os de inglês**. São Paulo: Pá de Palavra, 2018. p. 251-261.
- SILVESTRE, Viviane Pires Viana. Espaços de fala. (no prelo)
- SMITH, Anne Collins. Harry Potter, feminismo radical e o poder do amor. *In*: BASSAM, G. (Org.). **A versão definitiva de Harry Potter e a Filosofia**. São Paulo: Madras, 2011.
- SKLIAR, Carlos. **A escuta das diferenças**. Porto Alegre: Editora Mediação, 2019.
- TELLES, Lygia Fagundes. **Ciranda de Pedra**. São Paulo: Companhia das Letras, 1954.
- TRUTH, Sojourner; GILBERT, Olive. **“E eu não sou uma mulher?”** A narrativa de Sojourner Truth. [S. l.]: Ímã Editorial, 2020.
- VERGÈS, Françoise. **Um feminismo decolonial**. Tradução de Jamille Pinheiro Dias e Raquel Camargo. São Paulo: Ubu Editora, 2020.
- WALKER, Rebecca. **“Becoming the Third Wave”, Ms. 1992**. Disponível em: <https://msmagazine.com/2002/05/04/becoming-the-third-wave/>. Acesso em: 2 jan. 2024.
- WALSH, Catherine. Interculturalidade crítica e pedagogia decolonial: in-surgir, re-existir, reviver. *In*: CANDAU, Vera Maria (Org.). **Educação intercultural na América Latina: entre concepções, tensões e propostas**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009. p. 12-42.
- WOLF, Naomi. **O Mito da Beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres**. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.
- WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu**. São Paulo: Tordesilhas, 2014.
- WOOLF, Virginia. **Profissões para mulheres e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 2021.
- ZAKARIA, Rafia. **Contra o feminismo branco**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2021.
- ZIRBEL, Ilze. Ondas do Feminismo. **Blogs de Ciência da Universidade Estadual de Campinas: Mulheres na Filosofia**, v. 7, n. 2, 2021.

ANEXO A - Exemplo de uma narrativa: “O feminismo e eu”

Narrativa: O feminismo e eu

Minha relação com o feminismo é pautada por descobertas. Descobertas de autoras feministas, de heranças culturais sobre o feminismo, e de reflexões, questionamentos e inquietações facilitadas por esse movimento. É pautada, também, por uma autodescoberta. Pela manifestação, em mim, da inevitabilidade de lutar pelos direitos femininos e pela igualdade de gênero. Pela evidência da necessidade de buscar combater o sistema patriarcal marcado por violências físicas e morais direcionadas à figura feminina. Tais circunstâncias sinalizam um fato: a descoberta de minha pessoa enquanto mulher feminista.

Minha relação com o feminismo iniciou-se há alguns anos, sendo incitada pelo questionamento aos papéis e às normas sociais atreladas a cada gênero. Afinal, desde pequenas, nós mulheres somos imersas em uma matriz de estereótipos, sendo expostas a imposições sociais: “menina usa rosa”, “menina brinca de boneca”, “menina não joga futebol”, “menina deve ter cabelo comprido”, “menina chora por qualquer coisa”. Com o passar do tempo, as exigências voltadas ao papel feminino, inerentes à vida adulta, se agravam. A sociedade sinaliza os deveres, as obrigações e as incumbências que as mulheres possuem.

Além disso, delimita, em um viés de autorização, as permissões e as concessões relativas às atividades femininas. Constantemente, somos submersas a uma dinâmica: você pode isso, mas não pode aquilo; você tem a obrigação de fazer isso e não deve fazer aquilo. As relações de poder intrínsecas ao sistema social delimitam as normas de funcionamento da nossa própria vida. A situação assemelha-se a um jogo: nós, mulheres, consoante a determinação de regras, parecemos meras peças que são deslocadas de um local ao outro sem termos direito de tomar nossas próprias decisões.

Perante esse cenário, o feminismo apresentou-se, para mim, como a possibilidade de imersão em um processo de identidade que desintegra as limitações da existência feminina. Vi, nesse movimento, a oportunidade de me libertar das amarras, das gaiolas e das prisões construídas pelas nuances sociais. Passei a ter consciência da opressão, dos desafios e das barreiras erguidas diante

ANEXO B - Exemplo de uma narrativa: “Eu, futura/o docente de línguas, e o feminismo”

Eu (futura/o) docente de línguas e o feminismo.

O meu questionamento sobre a representação feminina na sociedade me veio em um dia que eu estava assistindo uma resenha sobre o final de Game of Thrones e o porquê a Daenerys uma personagem que evoluiu tão bem acabou como louca na história, então naquela hora eu percebi que a maioria das minhas personagens super-heroínas tinham aquele mesmo fim, ou enredo parecido com a da Daenerys. Mas com tempo fui deixando meio que de lado o feminismo nos quadrinhos, por medo de não ser meu local de fala. Até surgir o “minicurso-Letramento Feminista” ministrado pela minha ex-colega de turma e agora mestranda Jenni.

O curso em si foi tão instrutivo, com estilo roda de conversa as horas no curso passavam voando, nossa como eu aprendi. No curso tivemos as presenças de escritoras que eu não conhecia. Lelia Gonzalez, um exemplo do feminismo brasileiro, teve presença ativa em sociedade e nunca foi apresentada em aula. Outra escritora que tivemos acesso foi a Bell Hooks, maravilhosa.

O mais legal de tudo isso, aquela ideia inicial que eu tinha sobre o que é feminismo e a participação masculina nessa narrativa também pode ser inserida e entrar ativamente na conversa. Fui encorajado no curso a falar, mesmo as vezes estando envergonhado por se tratar de um tema muito delicado. Tomamos conhecimento do feminismo decolonial, sim, há uma diferença do feminismo tradicional.

Apesar das minhas ideias iniciais terem chegado muito cruas o minicurso amadureceu o lado feminista que havia em mim, hoje consigo me perguntar sobre questões que no início passavam batido, até mesmo situações que antes eram tão normais, como a ida a um barzinho com entrada “FREE” para mulheres, começou a ser despertado o “porquê?” o que causaria tal ação de mulheres com entrada de graça.

No entanto mesmo com enfoque do conteúdo feminista para nós foi bem explícito, no minicurso com temática “Letramento feminista” podemos aprender como abordar o tema feminismo sem assustar os alunos, pois, sabemos como a mídia difunde a ideia “feminismo” e como muitas vezes é mostrada com extremismo. O uso da literatura, principalmente o interartes na música pode ser explorada nessa temática chave e entregar de certa forma inconsciente o “feminismo” para os alunos de forma mais delicada e branda, trabalhar as ideias em sala de aula, o que eles conhecem sobre o feminismo e ajustar alguns termos ou concepção sobre assunto.

Os encontros de certa forma foram tão esclarecedores sobre o tema, que hoje situações que não percebia passei a perceber e refletir: Como posso intervir para mudar essa narrativa?

APÊNDICE A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)



Câmpus
Anápolis de Ciências
Socioeconômicas
e Humanas



Universidade
Estadual de Goiás



ESTADO
DE GOIÁS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

Você/Sr./Sra. está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), da pesquisa intitulada “O LETRAMENTO FEMINISTA DECOLONIAL NA EDUCAÇÃO LINGÜÍSTICA CRÍTICA: UMA EXPERIÊNCIA COM PROFESSORAS/ES DE LÍNGUAS EM FORMAÇÃO”. Meu nome é Jeniffer Gonçalves do Ó, sou mestranda, pesquisador(a) responsável por esta pesquisa. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, se você aceitar fazer parte do estudo, rubriche todas as páginas e assine ao final deste documento, que está impresso em duas vias, sendo que uma delas é sua e a outra pertence ao(a) pesquisador(a) responsável. Esclareço que em caso de recusa na participação você não será penalizado(a) de forma alguma. Mas se aceitar participar, as dúvidas *sobre a pesquisa* poderão ser esclarecidas pelo(a) pesquisador(a) responsável, via e-mail jenigoncalvesdoo@gmail.com, endereço Av. Juscelino Kubitschek, nº 146 - Bairro Jundiá - Anápolis – GO e, inclusive, sob forma de ligação a cobrar, acrescentando o número 9090 antes do(s) seguinte(s) contato(s) telefônico(s): (62)994215879/ (62)981000096. Ao persistirem as dúvidas *sobre os seus direitos* como participante desta pesquisa, você também poderá fazer contato com o **Comitê de Ética em Pesquisa** da Universidade Estadual de Goiás (CEP-UEG), localizado no Prédio da Administração Central, BR 153, Km 99, Anápolis/GO, CEP: 75132-903, telefone: (62) 3328-1439, funcionamento: 8h às 12h e 13h às 17h, de segunda a sexta-feira. O contato também poderá ser feito pelo e-mail do CEP-UEG: cep@ueg.br. O Comitê de Ética em Pesquisa é vinculado à Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) que por sua vez é subordinado ao Ministério da Saúde (MS). O CEP é responsável por realizar a análise ética de projetos de pesquisa com seres humanos, sendo aprovado aquele que segue os princípios estabelecidos pelas resoluções, normativas e complementares.

As pesquisadoras que compõem essa equipe de pesquisa são a mestranda Jeniffer Gonçalves do Ó e dra. Viviane Pires Viana Silvestre.

A leitura desse TCLE deve levar aproximadamente 30 minutos e a sua participação na pesquisa cerca de 20 horas.



Câmpus
Anápolis de Ciências
Socioeconômicas
e Humanas



Universidade
Estadual de Goiás



ESTADO
DE GOIÁS

1.1 Informações Importantes sobre a Pesquisa:

A pesquisa intitulada “O letramento feminista decolonial na educação linguística crítica: uma experiência com professoras/es de línguas em formação” é um estudo baseado nas perspectivas críticas e colaborativas, cujo objetivo geral é compreender os sentidos construídos pelos/as participantes do minicurso sobre a experiência de formação docente feminista e as possibilidades de desestabilização de estruturas hegemônicas/coloniais a partir dos letramentos feministas emergidas dos/as participantes da pesquisa, através da oferta de um minicurso para estudantes de licenciatura em Letras de qualquer instituição de ensino superior do país. Assim, o estudo visa fomentar um espaço de conscientização da autonomia e o senso crítico do/a licenciando/a, principalmente perante os letramentos feministas com viés decolonial na prática educativa e acadêmica.

Caso você aceite participar da pesquisa, você responderá um questionário inicial com suas informações pessoais (nome, idade, sexo, cor/raça, renda familiar média, grau de escolaridade, habilitação em Letras que está cursando etc). Além disso, haverá a gravação em vídeo todos os encontros do minicurso, tendo em vista que será ofertado na modalidade virtual. Ao todo, serão seis encontros, realizados no período de 8 de abril de 2023 a 13 de maio de 2023. Após o final do estudo, você fará uma narrativa pessoal sobre sua trajetória de aprendizagem e formação no minicurso.

Esta pesquisa não oferecerá risco físico aos/às participantes. Os/as participantes serão voluntários/as e há a opção de desistência a qualquer momento, sem prejuízo a eles/as. A escolha por desenvolver os encontros de forma remoto se dá pela possibilidade de maior adesão de integrantes e para usufruir dos recursos presentes no ensino remoto, tão utilizado durante a pandemia da COVID-19. Contudo, aos/as alunos/as mais tímidos, poderá haver risco moral mínimo durante as discussões e debates, podendo surgir momentos de constrangimento ou desconforto. Ademais, nas narrativas pessoais, esses/as integrantes também precisarão



Câmpus
Anápolis de Ciências
Socioeconômicas
e Humanas



Universidade
Estadual de Goiás



ESTADO
DE GOIÁS

expor suas vivências, pontos de vista e inquietações. Como pesquisadora, buscarei minimizar o risco moral, deixando os/as participantes a vontade e lembrando-o/a que ele/a não é obrigado/a a responder todas as questões e possui a liberdade de desistir da pesquisa quando quiser. Sendo assim, a participação na pesquisa não é obrigatória e o consentimento pode ser retirado a qualquer momento da pesquisa sem qualquer tipo de penalização ou prejuízo caso decidam fazê-lo. Há também o direito de pleitear indenização por eventuais danos causados por decorrência da participação na pesquisa.

Portanto, diante o exposto acima, sobre a permissão da gravação audiovisual e a divulgação dos resultados da pesquisa, rubrique a opção que mais achar correta. Sua opção será respeitada e cumprida.

- () Não permito a gravação/obtenção da minha imagem/voz.
() Permito a gravação/obtenção da minha imagem/voz.

Em caso de permissão da gravação/obtenção da imagem/voz:

- () Permito a divulgação da minha imagem/voz nos resultados publicados da pesquisa.
() Não permito a divulgação da minha imagem/voz nos resultados publicados da

pesquisa

Obs.: É importante que você rubrique as opções que julgar necessárias.

Por ser uma pesquisa sem fins lucrativos, os/as participantes não receberão nenhuma remuneração pela participação, tampouco haverá qualquer tipo de ônus caso decida por tomar parte dela. Os benefícios aos/as licenciandos/as em Letras serão: a possibilidade de participar de um minicurso de letramento de formação de professores/as que discutirá esses letramentos feministas decoloniais dentro da educação linguística crítica. O espaço será de reflexões, debates, atividades e por fim, certificação de 20 horas aos/as que concluírem o minicurso.



Câmpus
Anápolis de Ciências
Socioeconômicas
e Humanas



Universidade
Estadual de Goiás



ESTADO
DE GOIÁS

Não há necessidade de identificação, ficando assegurados o sigilo e a privacidade. Você poderá solicitar a retirada de seus dados coletados a qualquer momento, deixando de participar deste estudo, sem prejuízo. Haverá a garantia de acesso aos resultados da pesquisa pelos/as participantes (Resolução CNS n.º 510, de 2016, Artigo 17, Inciso VI), bem como o compromisso da pesquisadora em divulgar os resultados da pesquisa, em formato acessível ao grupo ou à população que foi pesquisada (Resolução CNS n.º 510, de 2016, Artigo 3º, Inciso IV; Artigo 17, Inciso VI). Os dados coletados nesta pesquisa serão guardados em arquivo digital (pdf, vídeo, doc e áudio), sob nossa guarda e responsabilidade, por um período de cinco anos após o término da pesquisa. Você poderá ter acesso aos mesmos a qualquer momento, bastando entrar em contato comigo, a pesquisadora responsável pelo e-mail jenigoncalvesdoo@gmail.com, ou pelos números (62) 99421-5879. Após esse período, o material obtido será picotado e/ou reciclado e todas as mídias apagadas. Para garantir, caso deseje não ser identificado na pesquisa, seu nome poderá ser substituído por números ou um pseudônimo.

1.2 Declaração do pesquisador responsável:

Eu, pesquisadora responsável por este estudo, esclareço que cumprirei as informações acima e que o participante terá acesso, se necessário, a assistência integral e gratuita por danos diretos e indiretos, imediatos ou tardios devido a sua participação nesse estudo; e que suas informações serão tratadas com confidencialidade e sigilo. O participante poderá sair do estudo quando quiser, sem qualquer penalização. Se tiver algum custo por participar da pesquisa, será ressarcido; e em caso de dano decorrente do estudo, terá direito a buscar indenização, conforme decisões judiciais que possam suceder. Declaro também que a coleta de dados somente será iniciada após a aprovação do protocolo pelo sistema CEP/CONEP.

É importante que você guarde em seus arquivos uma cópia deste documento eletrônico.



Câmpus
Anápolis de Ciências
Socioeconômicas
e Humanas



Universidade
Estadual de Goiás



ESTADO
DE GOIÁS

1.3 Consentimento do Participante de Pesquisa:

Eu, _____, abaixo assinado, discuti com o pesquisadora Jeniffer Gonçalves do Ó sobre a minha decisão em participar nesse estudo. Ficaram claros para mim quais são os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizados, seus desconfortos e riscos, as garantias de assistência, confidencialidade e esclarecimentos permanentes. Ficou claro também que minha participação é voluntária e isenta de despesas e que poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, sem penalidades ou prejuízo ou perda de qualquer benefício.

Anápolis, de de

Assinatura do(a) participante de pesquisa

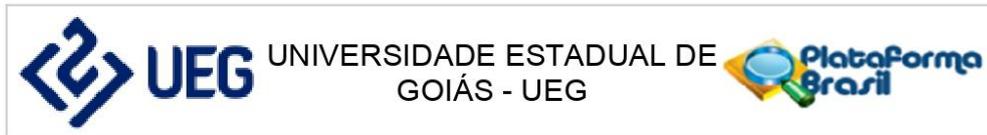
Data: ____ / ____ / ____

Jeniffer Gonçalves do Ó

Assinatura do(a) pesquisador(a) responsável

Data: 11/03/2023

APÊNDICE B - Parecer de Aprovação do Comitê de Ética da UEG



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: O LETRAMENTO FEMINISTA DECOLONIAL NA EDUCAÇÃO LINGUÍSTICA CRÍTICA: UMA EXPERIÊNCIA COM PROFESSORAS/ES DE LÍNGUAS EM

Pesquisador: JENIFFER GONCALVES DO O

Área Temática:

Versão: 3

CAAE: 65397822.2.0000.8113

Instituição Proponente: UEG CÂMPUS ANÁPOLIS DE CIÊNCIAS SOCIOECONÔMICAS E HUMANAS

Patrocinador Principal: FUND COORD DE APERFEICOAMENTO DE PESSOAL DE NIVEL SUP

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.957.753

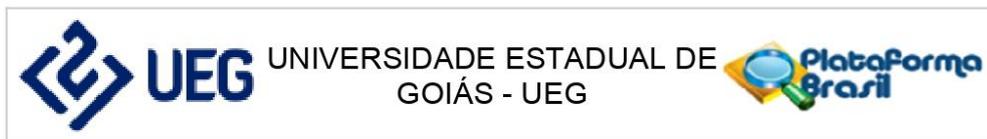
Apresentação do Projeto:

As informações elencadas nos campos "Apresentação do Projeto", "Objetivo da Pesquisa" e "Avaliação dos Riscos e Benefícios" foram retiradas dos arquivos Informações Básicas da Pesquisa ("PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2050639.pdf", de 19/03/2023) e projeto detalhado ("projetocep.docx", de 19/03/2023).

Desenho:

A presente pesquisa visa conceber o letramento feminista decolonial como ferramenta para um trabalho crítico na formação de professoras/es de línguas. Através da oferta de um minicurso com a temática, pela professora mestranda, busca também compreender os sentidos construídos pelos/as participantes do minicurso sobre a experiência de formação docente feminista e as possibilidades de desestabilização de estruturas hegemônicas/coloniais a partir dos letramentos feministas emergidas dos/as participantes da pesquisa. [...] Os objetivos são: a) Reafirmar a importância de uma educação feminista para um ensino de línguas decolonial e crítico; b) Discutir acerca das possibilidades de desestabilização de estruturas hegemônicas/coloniais a partir dos letramentos feministas. A problemática da pesquisa busca compreender a incursão de professores/ professoras (que estejam cursando licenciatura em Letras em todo o Brasil) nos letramentos feministas decoloniais. [...]

Endereço: BR 153 Quadra Área, Km 99, Bloco III, Térreo
Bairro: FAZENDA BARREIRO DO MEIO **CEP:** 75.132-903
UF: GO **Município:** ANAPOLIS
Telefone: (62)3328-1439 **E-mail:** cep@ueg.br



Continuação do Parecer: 5.957.753

Introdução:

De acordo com Anzaldúa (2009), a língua é uma ferramenta capaz de conectar identidades, capaz de comunicar as realidades e valores para os sujeitos. Para Jordão (2013, p. 73), “[...] Língua é discurso, espaço de construção de sentidos e representação de sujeitos e do mundo”. Entende-se, portanto, que há uma relação estabelecida entre língua e ideologias. Nessa esteira, Monte Mór (2013) afirma que “o[s] letramento[s] crítico[s] parte[m] da premissa de que a linguagem tem natureza política em função das relações de poder nela presentes” (MONTE MÓR, 2013, p. 42) e, desse modo, a educação linguística crítica tem o potencial de desenvolver uma conscientização crítica nos sujeitos. Duboc (2014) elege os aspectos fundamentais para um trabalho crítico: contextualização, heterogeneidade, subjetividade, multiplicidade de sentidos. Assim sendo, torna-se fundamental explorar temáticas que estejam presentes no cotidiano da sociedade. E perspectivas críticas que abordem temas como desigualdade de gênero e feminismo, além de estarem contextualizadas, são necessárias para a formação de sujeitos menos preconceituosos, com práticas menos machistas e misóginas. No que tange a formação de professores/as de línguas, concordo com Duboc (2018) que a postura crítica precisa ser realmente vivenciada pelo/a professor/a [...] pois “[...] parto da premissa de que só se pode ensinar de maneira crítica quem experimenta um exercício crítico”. (DUBOC, 2018, p. 22). [...] Entendo, portanto, que ao terem contato com os letramentos feministas, os/as professores/as de línguas ainda em formação serão possibilitados/as de acrescentá-los em suas praxiologias, seja na educação básica, seja na academia. Dialogando com Freire (1999, p. 92), “[...] Não é na resignação, mas na rebeldia em face das injustiças que nos afirmaremos”.

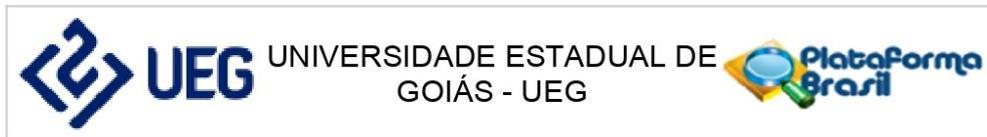
Hipótese:

Como hipótese, considero que um trabalho de formação docente com base em reflexões crítico-decoloniais sobre feminino na Educação Linguística Crítica, realizado por meio de sessões reflexivas e escriturais, pode gerar desestabilizações nas relações de poder machistas e patriarcais. Em muitos casos, considerar o letramento feminista nas aulas de línguas é justamente uma educação linguística crítica.

Metodologia Proposta:

De abordagem qualitativa (DENZIN; LINCOLN, 2003; 2018), será desenvolvida uma pesquisa-ação (THIOLLENT, 1985) através de um minicurso remoto sobre os letramentos feministas decoloniais

Endereço: BR 153 Quadra Área, Km 99, Bloco III, Térreo
Bairro: FAZENDA BARREIRO DO MEIO **CEP:** 75.132-903
UF: GO **Município:** ANAPOLIS
Telefone: (62)3328-1439 **E-mail:** cep@ueg.br



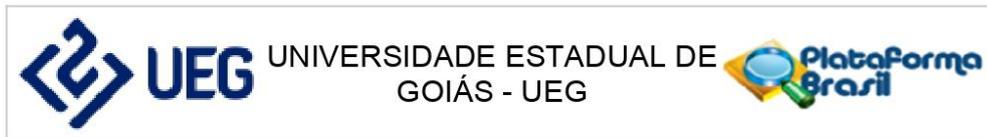
Continuação do Parecer: 5.957.753

voltado a estudantes de licenciatura em Letras de todo país. [...] O material empírico será gerado no minicurso a ser ofertado com o título: “O Letramento Feminista na Educação Linguística Crítica”. Destinado as/aos licenciandas/os de Letras de qualquer instituição de Ensino Superior no Brasil, o minicurso (já previamente acordado com a coordenação do Laboratório LIM do PPG-IELT/UEG a possibilidade da oferta ocorrer pelo laboratório com garantia de certificação dos/as participantes) contará com seis (6) encontros, sendo eles com (2) horas de duração cada. As inscrições para o minicurso se darão pela plataforma Sympla, requerendo o nome completo, CPF, nome da instituição superior a qual o/a licenciando/a está vinculado/a e o período em que está no curso de Letras. O único critério de inclusão do/as interessados/as é comprovação, por meio de uma declaração de matrícula ou algum outro documento da instituição de ensino superior da qual ele/a está matriculado. A declaração deverá ser enviada para o email da conta do laboratório (Gmail:comunicaielt@gmail.com). O formato será remoto, via Google Meet. Esses encontros ocorrerão uma vez por semana, nas tardes de sábado. Serão ofertadas 20 vagas. Intenciono que o formato do minicurso comporte aulas expositivas, rodas de conversa e momentos de reflexão em relação à temática abordada nos encontros, sendo mediados pela professora mestranda. Haverá sugestões de atividades multimodais às/aos participantes (textos escritos, colagens etc.), que serão realizadas tanto de forma síncrona, quanto de forma assíncrona. A geração de dados ocorrerá nos meses de março a abril de 2022, através dos encontros formativos na plataforma Google Meet. Para a fonte de material empírico será utilizado: encontros formativos do minicurso, diário de campo da professora pesquisadora, mensagens eletrônicas entre os/as integrantes, atividades realizadas pelos/as participantes, narrativa inicial (pré encontros: com a temática do conhecimento prévio acerca dos letramentos feministas decoloniais) e final (pós minicurso- impactos de conhecer mais sobre a temática) dos/as integrantes e demais documentos gerados. Portanto, o minicurso acerca de letramentos feministas decoloniais busca, na formação de professoras/es de línguas, [...] a transformação das relações e condições também requer uma aposta pedagógica que se estende criticamente a outros setores, com o afã de facilitar também sua descolonização por meio de uma ação político- ética compartilhada, assumida e aliada” (WALSH, 2009, p. 27).

Metodologia de Análise de Dados:

Análise qualitativa do material empírico gerado no minicurso. Os documentos de pesquisa serão analisados tendo como foco as perspectivas críticas em educação linguística e o feminismo decolonial (tendo como referência diferentes estudos na área de formação crítica de professores

Endereço: BR 153 Quadra Área, Km 99, Bloco III, Térreo
Bairro: FAZENDA BARREIRO DO MEIO **CEP:** 75.132-903
UF: GO **Município:** ANAPOLIS
Telefone: (62)3328-1439 **E-mail:** cep@ueg.br



Continuação do Parecer: 5.957.753

de línguas e teóricas feministas decoloniais) expressas nesses materiais. Num primeiro momento, será feito o levantamento de todos os materiais produzidos no âmbito do minicurso. Em seguida, será feita a análise do conteúdo desses materiais, com ênfase nas reflexões e práticas linguísticas críticas e feministas, para, então, seguir com a categorização dos dados analisados, com vistas a responder às perguntas de pesquisa, quais sejam: 1) Que sentidos são construídos pelos/as participantes do minicurso sobre a experiência de uma formação docente feminista? e 2) Quais possibilidades de desestabilização de estruturas hegemônicas/coloniais a partir dos letramentos feministas podem emergir dos/as participantes da pesquisa?

Critério de Inclusão:

O único requisito para a participação deste estudo é que os/as participantes sejam licenciandos/as em Letras de qualquer instituição de ensino superior em Goiás. Sendo assim, foi acordado com a coordenação dos Laboratórios LIM-LIFE do PPG-IELT/UEG a oferta de um minicurso pelos laboratórios com garantia de certificação dos/as participantes que será proposto após a aprovação do CEP (Comitê de Ética em Pesquisa). Porém, a oficina terá vagas limitadas (20) mantendo a vaga dos/as 20 primeiros/as que confirmarem a inscrição e que comprovarem estarem cursando uma graduação em licenciatura em Letras. O minicurso será divulgado por meios eletrônicos e postadas nos veículos digitais oficiais dos Laboratórios Lim-Life tais como do próprio programa (PPG-IELT/UEG), nas minhas pessoais e de instituições de Ensino Superior parceiras.

Critério de Exclusão:

Não foi mencionado.

Tamanho da Amostra no Brasil: 20

Objetivo da Pesquisa:

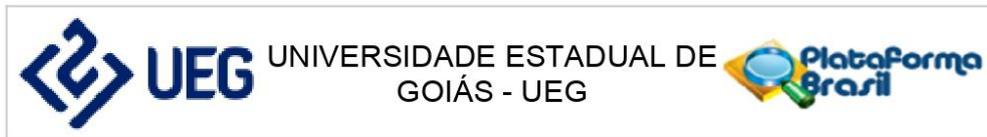
Objetivo Primário:

Este estudo tem por objetivo principal compreender os sentidos construídos pelos/as participantes do minicurso sobre a experiência de formação docente feminista e as possibilidades de desestabilização de estruturas hegemônicas/coloniais a partir dos letramentos feministas emergidas dos/as participantes da pesquisa.

Objetivo Secundário:

Reafirmar a importância de uma educação feminista para um ensino de línguas decolonial e crítico

Endereço: BR 153 Quadra Área, Km 99, Bloco III, Térreo
Bairro: FAZENDA BARREIRO DO MEIO **CEP:** 75.132-903
UF: GO **Município:** ANAPOLIS
Telefone: (62)3328-1439 **E-mail:** cep@ueg.br



Continuação do Parecer: 5.957.753

e discutir acerca das possibilidades de desestabilização de estruturas hegemônicas/coloniais a partir dos letramentos feministas.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Esta pesquisa não oferecerá risco físico aos/as participantes. Os/as participantes serão voluntários/as e há a opção de desistência a qualquer momento, sem prejuízo a eles/as. A escolha por desenvolver os encontros de forma remoto se dá pela possibilidade de maior adesão de integrantes e para usufruir dos recursos presentes no ensino remoto, tão utilizado durante a pandemia da COVID-19. Contudo, aos/as alunos/as mais tímidos, poderá haver risco moral mínimo durante as discussões e debates, podendo surgir momentos de constrangimento ou desconforto. Ademais, nas narrativas pessoais, esses/as integrantes também precisarão expor suas vivências, pontos de vista e inquietações. Como pesquisadora, buscarei minimizar o risco moral, deixando os/as participantes a vontade e lembrando-o/a que ele/a não é obrigado/a a responder todas as questões e possui a liberdade de desistir da pesquisa quando quiser.

Benefícios:

Por ser uma pesquisa sem fins lucrativos, os/as participantes não receberão nenhuma remuneração pela participação, tampouco haverá qualquer tipo de ônus caso decida por tomar parte dela. Os benefícios aos/as licenciandos/as em Letras serão: a possibilidade de participar de um minicurso de letramento de formação de professores/as que discutirá esses letramentos feministas decoloniais dentro da educação linguística crítica. O espaço será de reflexões, debates, atividades e por fim, certificação de 20 horas aos/as que concluírem o minicurso.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Verificar item "Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações".

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

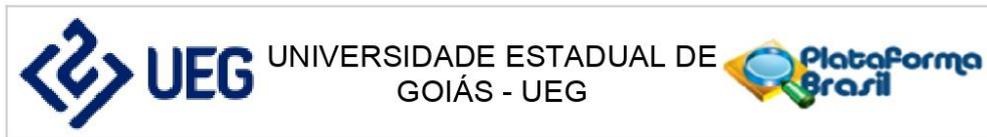
Verificar item "Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações".

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Prezado/a pesquisador/a,

Os elementos postos a seguir, como Lista de inadequações e pendências emitidas no parecer CEP n.º 5.954.883, visam garantir as exigências legais e deverão ser respondidas no prazo máximo de

Endereço: BR 153 Quadra Área, Km 99, Bloco III, Térreo
Bairro: FAZENDA BARREIRO DO MEIO **CEP:** 75.132-903
UF: GO **Município:** ANAPOLIS
Telefone: (62)3328-1439 **E-mail:** cep@ueg.br



Continuação do Parecer: 5.957.753

30 dias a partir da data de envio do parecer consubstanciado pelo CEP. Após esse prazo, o protocolo será ARQUIVADO.

1. Quanto ao Projeto Detalhado e às Informações Básicas da Pesquisa – referente aos arquivos “PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2050639.pdf” e “projeto_jeni_cep.pdf”, postados na Plataforma Brasil em 21/11/2022.

1.1 Cronograma

Solicita-se corrigir a data de geração/coleta dos dados registrada nas seções “Metodologia da Proposta” (“PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2050639.pdf”) e “Metodologia” (“projeto_jeni_cep.pdf”), onde consta: “A geração de dados ocorrerá nos meses de março a abril de 2022”.

RESPOSTA (referente à versão 2): A data de geração dos dados foi alterada em ambos os documentos.

ANÁLISE: PENDÊNCIA ATENDIDA

1.2 Metodologia

Como a geração de dados ocorrerá a partir da realização de um projeto pedagógico, solicita-se inserir, na documentação do protocolo, o projeto de ação pedagógica, a fim de que este CEP tenha melhores condições de fazer a análise ética do procedimentos previstos.

RESPOSTA (referente à versão 2): O projeto da ação pedagógica (Programa_curso_letamentos_feministas.pdf, de 12/02/2023) foi incluído no protocolo. O documento não apresenta problema de ordem ética.

ANÁLISE: PENDÊNCIA ATENDIDA

1.3 Detalhes das etapas da pesquisa em ambiente virtual

Endereço: BR 153 Quadra Área, Km 99, Bloco III, Térreo
Bairro: FAZENDA BARREIRO DO MEIO **CEP:** 75.132-903
UF: GO **Município:** ANAPOLIS
Telefone: (62)3328-1439 **E-mail:** cep@ueg.br

APÊNDICE C - Programação do minicurso



<p>II ENCONTRO 15/04 Sábado</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Tema: A colonialidade e o feminismo: principais críticas ao feminismo liberal • Contextualização do movimento feminista e suas três principais “ondas” • Discussão acerca das principais vertentes feministas • Críticas ao feminismo liberal <p>REFERÊNCIAL TEÓRICO DO ENCONTRO:</p> <p>HOOKS, bell. Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. São Paulo: Martins Fontes, 2017.</p> <p>HOOKS, bell. O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras. 1 ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.</p> <p>VERGÈS, Françoise . Um feminismo decolonial. Tradução de Jamille Pinheiro Dias e Raquel Camargo. São Paulo: Ubu Editora, 2020.</p> <p>WALSH, Catherine. Interculturalidade crítica e pedagogia decolonial: in-surgir, re-existir, reviver. In: CANDAU, V. M. (Org.). Educação intercultural na América Latina: entre concepções, tensões e propostas. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009. p. 12-42.</p> <p>WOLF, Naomi. O Mito da Beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.</p>
--	---

<p>III ENCONTRO 22/04 Sábado</p>	<p>Tema: O feminismo decolonial; o feminismo negro e interseccionalidades</p> <ul style="list-style-type: none"> • Apresentação de teóricas feministas decoloniais • O feminismo negro e suas principais vozes • Interseccionalidade: O que é? <p>Atividade síncrona:</p> <p>Construção de uma padlet colaborativo com as principais autoras feministas decoloniais e resumo de suas trajetórias.</p> <p>REFERENCIAL TEÓRICO DO ENCONTRO</p> <p>AKOTIRENE, Karla. Interseccionalidade. São Paulo: Polém, 2019.</p> <p>COLLINS, Patricia Hill Collins; BILGE, Simma. Interseccionalidade. São Paulo: Boitempo Editorial, 2021.</p> <p>CRENSHAW, Kimberlé. Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory, and Antiracist Politics. The University of Chicago Legal Forum, 1989, p. 538–554. Disponível em: https://chicagobound.uchicago.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1052&context=ucf. Acesso em 08 ago. 2022.</p> <p>GONZALEZ, Lélia. Por um Feminismo Afro-Latino-Americano: Ensaios, Intervenções e Diálogos. Rio Janeiro: Zahar, 2020. 375 p.</p> <p>HOOKS, bell. O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras. 1 ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.</p> <p>LUGONES, Maria. Colonialidade e gênero. Tabula Rasa [online] n.9. 2008. p.73-102.</p> <p>VERGÈS, Françoise. Um feminismo decolonial. Tradução de Jamille Pinheiro Dias e Raquel Camargo. São Paulo: Ubu Editora, 2020.</p>
---	---

<p style="text-align: center;">IV ENCONTRO 29/04 sábado</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Tema: Análise de trabalhos acadêmicos com perspectivas feministas <p>Discussão e análise dos trabalhos acadêmicos com perspectivas feministas elaborados pela professora mestranda</p> <ul style="list-style-type: none"> • Sequência didática: “Quem quer ser Amélia”? Abordando diversidade de gênero na educação básica; • A masculinidade abusiva e a culpabilização da mulher nas obras Amor e Sangue (Brás, Bexiga e Barra Funda) e Ciranda de Pedra; • Material didático: A sobrecarga da mulher da pandemia • Por uma linguística aplicada corporificada: possibilidades para uma educação linguística interseccional <p>REFERÊNCIAL TEÓRICO DO ENCONTRO:</p> <p>GONÇALVES DO Ó, Jeniffer. Letramentos Feministas na formação crítica de uma professora licencianda de línguas. 2022. 36 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Letras Português- Inglês e suas respectivas literaturas) - Universidade Estadual de Goiás, Anápolis, 2022.</p> <p>GONÇALVES DO Ó; RODRIGUES; NAZÁRIO (2022). Quem quer ser Amélia? O Pibid de Língua Portuguesa abordando a desigualdade de gênero em uma turma de EJA.</p> <p>REZENDE, Tânia Ferreira. Letramento Feminista na construção de políticas públicas para mulheres. In: MARTINS, Martha Julia; BOLFARINE, Mariana; SILVA, Jairo da Silva e (org.). Linguagens e feminismos. Ananindeua: Itacaitunas, 2021. p. 9-13</p>
<p style="text-align: center;">V ENCONTRO 06/05 Sábado</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Tema: Produção de material didático de línguas feminista com viés decolonial <p>Preparar ou adaptar um material didático de línguas considerando as especificidades da perspectiva feminista decolonial usando um roteiro a ser disponibilizado pela professora formadora (com objetivo, tempo, recurso. A atividade pode ser realizada individualmente, em dupla ou trio.</p>



VI ENCONTRO 13/05 SÁBADO	<ul style="list-style-type: none"> • TEMA: Apresentação do material didático elaborado e proposta de narrativa pessoal pós minicurso • Exposição/troca/diálogo a respeito dos materiais elaborados • Copilado desses materiais para uma pasta no google drive (deixando o acesso livre a todos as/os participantes) • Proposta da narrativa pessoal com o feedback do minicurso
---	---

Referências

- AKOTIRENE, Karla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Polém, 2019.
- CADILHE, Alexandre. J. Fabricando paraquedas coloridos: linguística aplicada, decolonialidade e formação de professores. **Raído**, v. 14, n. 36, p. 56-79, 2020. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/Raído/article/view/11943>. Acesso em 10 mai. 2022.
- CÔRTEZ, CRISTIANE.; PEREIRA, MARIA DO. ROSÁRIO ALVES (ORG.). **ESCREVIVÊNCIAS: IDENTIDADE, GÊNERO E VIOLÊNCIA NA OBRA DE CONCEIÇÃO EVARISTO**.
- COLLINS, Patricia Hill Collins; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2021.
- CRENSHAW, Kimberlé. **Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory, and Antiracist Politics**. The University of Chicago Legal Forum, 1989, p. 538-554. Disponível em: <https://chicagounbound.uchicago.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1052&context=ucflf>. Acesso em 08 ago. 2022.
- GONÇALVES DO Ó, Jeniffer. **Letramentos Feministas na formação crítica de uma professora licencianda de línguas**. 2022. 36 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Letras Português- Inglês e suas respectivas literaturas) - Universidade Estadual de Goiás, Anápolis, 2022.
- GONÇALVES DO Ó; RODRIGUES; NAZÁRIO (2022). **Quem quer ser Amélia? O Pibid de Língua Portuguesa abordando a desigualdade de gênero em uma turma de EJA**.
- GONZALEZ, Lélia. **Por um Feminismo Afro-Latino-Americano: Ensaios, Intervenções e Diálogos**. Rio Janeiro: Zahar, 2020. 375 p.
- HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: Martins Fontes, 2017.
- HOOKS, bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. 1 ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.
- LUGONES, Maria. Colonialidade e gênero. *Tabula Rasa* [online] n.9. 2008. p.73-102.
- MOITA LOPES, L. P. (Org.). **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.
- MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Gênero, sexualidade, raça em contexto de letramentos escolares. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.). **Linguística Aplicada na modernidade recente: festschrift para Antonieta Celani**. São Paulo, Parábola Editorial, 2013. p. 227-247.
- REZENDE, Tânia Ferreira. **Letramento Feminista na construção de políticas públicas para mulheres**. In: MARTINS, Martha Julia; BOLFARINE, Mariana; SILVA, Jairo da Silva e (org.). **Linguagens e feminismos**. Ananindeua: Itacaiúnas, 2021. p. 9-13
-



SILVESTRE, Viviane Pires Viana. **Colaboração e crítica na formação de professores/as de línguas: teorizações construídas em uma experiência com o PIBID**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2017.

VERGÈS, Françoise . **Um feminismo decolonial**. Tradução de Jamille Pinheiro Dias e Raquel Camargo. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

WALSH, Catherine. Interculturalidade crítica e pedagogia decolonial: in-surgir, re-existir, reviver. In: CANDAU, V. M. (Org.). **Educação intercultural na América Latina: entre concepções, tensões e propostas**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009. p. 12-4
